

REVISTA DA SEMANA

N.º 27

201 IM TCEO O DEASIL

5 7-47

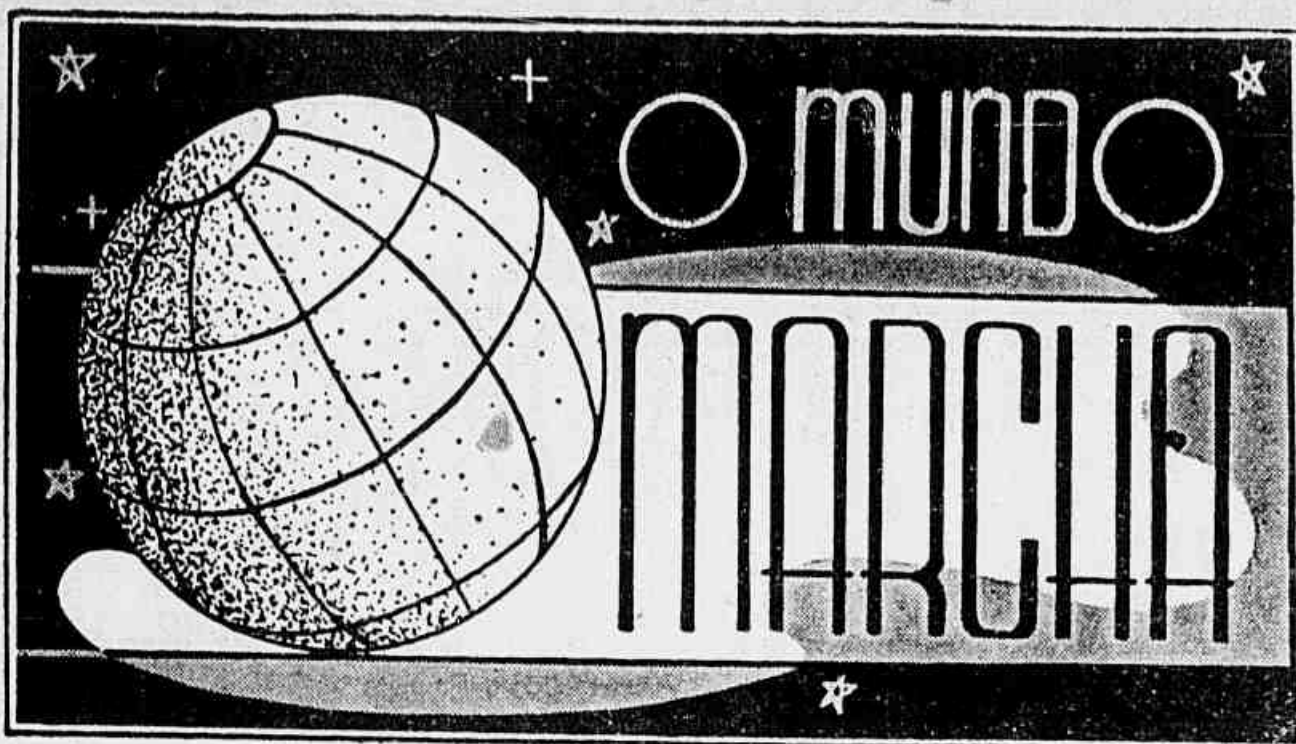




NO CONFORTAVEL LAR DE JOAN FONTAINE

Joan Fontaine, essa encantadora "estrela" de Hollywood, não se deixa influenciar pelas glórias tão justamente conquistadas graças às suas magnificas interpretações oferecidas aos seus milhares de "fans" de todo o mundo. Quando fora dos estúdios Miss Fontaine passa todas as suas horas de descanso no seu confortável lar, e como qualquer boa dona de casa preocupa-se muito em torna-lo cada vés mais agradável e acolhedora. A magnífica interprete de tantos sucessos, tais como "Rebecca", "Suspeita" "Só resta uma lagrima" promete-nos para breve mais um trabalho seu em "Ivy" ao lado de Richard Ney Patrick Knowles e Hubert Marshall, filme este da Universal Internacional.





Aprovando uma proposta do DASP, o general Eurico Gaspar Dutra resolveu recomendar aos diversos ministérios que, de agora por diante, seja dada preferência aos ex-pracinhas para as nomeações para cargos interinos. Já era tempo, afinal, de que se fizesse alguma coisa, nesse sentido, em favor dos nossos bravos soldados que lutaram na Itália contra o totalitarismo. Foi muito simpático o gesto do prefeito municipal, general Angelo Mendes de Moraes, cedendo a Paschoal Carlos Magno e aos rapazes do Teatro do Estudante o Parque da Cidade, para uma concentração artística, destinada a promover ensaios intensivos das peças que esse conjunto brevemente levará à cena. A impressão geral deixada pela temporada francesa da companhia chefiada por Marie Bell, "estrela" dos filmes "Um carnet de balie" e "La Gaijonne", foi de completo desagrado, devido ao repertório quase todo inexpressivo e nada representativo do atual teatro francês, que ela ou seus empresários escolheram. Marie Bell, com um diretor como Julien Duvivier, vai muito bem, mas quando ela própria é quem dirige vai mal, muito mal mesmo... E é uma pena, porque se trata de uma grande artista, — uma grande artista que não sabe escolher repertório à altura do seu mérito... Um crime sensacional ocorreu na Tijuca, onde um pedreiro matou, com uma barra de ferro, a velha milionária espanhola Tomasa Cortez Clementes, que fora enriquecida por um dos seus antigos amantes, um grande comerciante do Rio de Janeiro. A velha foi liquidada quando ouvia, ao rádio, uma novela-dramalhão, ao mesmo tempo de amor e de horror... Dizem, da França, que ali a polícia descobriu documentos referentes a uma grande conspiração fascista, o que não é de admirar, pois em muitos lugares os fascistas estão levantando a crista e até apedrejando homens puros, idealistas sinceros e integros como Henry Wallace. Os fascistas franceses estavam preparando um levante para o mês de julho. Nesse movimento estavam envolvidos o general Guillolet, comandante da Polícia do Ministério da Guerra, mais quatro generais inveteradamente direitistas, o jornalista M. Devuipian, diretor do semanário "France Vivante", e a senhora De Wailefe, em cuja casa os conspiradores se reuniam, — que havia de dizer! — diante de um retrato de Benito Mussolini, o celerado que apunhou a França pelas costas! Que monstros, esses fascistas franceses... João Augusto da Silva, um brasileiro que quer se candidatar à presidência da República, ouviu talvez falar de que se os homens públicos devem se despir de funções oficiais, ao se fazerem candidatos... e foi mais longe, aparecendo na rua do Ouvidor, esquina da rua do Carmo, inteiramente despido, em trajes de Adão! Em lugar de lhe registrar a candidatura perante a justiça eleitoral, a polícia do 7.º Distrito o prendeu e o deixou em observação. A senhora Henriette Risner Morineau, atriz ilustre, que trabalhou ao lado dos maiores atores franceses e, ultimamente, se radicou no Brasil, deu-nos mais uma criação magistral, no Regina, na protagonista de "Elisabeth de Inglaterra", de André Jousser. É um trabalho que, na verdade, merece ser visto. Dancina de Moraes, nossa grande atriz dramática, recebeu há dias, uma carinhosa homenagem, no Teatro João Caetano, onde a atriz Darcy Gonçalves a brindou com uma pitoresca imitação. E, agora, é homenageada novamente, por Alda Garrido, no Rival, cena de seu grande triunfo em "Marquesa de Santos", de Viriato Correia, e onde Paschoal Carlos Magno a saudara no palco. Jayme Costa, o grande ator característico, celebrado pela sua excepcional criação no papel de D. João VI em "Carriota Joaquina", comentada até pela imprensa dos Estados Unidos, resolveu pletear junto ao Serviço Nacional de Teatro faculdades no sentido de reconstituir os cenários e o guarda-roupa dessa peça histórica, afim de dar novas séries de representações. O presidente do Chile, Sr. Gabriel Gonzalez Videla, recebeu durante a semana as mais expressivas homenagens das autoridades e do povo do Rio de Janeiro. O presidente visitante gostou tanto do baile do Itamaraty que não hesitou em quebrar o protocolo, — isto é, fez uma saída falsa, para dar ao general Eurico Gaspar Dutra a oportunidade de se retirar cedo do baile, mas depois voltou ao palácio da rua Marechal Floriano, onde ainda dançou durante mais de duas horas... Anuncia-se que, dentro de algumas semanas, os primeiros aviões comerciais movidos a motor e impulsionados a jato, da Consolidated Vultee, cobrirão as linhas da América Latina, a serviço da Pan American Airways. Esses aviões são do tipo "Convair" o novo e possante transporte aereo, hoje ansiosamente esperado em toda parte onde foram divulgadas, há tempos, as suas qualidades de eficiência e arrojo como concepção aeronáutica, encerrando os últimos aperfeiçoamentos da engenharia especializada, de desenho e potencia extraordinária, é o primeiro avião comercial a utilizar a propulsão a jato e é também o primeiro bimotor dotado de cabine hermética. Com velocidade, propulsão e característica de segurança até hoje não igualladas pelos aviões civis bimotores, os novos "clippers" voam a 480 quilômetros por hora, com 40 passageiros a bordo e podem alcançar até 545 u. h. p., navegando a 4.300 metros de altura, num raio de ação de mais de 1.200 quilômetros. Foram reeleitos, presidente e secretário geral da UDN, o senador José Americo de Almeida e o deputado Anomiar Baicero. Recomeçou a greve dos estudantes das escolas superiores, no Rio e em outras cidades. O RSD requereu ao Superior Tribunal Eleitoral que se mandasse sobre o preenchimento das vagas dos deputados do senador e dos vereadores comunistas. Em primeiro lugar, não seria melhor que o Tribunal decidisse primeiro se os mandatos estão realmente extintos ou se são ainda vândos? O que parece mais logico e que se faça uma nova eleição, juntamente com as dos prefeitos municipais, para preencher as vagas, se vagas realmente houver. O general Douglas Mac-Arthur, agora mais indulgente para com o Japão e os japoneses do que outrora, acha que a ocupação militar do Japão deve ser limitada a cinco anos, mas acredita que durante toda uma geração o imperio amarelo seja superintendido e fiscalizado... Mas, afinal, isso não é sinonimo de ocupação? Superintender e fiscalizar a distancia é coisa na verdade impossivel... Eva Peron foi a Roma e viu o Papa, aproveitando Pio XII o ensejo para agradecer o general, seu marido (dela, Eva) e presidente da Argentina. Anuncia-se que a Hungria está ameaçando com a pena de morte os jornalistas que publicarem noticias desagradaveis sobre o pais, — e com isso intrinje duas das liberdades de Roosevelt, — a de imprensa e a de não ter medo...

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e queimadura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECRETAS M.
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



As irlandesas são mundialmente afamadas pela sua beleza. Eis duas camponesas de Connemara.

IRLÂNDIA, A ILHA DAS ESMERALDAS

HÁ SETECENTOS ANOS LUTA PARA SEPARAR-SE INTEIRAMENTE DA INGLATERRA, MAS OS VINCULOS ECONÔMICOS E CULTURAIS CADA VEZ MAIS AS APROXIMAM — GENERAIS E ESTADISTAS DE SANGUE IRLANDÊS — O NORTE PROTESTANTE EM OPOSIÇÃO AO SUL CATÓLICO — ONDE FICOU O TRAÇO DA PASSAGEM DOS ESPANHOIS QUE FRANCIS DRAKE DERROTOU

Por **SIMON WOLF**

Especial para **REVISTA DA SEMANA**

COMPETE aos joalheiros decidirem quais as pedras que se harmonizam e se combinam numa obra d'arte. A história das relações entre a Grã-Bretanha e a Irlanda tem-se caracterizado por muitas divergências e dissonâncias. Inquietantes são também as relações entre o Ulster, que faz parte do Reino Unido (Grã-Bretanha e Irlanda do Norte), de um lado, e o Estado Livre da Irlanda, ou Eire, situado na Irlanda do Sul, de outra. A comunidade Britânica, é, entretanto, uma república completamente independente. Embora o Eire, de certa forma, seja parte do Co-

mo é possível tal fato? A frente da família de nações britânicas — quer chamemo-la Comunidade ou Império — se encontra o Reino da Inglaterra, e logicamente há uma incompatibilidade entre a forma de governo republicana e a monárquica. Nas relações entre a Grã-Bretanha e a Irlanda e na própria Irlanda, não precisamos investigar muito para descobrirmos um exemplo frisante de tudo quanto é ilógico e paradoxal tanto sob o ponto de vista geral como sob o ponto de vista político. O pensamento lógico não é um predicado característico da raça irlandesa, tão bem dotada de romantismo, poesia, senso estético e amor à vida.

Outra questão bisantina seria: como se explica que, durante a guerra o Eire, mantendo-se neutro, haja enviado às forças armadas britânicas milhares de filhos e filhas? Centenas de milhares de homens e mulheres lutaram galhardamente, e muitos deles morreram nos campos de batalha. Grande numero recebeu altas condecorações por atos de bravura e ação em combate — o que não é de admirar, — pois os irlandeses tanto são bons combatentes como de homens de trabalho.

Pedi a um alto funcionário do Governo de Dublin, — que não morria de amores pela Inglaterra! — uma justifi-

Catedral Católica de Dublin, construída no século 12, no local de uma primitiva edificação dinamarquesa, e completamente restaurada em 1871.



ciativa para este contraste evidente entre o Eire oficialmente neutro, e seus filhos que lutaram, embora em caracter não oficial. Encolheu os ombros e sorriu, dizendo: Se há irlandeses que combatem pela Inglaterra é "porque querem". O marechal Montgomery, sem dúvida o maior gênio militar da Segunda Grande Guerra Mundial, nasceu na Irlanda. O marechal Alexander, outro notável comandante Britânico, com uma inteligência estratégica de primeira classe, também é irlandês. Como explicar isso. E' que a despeito de tudo, os laços que prendem o povo irlandês ao britânico ainda são muito fortes — e estão bem enraizados para se desfazerem mesmo ante disputas e divergências sérias. Segundo, todo irlandês compreende que se a Inglaterra naufragar, a Irlanda não poderá sobreviver. Terceiro o seu povo é democrático e odeia visceralmente qualquer regime ditatorial. E finalmente gostam muito da luta para ficarem assistindo-a de palanque.

Fiz uma entrevista com o diretor do Departamento de Informação do Governo de Dublin que girou, principalmente, em torno do problema: A atitude da Irlanda em relação à Grã-Bretanha. Quaisquer que fossem as questões apresentadas, a conversa esteve sempre voltada para este ponto. A Irlanda não esquece, — tanto a Irlanda não-oficial, como a representada pelo "premier" De Valera, — e muito menos despreza a importância deste problema. O funcionário de Dublin disse-me: "Nossa luta pela independência jamais cessou desde 1250, ano em que a Inglaterra, pela primeira vez, pisou em nossa ilha. Nós, no Sul, conquistamos a independência através de muitos sacrifícios. O Ulster ainda não está unido à nossa terra e nós, assim, continuamos divididos. Por isso, essa luta não está terminada. Jamais concordaremos com a situação atual. Não poderá haver paz, no sentido real da palavra, enquanto a parte norte da ilha não estiver unida ao Eire".

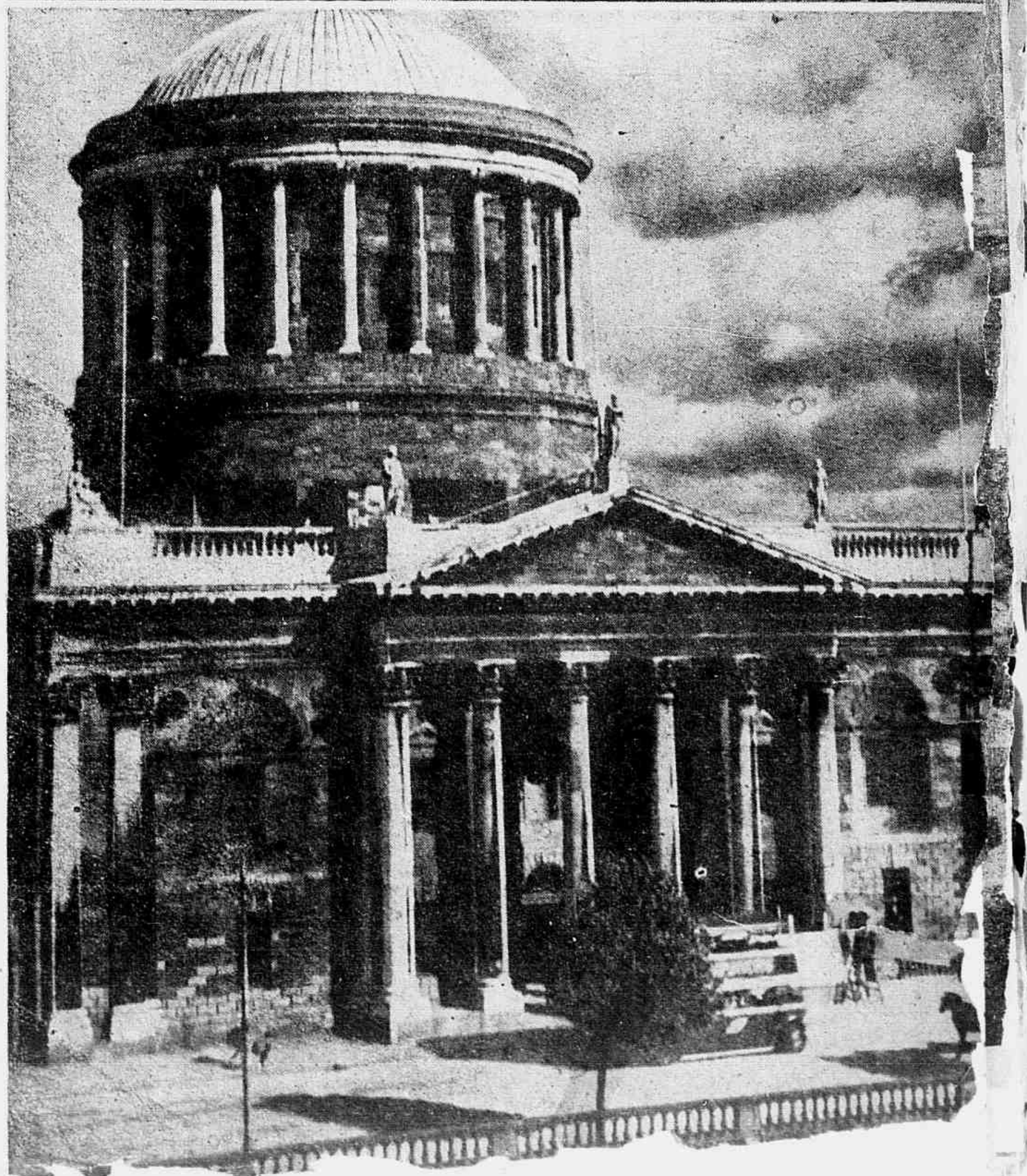
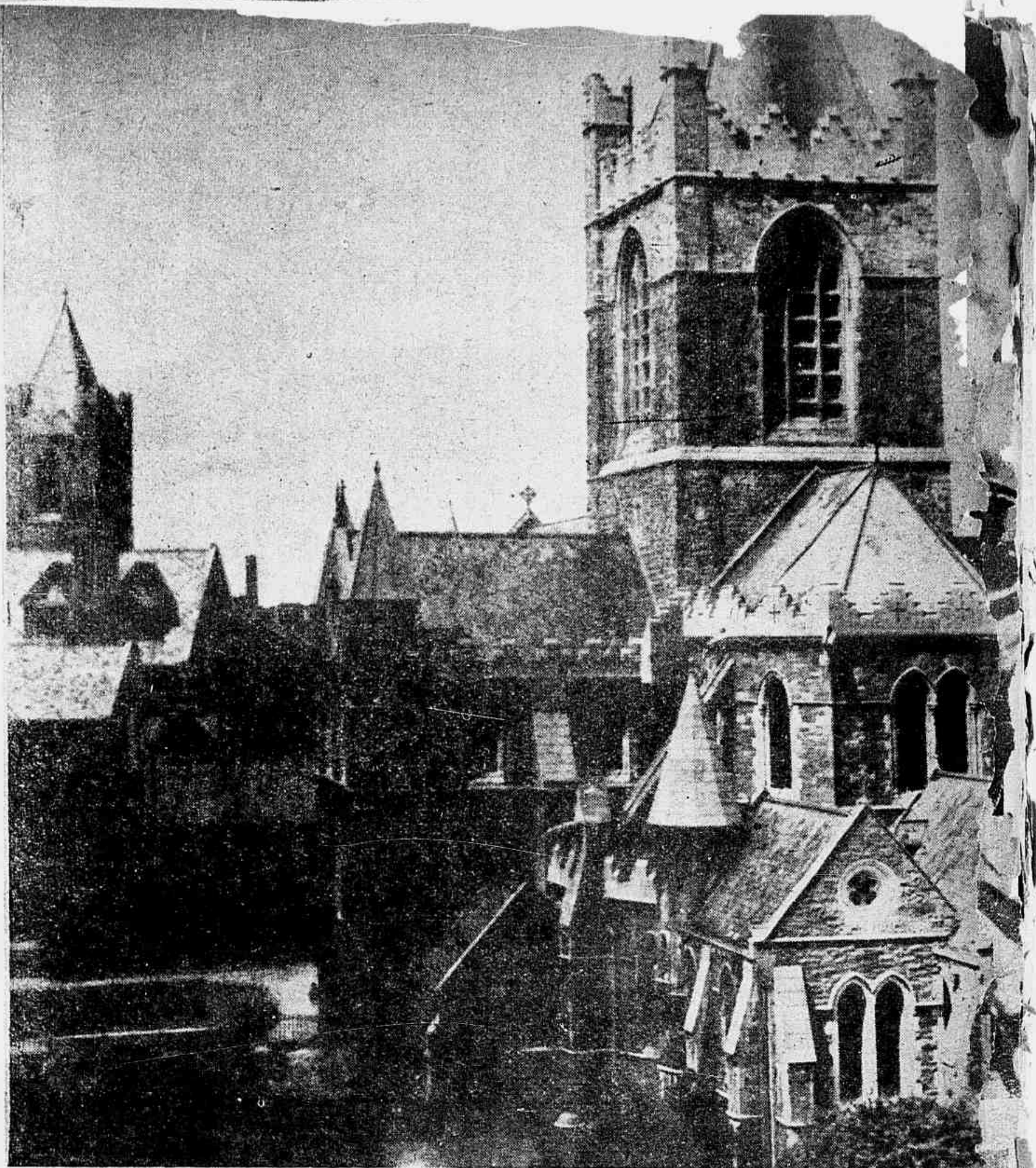
Perguntei-lhe como pensava que isso pudesse ser resolvido. "Certamente, não será pela violência", foi a resposta. "Não desejamos mais derramamento de sangue, especialmente numa guerra contra a Inglaterra. A Irlanda teria de combater em ambas as frentes, — a nossa e a inglesa, — pois, sem dúvida, Londres mobilizaria contra nós os homens do Ulster, que são, em grande maioria, celtas. Mas, mesmo no perturbado mundo em que vivemos, ainda deve haver soluções pacíficas e baseadas nisso, jamais deixaremos de reclamar nossos direitos. Mais cedo ou mais tarde a opinião pública da Inglaterra — a grande força dessa grande nação — gritará e far-se-á ouvida. O que jurídica e historicamente nos pertence, nos deve ser devolvido".

Foram essas palavras chelas de fé que ouvimos em Dublin. Também este é o fundamento da política de De Valera, cujo prestígio é imenso em todo o Eire. Entretanto, se mencionarmos o mesmo problema em Belfast, capital da Irlanda do Norte, e se pesquisarmos a opinião geral da população do Ulster, verificaremos então, que não pode haver qualquer hipótese do Ulster vir a fazer parte do Eire. A situação atual, a de um compromisso, é a melhor sob todos os aspectos.

Geograficamente o Ulster é parte da ilha da Irlanda, entretanto são muito fortes os contrastes entre as regiões do Norte e o Estado Livre. Ulster sintoniza com o patriotismo inglês, enquanto a atitude oficial do Eire para com a Grã-Bretanha é, pelo menos, de crítica. Ulster é protestante, industrialmente bem desenvolvida e conserva o caracter inglês. O Norte é arrogante, católico, austero — o Sul musical, colorido e cortês. Belfast é maior do que Dublin. Entretanto, esta é uma cidade com características próprias, enquanto aquela é como qualquer cidade do interior da Inglaterra.



O "Four Courts", de Dublin, sede das Cortes de Justiça da Irlanda.





Este Irlandês usa roupa de tecido flado em casa. Também é de tecido trabalhado da mesma forma, a blusa vermelha de sua netinha.



Seria um erro imaginar que o povo do Estado Livre, a maioria do qual apela ardorosamente a política intransigente de De Valera, conserve uma atitude anti-britânica. A atitude do governo de Dublin para com a Grã-Bretanha é correta e fria, mas não hostil. Quando nos confundimos com o povo do Eire, verificamos, — embora pareça um paradoxo — muita paixão e amizade pela Inglaterra. O Irlandês do sul tem boa memória. Ainda hoje, embora falem das "perturbações", isto é, dos períodos de rebelião e de aniquilamento dos patriotas, há pouco tempo, em Dublin, na comemoração realizada em praça pública pelo termino das hostilidades da Segunda Guerra Mundial, o povo reunido na grande praça cantou o "God save the King", o hino nacional inglês. Atualmente seria impossível, no Eire, hostilidade à Grã-Bretanha, simplesmente porque muitos jovens irlandeses, de ambos os sexo, emigram para a vizinha Inglaterra, ou para a Escóssia, à procura de emprego e de meios de subsistência. A Irlanda é linda, mas pobre, sem recursos para alimentar seus próprios filhos. Centenas de milhares de famílias da Irlanda são sustentadas pelos filhos e filhas que trabalham na Inglaterra. O Exército Republicano, organização terrorista ilegal, poderoso fator entre as duas guerras e causa de muitos dissabores tanto para a Grã-Bretanha como para o Governo do Eire, perdeu toda sua importancia e já não conta mais com muitos dos seus propugnadores. Atualmente pouco se fala dele.



O'Connell Street, a principal arteria de Dublin, que tem o nome de Daniel O'Connell, o grande Catolico que lutou pela independencia da Irlanda. Ao fundo vê-se o monumento erguido em sua memória, e atrás o Nelson's Pinar, a réplica irlandesa a Coluna de Nelson em Trafalgar Square, de Londres.



tamente independente.
tro. Embora d Eire, de certa forma, seja parte do Reino Unido e amo.

Velhinha de Countí Corú, com o manto de capuz, a tradicional vestimenta feminina do Sudoeste do Eire. Esses mantos de lã, feltos à mão, são tidos como relíquias de família, e comumente se transmitem de mãe a filhas, de geração a geração.



A língua é outro elo. Na Irlanda, toda gente fala inglês. Não só as classes intelectuais e comerciais, como também o camponês e os pastores das aldeias mais afastadas, na Costa do Atlântico. O governo faz grandes esforços para reavivar a antiga língua celta, o gaélico. Embora seja ensinada nas escolas, e as mais belas do Irish sejam em Gaélico, não obstante ser a língua do Rádio de Dublin e haver nos jornais colunas e mais colunas escritas em Gaélico, esta língua, cujas raízes são do Welsh, do Antigo Escossês, do Bretão e do Normano, está longe de ser compreendida em todas as partes do Eire.

Um laço importante é a unidade de moeda entre a Grã-Bretanha e o Eire. A libra inglesa é aceita em toda parte do Eire sem restrições, e corresponde em valor à libra irlandesa, não havendo limites nas transações monetárias entre os dois países.

Verifica-se, pois, que são muitos os elos existentes entre os dois países. Entretanto, quando perguntel ao diretor do Departamento de Informação do Governo de Dublin, "quais os laços que o ligavam à Grã-Bretanha", ele respondeu. "O rei da Inglaterra assina as credenciais de nossos estrangeiros, e isto é tudo". Acrescentou que estas duas sina os acordos comerciais que concluímos com os países estrangeiros, e isto é tudo". Acrescentou que estas duas prerrogativas do Rei da Inglaterra são baseadas "unicamente na vontade do povo irlandês e foram aprovadas pelo Parlamento e Dublin, apenas para mostrar à Grã-Bretanha e à população do Ulster que o Eire não é um inimigo da



Cisnes nadando na embocadura do rio Galwai.





Cena do "show" do famoso "Gaiety Theatre", de Dublin. O boneco gigante segura na mão direita uma dançarina.

Inglaterra". Como há, no exterior, poucos representantes diplomáticos do Eire, esse laço garante aos irlandeses, fora da pátria, a proteção dos consulados britânicos.

O estrangeiro que visita a Irlanda pode observar rapidamente que a oposição à Inglaterra é hoje puramente teórica.

Também muitas vantagens econômicas — além de outras — são concedidas pela Grã-Bretanha ao Eire. Por outro lado, o povo britânico gosta da manteiga, dos irlandeses? (Além da manteiga, apenas o açúcar e o chá são de excelente qualidade. Como é então, que a manteiga não está incluída na lista dos poucos produtos racionados na Irlanda?) (Além da manteiga, apenas o açúcar e o chá são racionados.) Foi de pasmar a resposta que recebi na sede do governo de Dublin: "Poderíamos ter mais manteiga, tanto para o consumo interno como para a exportação, mas o governo racionou-a, afim de que possamos lidar — dentro de nossas modestas possibilidades — os sofrendores do continente europeu. Sem contar com a nossa contribuição à UNRRA, enviamos às nações

continentais parte da nossa manteiga para ser distribuída gratuitamente entre as pessoas mais necessitadas." Verifica-se que, neste aspecto, o racionamento na Irlanda, restrito como está, apenas a três produtos, é muito moderado. De fato, toda gente pode obter facilmente qualquer quantidade de alimento produzido no país — até mesmo os produtos racionados — não ocorrendo o mesmo com o chá que é importado. A abundância de carne na Irlanda — fantástica para o visitante inglês — tem sua origem no fato de veras melancólico do baixo poder aquisitivo dos habitantes da ilha. Há regiões na Irlanda do Sul em que toda a população, no inverno e no verão, no ano inteiro, ou durante toda a vida, alimenta-se quase unicamente de batata, isto porque não dispõe de recursos para comprar qualquer outro alimento. Até há pouco, não havia pão em quantidade suficiente no país. Sendo pobre o solo, pedregoso e pantanoso, a produção de cereais é muito pequena, e a maior parte dos gêneros era importada. Entretanto, graças aos esforços do Ministério da Agricultura, a Irlanda atualmente é auto-suficiente quanto a certos

cereais. A área de cultura de trigo, hoje, é 30 vezes maior do que em 1937.

Na realidade o Eire é pobre. Eis a razão porque não cessa a sua imigração para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha.

Talvez pareça inacreditável, mas a verdade é que há mais irlandeses no estrangeiro do que na própria Irlanda.

No Eire e no Ulster, a população global atinge a três milhões de habitantes, enquanto as estatísticas referentes aos irlandeses nos países estrangeiros, nos apresentam o número de cinco milhões. São dados autênticos, fornecidos pelo Governo de Dublin. E os cinco milhões que vivem longe da pátria não são irlandeses de descendência remota, mas todos nascidos na Irlanda, ou filhos de irlandeses legítimos. O ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Sr. James Byrnes, tem sangue irlandês. — Stettinius também. Os "fans" de cinema sabem que grande número de estrelas de Hollywood são irlandesas. E, o que poucas pessoas sabem é que em 1937, 261 membros



Em cima: o presidente Gabriel Gonzalez Videla, ao desembarcar na base do Galeão, recebendo os primeiros cumprimentos oficiais; em baixo: a primeira dama da nação chilena, senhora Rosa Markaman de Gonzalez Videla, ao desembarcar na base do Galeão. (Fotos da Agência Nacional).

A CORDIALIDADE CHILENO-BRASILEIRA



RECEBIDO COM ENTUSIASMO PELO POVO BRASILEIRO O CHEFE DO GOVERNO DO CHILE, SR. GABRIEL GONZALEZ VIDELA

O Rio de Janeiro assistiu a um dos mais belos testemunhos de confraternização, quando aqui desembarcou, como hóspede de honra do nosso país, o ilustre estadista Gabriel Gonzalez Videla, chefe do governo do Chile. Político eminente, juriconsulto e diplomata, o ilustre visitante é uma das figuras mais eminentes do panorama internacional e fez, no seu país, uma carreira admirável, ao ponto de merecer dos seus concidadãos a alta investidura que agora desempenha. Antes de ser candidato à presidência do Chile, o Sr. Gabriel Gonzalez Videla exercera com brilho e invulgar competência, o cargo de embaixador do seu país no Rio de Janeiro, aqui grangeando as mais vivas simpatias pela fidalguia do seu trato, pela inteligência e cultura que exornam a sua personalidade de escol e, ainda, pelos laços de simpatia e de afeto, que o ligaram ao nosso povo e à nossa terra. Sorridente e simpático, com o magnetismo pessoal que caracteriza os verdadeiros líderes populares, o presidente Gonzalez Videla conquistou, de pronto, a admiração e o respeito do povo carioca, que, em compacta multidão, apesar do tempo chuvoso, se aglomerou ao longo das praças, ruas e avenidas, para dar-lhe as boas vindas, em longas e entusiásticas ovações. Rompendo os cordões de isolamento, a multidão se aproximou, aos vivas, para aplaudir o presidente chileno, que correspondeu aos aplausos, saudando por sua vez os cariocas. O programa de homenagens organizado pelo governo brasileiro em honra do presidente Videla e de sua comitiva não podia ter sido mais brilhante, tendo também homenageado o visitante as duas casas legislativas do Congresso Nacional. Essa visita oficial, sem o formalismo e o rigor das coisas friamente protocolares, sem dúvida alguma contribuirá para reforçar ainda mais, a amizade e a aproximação chileno-brasileira, já tradicional e cultivada com carinho pelos dois povos irmãos.



do Congresso dos Estados Unidos se declararam descendentes de irlandeses.

Embora pobre, a população da Irlanda é muito religiosa, sendo extraordinária a influência da Igreja Católica. O catolicismo na Irlanda está profundamente enraizado no espírito do povo e constitui uma das razões de sua oposição à Inglaterra e, principalmente, ao Ulster. O catolicismo no país, em sua essência, é de origem espanhola, e outros traços das relações entre a Espanha e a Irlanda no passado encontramos ainda hoje na Ilha. Datam do tempo da Grande Armada Espanhola. Segundo a crença largamente espalhada, muitos marinheiros espanhóis após a destruição da Armada, chegaram às costas da Irlanda. Certas danças irlandesas conservam ainda as características das danças espanholas, e as roupas, em várias partes da Irlanda, especialmente os vestidos das mulheres, lembram os das espanholas com suas mantilhas. E encontramos no Eire, certos tipos que lembram os da Espanha. O irlandês, como o espanhol, gosta de cantar e dançar. As mulheres são atraentes e bonitas.

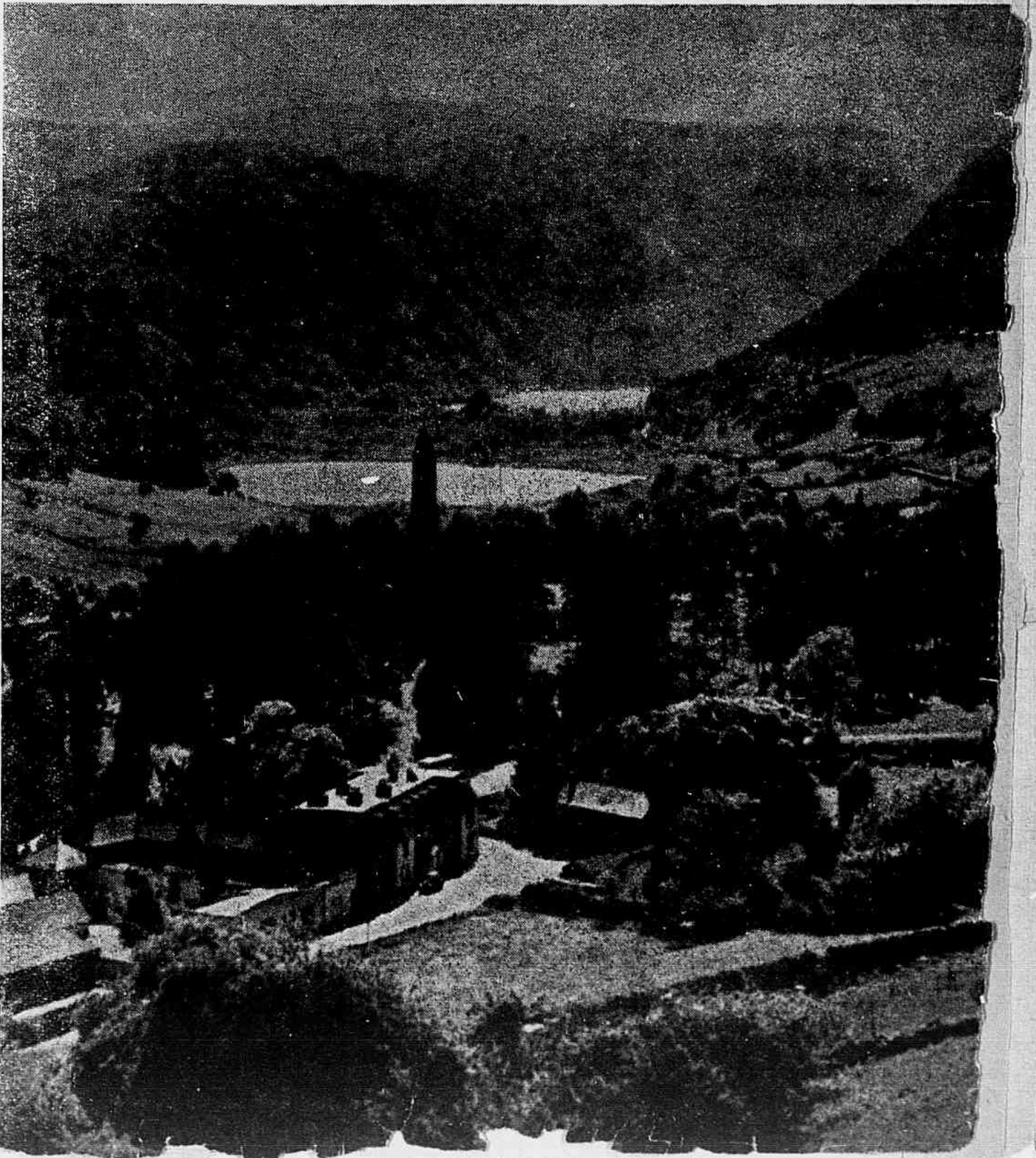
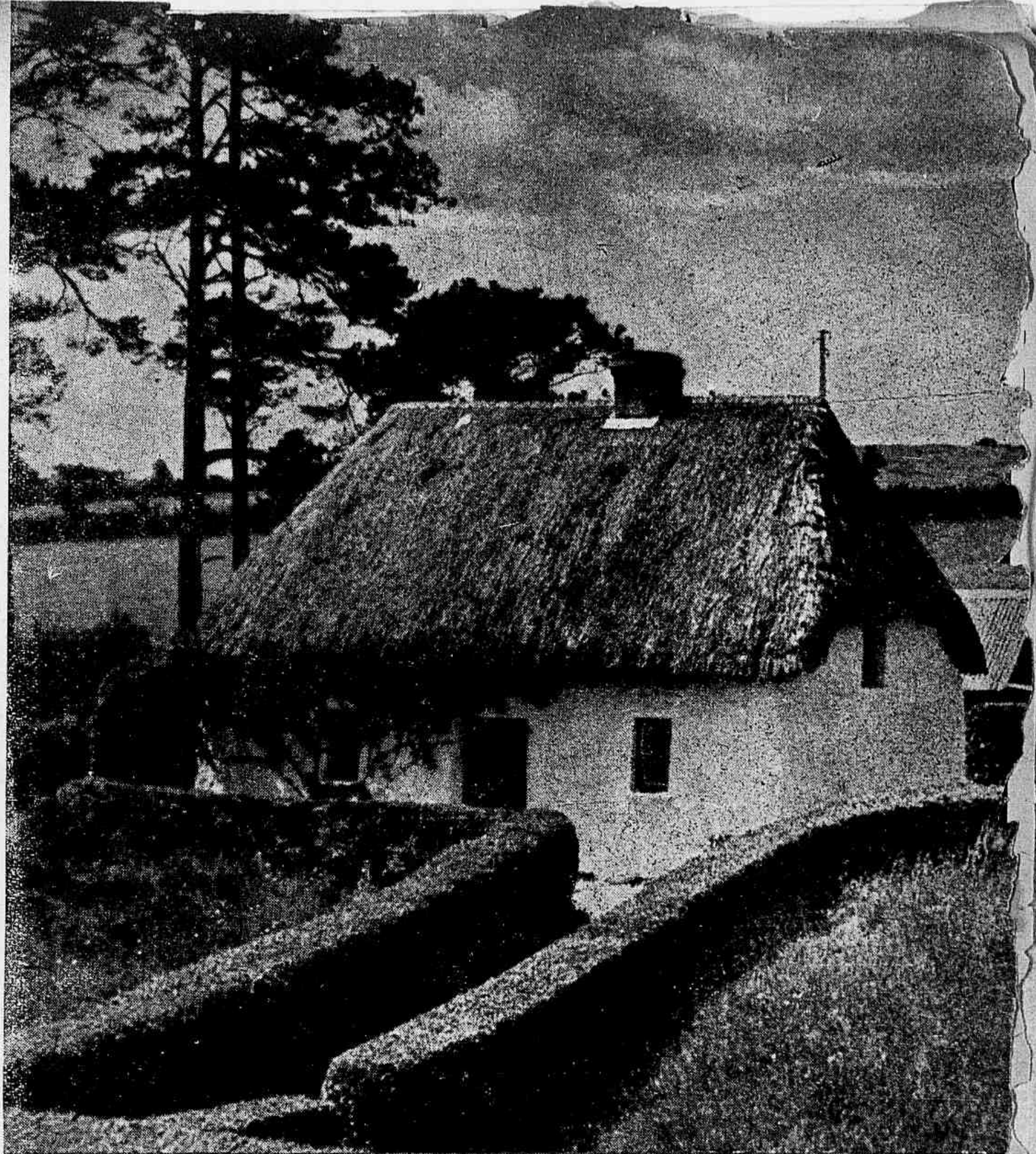
A Irlanda é o país dos contrastes. A vida em Dublin é cosmopolita, de feição européia: ruas largas, cafés sempre cheios de pessoas que riem, discutem e gesticulam. No interior, entretanto, ouvem-se ainda, as canções tradicionais do tempo dos celtas, e a vida é quase a mesma de há séculos passados. Parece que o povo pouco mudou: ativo, honesto, correto e delicado — gente de uma raça adorável. São bondosos, no momento preciso, enérgicos quando provocados, mas corteses por natureza. Todo mundo é amável nesta terra, desde as velhinhas com seus vestidos pretos e seus chales, cujo rosto reflete a marca dos tempos, às crianças, de olhos brilhantes e alegres, que cantam, dançam, e, embora pobres, confiam no destino. As meninas e os meninos irlandeses são dotados de uma bondade tocante, de certo não se encontram em outra parte.

Verdadeiro paraíso para os que gostam de boa pesca, são os rios e os lagos da Irlanda sempre cheios de peixes, inclusive a truta e o salmão. Cercando a Ilha das Esmeraldas está o oceano azul e majestoso. Na parte Oeste se encontra o Oceano — e não o mar, — o Oceano Atlântico que nos dá a sensação de que aqui é o fim do Velho Mundo, da velha Europa.

As montanhas não são muito escarpadas. Aqui e ali seus contornos são quebrados por rochas abruptas. As habitações são baixas e cobertas de colmo. Os caminhos e veredas isoladas no interior por onde raramente passa um caminhante parece que nos levam a algum lugar. Quem pode esquecer estas cenas? E especialmente este povo bom e generoso? O irlandês ama a sua ilha, e se muitos a deixam porque são obrigados, não a esquecem jamais, mesmo quando adquirem fortuna no estrangeiro.

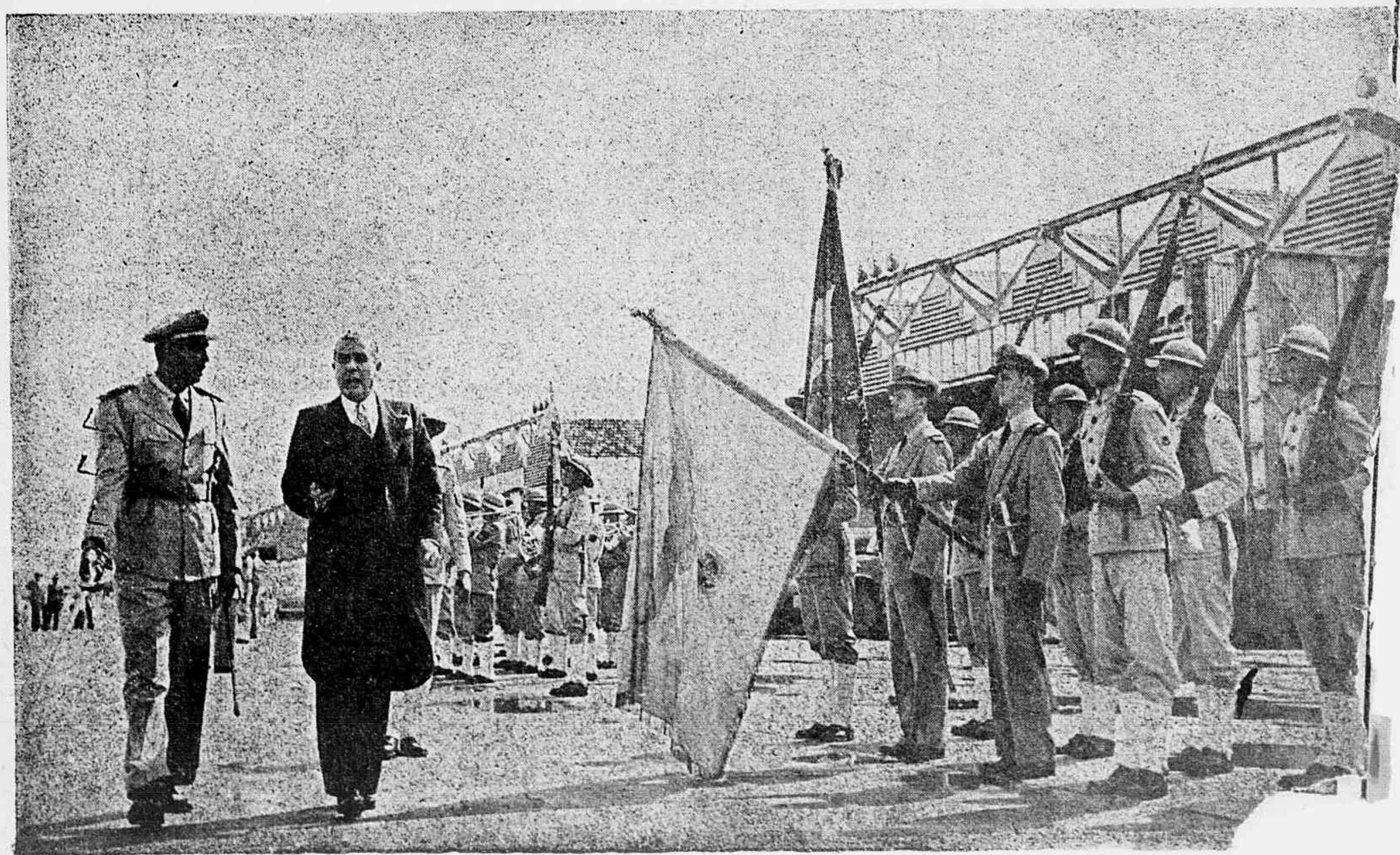
Os irlandeses amam o sol. Têm necessidade dele, pois na ilha chove quase continuamente, mesmo mais do que na Inglaterra. Embora o sol não apareça frequentemente na Irlanda, talvez devido à chuva, as planícies são mais verdejantes e mais cheias de relvas do que em qualquer outra parte. Sem dúvida, tem razão o poeta, a Irlanda, é a Ilha das Esmeraldas.

Os teatros em Dublin constituem um assunto à parte. Os atores são ardorosos e as produções excelentes. Há inúmeras temporadas, tanto do teatro moderno de Thornton Wilder, como de peças burlescas. A entrada custa um quinto do preço dos teatros em Londres. Eis a terra para o apreciador de bom teatro. Este último porto europeu no Oeste, é cheio de contrastes os mais absurdos e de belezas irresistíveis. Mas será a Irlanda ainda Europa? É apenas uma parte das Ilhas Britânicas? Ou um mundo em si mesma? Geograficamente pode pertencer à Europa e talvez constitua parte das Ilhas Britânicas. Entretanto a impressão que a Irlanda nos dá é de algo diferente do que existe e com isso somos obrigados a dizer que é um mundo em si mesma.





Em cima: na manhã chuvosa, percorrendo a pé a praça Mauá e trecho da Avenida Rio Branco, o presidente Videla, ao lado do chefe do governo brasileiro, general Dutra, agradece sorridente as manifestações populares. A' direita: o presidente Videla estreita o general Dutra num abraço do Chile ao Brasil. Em baixo: ainda na base do Galeão, o chefe do governo chileno passa em revista a guarda de honra da Aeronáutica que lhe fez as continências do estilo. (Fotos da Agência Nacional)





BOM HUMOR



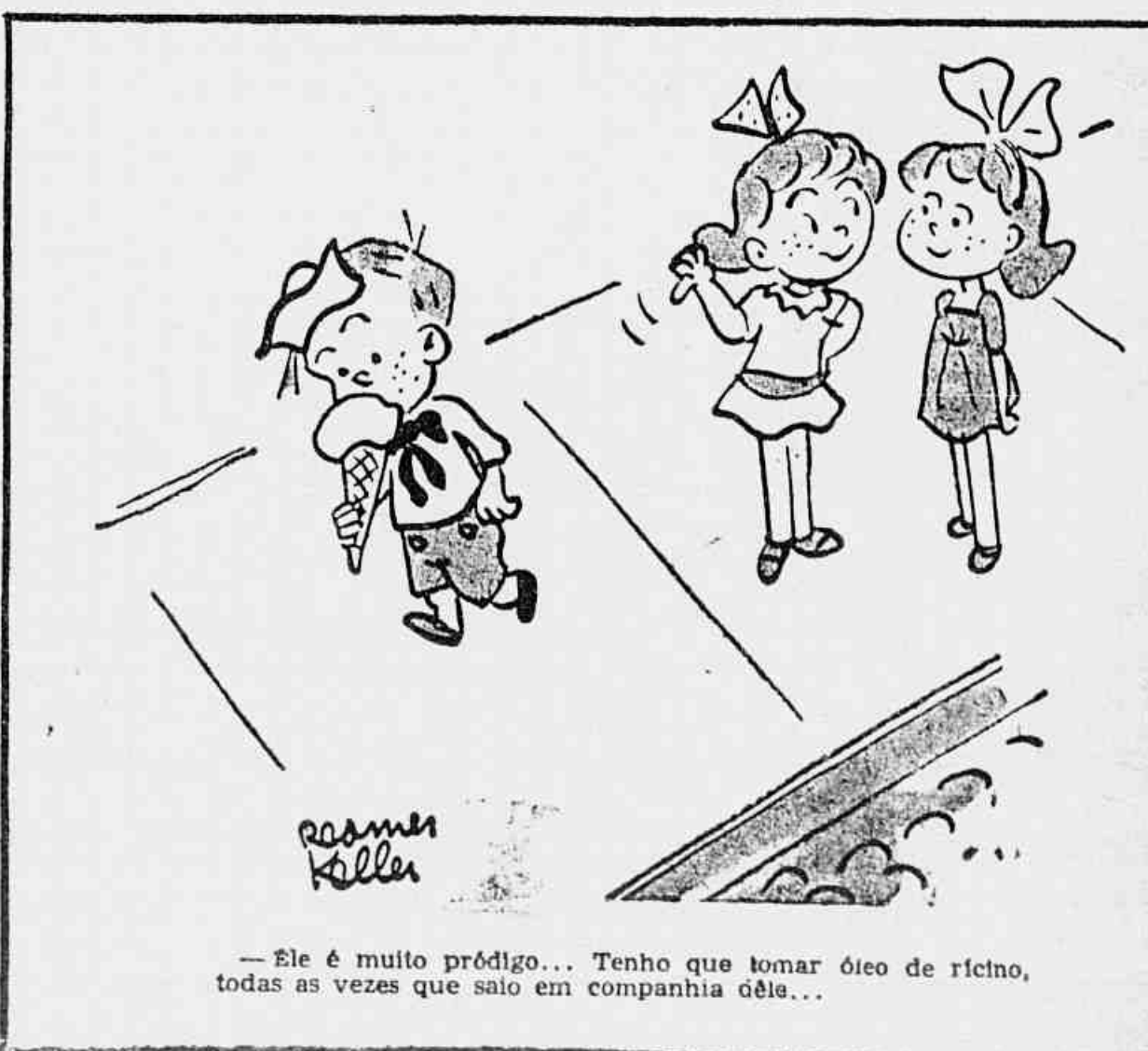
— Você joga a minha mão, querido, enquanto eu preparo o seu jantar?



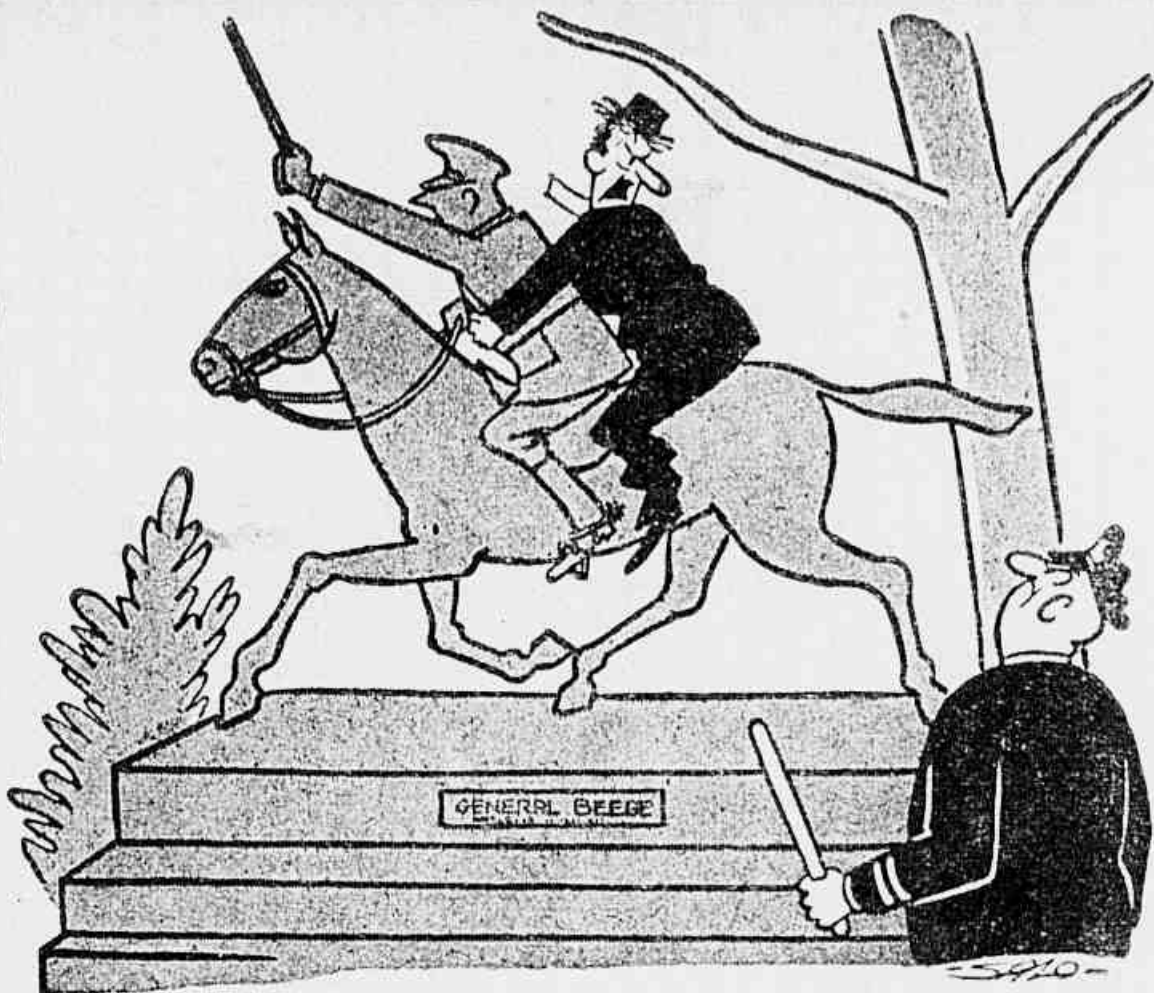
— Ai está meu cartão. . Representa a companhia de papéis pega-moscas...



— Bem, resolve logo de que lado você vai ficar...



— Ele é muito pródigo... Tenho que tomar óleo de ricino, todas as vezes que saio em companhia dele...



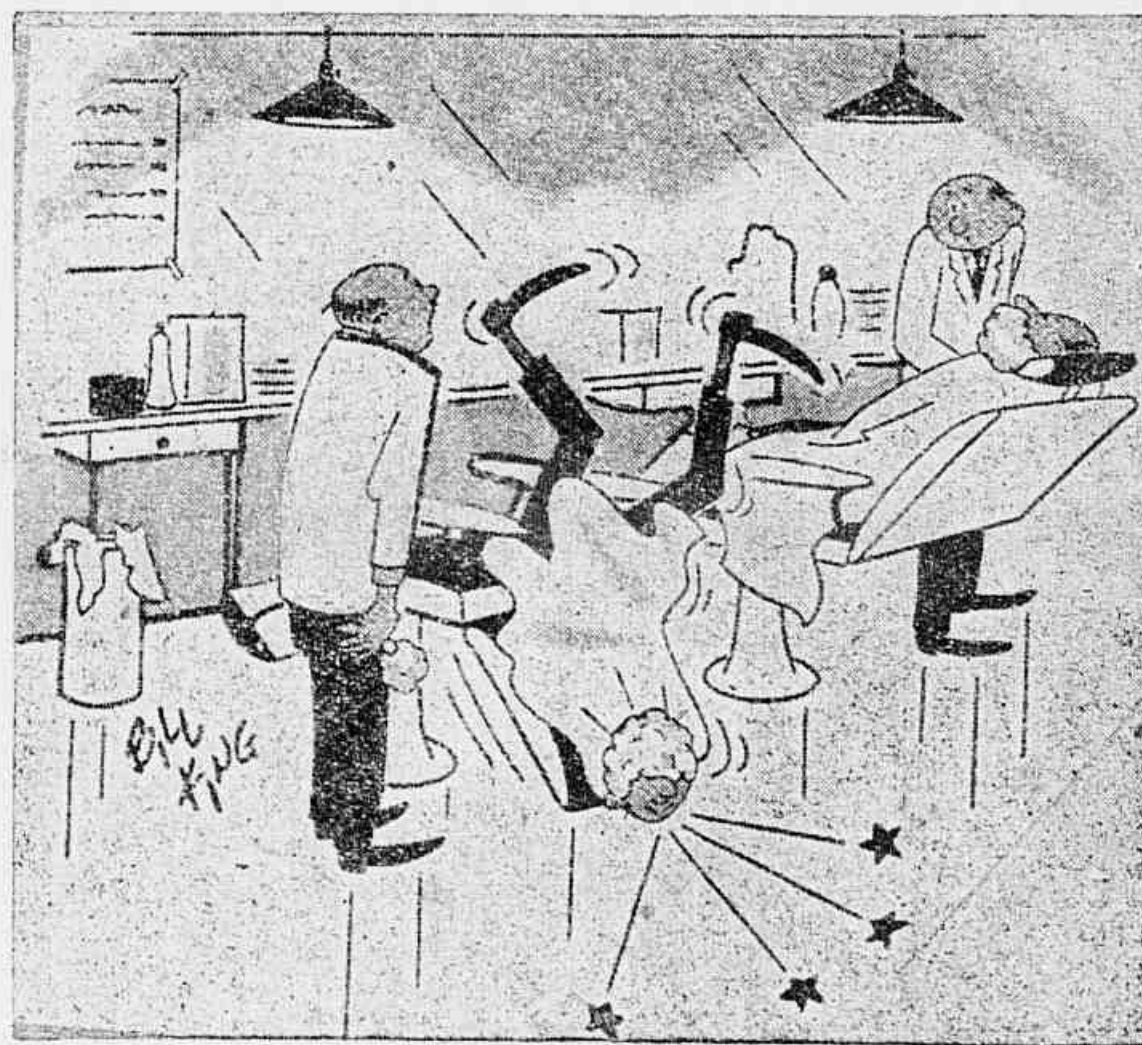
— Se você tivesse um pingo de patriotismo, estaria aqui também!



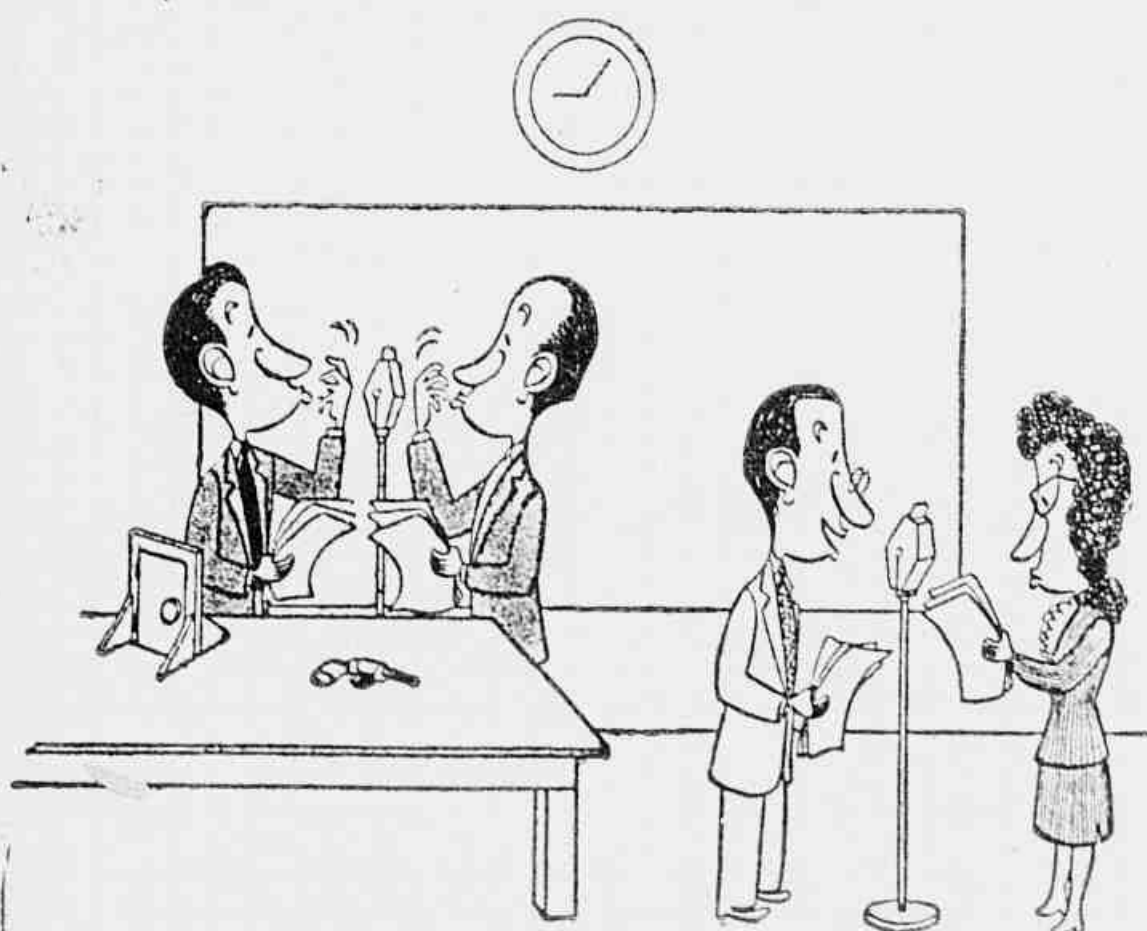
Quem foi? que bateu com a porta?



— Bem, é um cão mais para companhia do que mesmo para proteção...



— Teremos mesmo que mandar concertá-la... É a quarta vez que isso acontece esta manhã...



"... e no mercado ouvimos os rumores de muitas vozes estranhas, em línguas dos quatro cantos do mundo..."



— Apolônio, não desgrace sua vista, lendo assim sem luz!





Ao alto: a encantadora Adele Jergens falando a Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood. Na página ao lado: Adele Jergens numa pose, exibindo às suas "fans" um elegantíssimo modelo de vestido. Não se esqueçam de que é ela a "princesa" do filme "Aladim e a princesa de Bagdad" (A thousand and one nights), em que aparece ao lado de Cornel Wilde e Evelyn Keyes...

É muito comum nos estúdios de Hollywood adoecer uma das figuras centrais do elenco de uma película na véspera de ser iniciada a filmagem e ser a mesma substituída imediatamente por outro elemento da companhia. Pois bem, foi assim que Adele Jergens encontrou a sua primeira oportunidade para sair do anonimato e projetar-se como "estrela" de primeira grandeza no firmamento cinematográfico. Hoje ela está sob contrato no estúdio da Columbia, onde a entrevistei, e tudo indica que o seu futuro artístico seja um dos mais promissores e brilhantes.

Fez a sua estréia cinematográfica naquele filme musical de Rita Hayworth que se chamou "O coração de uma cidade" (Tonight and every night), num pequeno papel. A seguir, apareceu na comédia de

OUVINDO ADELE JERGENS, A PRINCESA DAS MIL E UMA NOITES ELA JÁ ATUOU, NOS SEUS TEMPOS DE CORISTA, NO CASINO COPACABANA

Por LUIS SERRANO
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Charles Boyer e Irene Dunne intitulada "E o amor voltou" (Together again), mas ainda relegada ao segundo plano foi

quando se preparava a Columbia para começar a rodagem de "Aladim e a princesa de Bagdad" (A thousand and one

nights), que a artista que ia representar o papel da "princesa" adoeceu e foi ela escolhida para ocupar o seu lugar no elenco da fita, ao lado de Cornel Wilde e Evelyn Keyes. De então para cá Adele tem firmado o seu nome como atriz de reais méritos, trabalhando em "Chamam a isso amor" (She wouldn't say yes), "Quando os deuses amam" (Down to earth), "A mortalha de ser..." (The corpse came C. O. D.) e, mais recentemente ainda "Double Take", ainda sem título em português.

Adele Jergens iniciou-se no teatro de Nova York, onde conseguiu destacar-se quando Gypsy Rose Lee não pôde continuar a representar o seu papel na peça "Star and Garter" e ela passou a substituí-la. E houve-se tão bem no desempenho do papel da outra que conseguiu chamar

Adele Jergens é uma das atrizes mais belas do cinema. Esta foto é uma evidente prova disso.



a atenção de um "descobridor" de talentos da Columbia que se encontrava entre os espectadores. Submetida a "tests" cinematográficos, ficou no cinema fazendo papéis de segunda ordem, até que a sorte lhe favorecesse. Começou a sua experiência como atriz quando foi detentora de um concurso de dança na escola de Albertina Rash. Sua professora de dança cognominou-a de "A garota das pernas que valem um milhão de dólares"...

— Todo o meu desejo era tornar-me uma boa atriz — disse-me Adele no estúdio da Columbia. Mas nunca tinha oportunidade para adquirir muita experiência sobre a arte de representar. Trabalhava, vivia sempre atarefadíssima e nunca podia aperfeiçoar os meus conhecimentos. Sempre trabalhei para ganhar a vida.

A seguir, ela passou a fornecer-me dados sobre a sua vida particular. Nasceu em Brooklyn, Nova York. Tinha quatro irmãos e era a caçula da casa. Estudou no colégio Rockville Center High School, onde se distinguiu pela sua aplicação às aulas de geografia e educação física. Não perdia uma só... E não era de admirar que demonstrasse interesse por exercícios físicos, pois desde menina que se dedicava ao "base-ball" e outros jogos esportivos. Na sua infância nunca perdeu o seu tempo com bonecas ou outras brincadeiras inocentes. Tratava era de cultivar "o corpo e o espírito".

— Durante o tempo em que estudei no colégio, alimentei a idéia de me tornar jornalista, repórter de um jornal — confessou-me Adele. Mas, meus pais logo se opuseram a isso, pois queriam que eu me tornasse bailarina e atriz. Não tardei a descobrir que meus progenitores ti-

nham razão e que eu devia abraçar mesmo a carreira artística. E agora não troco a minha profissão por nenhuma outra. Sinto prazer em trabalhar no palco ou na tela.

Adele Jergens começou as suas atividades profissionais aos quinze anos de idade. Durante suas férias colegiais trabalhou uma semana num espetáculo musical em Brooklyn. Ganhou 35 dólares e foi com esse dinheiro que ela comprou o seu primeiro vestido de mocinha. Pronto. Depois desse sucesso inicial nada mais pôde detê-la. Passou a trabalhar como modelo durante o dia e em "night clubs" durante a noite. Viajou. Atuou no "Grosvenor House" e no "Savoy Hotel", em Londres; no "Les Ambassadeurs" e no "Le Touquet", na França; no "Copacabana", no Rio de Janeiro; e em muitos outros países apareceu ela ao público. E foi sempre aclamada, recebendo sempre as mais espontâneas ovações.

Na vida real, leva uma existência simples e calma. Gosta imensamente de seu lar. Não raro prefere ficar em casa a sair para clubes e cassinos elegantes. Aprecia muito o cinema e não perde um bom filme. A leitura é o seu passatempo predileto. Lê todo gênero: dos livros clássicos aos suplementos humorísticos, aos contos de mistério.

Adele Jergens é uma loura elegantíssima. Esbelta, tem cinco pés e seis e meia polegadas de altura. Pesa 128 libras. Seus olhos são castanhos. O seu maior desejo atualmente é possuir uma casa própria em Hollywood, o que não parece tão difícil para uma atriz da tela que está ganhando dinheiro a rodo...



Durante os intervalos de filmagem, Adele Jergens se distrai decifrando um enigma de palavras cruzadas. É este um de seus passatempos favoritos.





O mais recente retrato de Helena Silveira, a "Helen" das "Folhas".

HELENA SILVEIRA CONTA A SUA HISTÓRIA...

RECORDAÇÕES DA INFÂNCIA NO INTERIOR DE SÃO PAULO — A AUTORA DE "A HUMILDE ESPERA" SE FEZ ESCRITÓRA — SUAS RELAÇÕES COM SUA IRMÃ DINAH, A AUTORA DA NOVELA "FLORADAS NA SERRA" — COMO A MÃE DOS GRACHOS, ADORA SEUS DOIS FILHOS — O JORNALISMO ENGOLE OS ESCRITORES — CONCEITOS SOBRE A LITERATURA BRASILEIRA — PLANOS PARA O FUTURO — INTERROMPIDA A ENTREVISTA PORQUE "O REPORTER É MUITO PERGUNTADOR"...

Reportagem de NELSON VAINER

Fotos de GIL PASSARELLI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

ESTAVAMOS na secretaria da "Folha da Manhã", quando em dado momento entrou uma senhora alta, elegantemente vestida, de véu, olhos grandes e sonhadores e um sorriso jovial nos lábios. Passou depressa, esbarrou na gente, pediu desculpas, sentou-se à mesa e começou a falar. Contou vinte casos em dois tempos, riu gostosamente, parecendo antes uma colegial de 16 anos de idade que é mãe de dois filhos, o mais velho já com quinze anos de idade.

— A Senhora é Helena Silveira? — perguntamos por palpite.

— Sou. Por que? Tenho cara de Helena Silveira?

— Exatamente!

— Não sei por que. Com certeza vi o meu retrato nas "Folhas".

— Pode crer que não. Leio sempre as suas crônicas, mas nunca vi um seu retrato. Adivinhei, pelo jeito...

E foi assim que conhecemos há dias a cronista social número um de São Paulo. Solicitamos-lhe uma entrevista e ela, sem usar a falsa modestia de quase todas as entrevistadas, atendeu logo.

— Quer a entrevista já? — perguntou — E' fácil, também sou jornalista. Vamos lá. Que deseja saber primeiro?

— Gostaria de saber como a senhora se tornou escritora.

— Não sei se há tal... Francamente não sei se sou escritora. Sei apenas que, desde que me conheço por gente, estou sempre tentando contar uma história, procurando forjar um enredo e o comunicar de qualquer maneira possível... Primeiro, acho que os meus tumultos se expressam na dança.



A' esquerda: Helena Silveira passeia em companhia do reporter pelo centro da Paulicéia, no recanto da cidade que ela mais adora... A' direita: Deixando a redação das "Folhas", toma um taxi para voltar à casa, no pitoresco bairro de Jardim America, onde moram as escritoras paulistas.

quenina e miuda, num imenso terreiro de café de uma fazenda paulista? A minha memória vai longe, alcança sem dificuldades, meus dois anos de existência.

— Lembra-se do que se passou quando tinha dois anos apenas? — interrompemos.

— Lembro, e muito bem. O cenário que encontro, onde passei toda minha infância, é o da mencionada fazenda e eu, eufórica, pulando montes de café, pelo terreiro, tentando dizer coisas com gestos, com o corpo... Depois, comecei a compor grandes sinfonias... Tudo mental, tudo encerrado naquele mundo para lá da testa. Ficava de manhãzinha, deitada em meu leito, imersa na penumbra das persianas cerradas. Muito quieta, entre meus braços esticados. E a música borbulhava dentro de mim. Como um rio. Naturalmente, ninguém nunca soube daquele "gênio" que "sentia" misteriosamente os sons, sem capacidade de externá-los. Sofria. Chorava, sobre as folhas secas do pomar, sem muito saber por que. Era pálida, nervosa. E os grandes diziam:

— Essa menina vive no mundo da lua! Por essa época tinha dois sonhos que se alternavam com frequência. Juro-lhe que isso não é literatura. Num deles via-me deitada na terra, numa grande extensão de terra marron e olente e de uma hora para outra sentia que estava dissolvendo-me na terra. Primeiro eram os pés que sumiam, depois as pernas. Virava terra com intensa sensação de prazer. Por último, só meu rosto ficava, como uma gota do solo. E eu, mesmo,

extase. O outro sonho era pesadêlo.

— Pesadêlo estilo Poe?

— Mais ou menos. Estava deitada no terreiro de café e percebia que o céu começava a baixar. Tirava-me a respiração, ia me sufocando e oprimindo até que acordava gritando, esmagada pelo céu...

— Bem, tudo isso tem alguma relação com a pergunta "como se tornou escritora"?

— Claro, deixe-me continuar. Dizem que não se pode nunca dar muita fé a certas recordações de infância. Que acrescentamos, em nossa memória, inconscientemente, muita coisa que desejávamos ter acontecido. Pode ser que seja, como diz a modinha, mas também pode ser que não seja... Os franceses afirmam que "não nos curamos nunca da infância". Eu guardo a minha, apesar de certos momentos angustiosos, como a única época verdadeiramente deleitável, em minha vida. Reparti essa época entre duas fazendas de café: a Rio Doce, em Casa Branca, na Mogiana, e a Floresta, em Batatais, perto de Ribeirão Preto. Terra roxa, da melhor. Era uma fazenda bonita com muitos bombos pelos beirais da casa pintada de cor de rosa, com rodinhas de luz filtrando pela madeira das janelas, de manhãzinha. Grande parte dos colonos era constituída de japoneses. Gostava de ouvir as suas canções quando apanhavam o café, de vê-los comendo com pausinhos. Seduziam-me. Comecei, então, a compor contos passados em terras exóticas. Nem era alfabetizada e meus enredos eram contados à Matilde e Eulália, filhas do administrador da fazenda. Tiragem: dois

exemplares... Busquei-lhes o aplauso, narcisistamente. Não morava com minha irmã Dinah — trata-se da romancista Dinah Silveira de Queiroz, mas me encontrava sempre com ela. Nesses encontros sempre surgiram brigas, pois ambas queriam ser palco, nenhuma podendo prodigalizar palmas à outra.

— Também queria ser atriz?

— Também. Falhei exatamente como antes, quando compunha sinfonias... Depois, quando se iniciou o período escolar, só visitava as fazendas nas férias. Comecei, com Dinah, a fazer uma peregrinação por diversos colégios de São Paulo. Tornamo-nos duas irmãs muito unidas. Não nos ligávamos muito com outras meninas. Percebiamos-nos julgadas e incompreendidas e fomos durante muito tempo a sociedade única, uma da outra. Até hoje nos compreendemos muito. Ela mora no Rio, eu em São Paulo. Levamos uma vida bastante cheia de trabalhos e, quando nos encontramos, percebemos que havemos sempre de rimar uma com a outra nas partes essenciais de nosso pensamento.

— Isto quando menina. E quando moça? Onde e como passou a sua juventude?

— Enquanto moça, solteira, fui duas vezes à Europa. Dessas vezes morei muito tempo em Paris. Fiz um curso na "Comédie Française". Voltei para o Brasil para me casar ainda muito criança, sem nada saber da vida. Dêsse casamento, que redundou em desquite, diria que foi um grande malogro, se dele não me tivessem ficado dois filhos. Dois rapazinhos que adoro. Quando vi que a vida não me saía à



Toine

CONHECIAM-NO dez léguas em derredor, o tio Toine, Toine, o Gordo, Toine-da-Boa, Antoine Mâcheblé, também chamado Quentão, taverneiro de Tournevent.

Tornara célebre o povoado oculto num refêgo do vale que descia para o mar, pobre povoado composto de dez normandas cercadas de fossas e de árvores.

Alí estavam casas, amontoadas de ravina coberta de relvas e de juncos, por trás da curva que dera ao local o nome de Tournevent. Pareciam ter procurado um abrigo naquele buraco, como os pássaros que se ocultam nos vales em dias de tempestade, um abrigo contra o vento do mar, o vento do largo, o vento duro e salgado, que queima como o fogo e resseca e destrói como as geadas de inverno.

Mas o povoado inteiro parecia ser propriedade de Antônio Mâcheblé, vulgo Quentão, a quem também chamavam de Toine e Toine-da-Boa, devido a uma expressão que ele se servia a toda hora:

— A minha Boa é a primeira da França.

A sua Boa era a sua aguardente, está visto.

Há vinte anos que ele desse-
dentava a região com a sua boa e os seus quentões, pois, sempre que lhe perguntavam:

— Que há para beber, tio Toine?

Ele respondia invariavelmente:

— Um quentão, meu genro, isso aquece o bucho e refresca os miolos: não há nada melhor para a saúde.

Tinha também esse costume de chamar a todos de "meu genro", embora nunca houvesse possuído filha casada nem para casar.

Pois quem não conhecia Toine Quentão, o tipo mais corpulento do distrito, e até do departamento? A sua casinha parecia irrisoriamente muito estreita e baixa para contê-lo e, quando a gente o via de pé à sua porta, onde passava dias inteiros, perguntava consigo como é que ele poderia entrar em casa. Alí penetrava sempre que aparecia um freguês, pois Toine-da-Boa era tacitamente convidado a um traguinho de tudo quanto bebi-
am no seu estabelecimento.

A sua casa se denominava: "Au Rendez-vous des Amis", e o tio Toine era, na verdade, amigo de toda a região. Vinha gente de Fécamp e de Montvilliers para vê-lo e divertir-se, pois ele era capaz de fazer rir um tumulto. Tinha um jeito de trocar com os outros sem ofendê-los, de piscar o olho para exprimir o que não dizia, de bater nas coxas em seus acessos de hilaridade, que

medida dos sonhos, comecei a "escrevinhar" coisas, sem muito me aperceber. Os contos de "A Humilde Espera", edição da "Globo", constituem um livro no qual certo crítico observou a ausência completa de alegria. Em verdade, aqueles tempos não podiam ser alegres. Entretanto, a minha estréia, como contista, foi no suplemento literário da "Fôlha da Manhã" lá por volta de 1941. Apoiaram-me Mariano Costa, jornalista não há muito falecido, e Rui Bloem. Não lhe posso dizer o que senti quando vi meu conto "Vida" ilustrado pelo grande e saudoso Belmonte, ocupando uma página inteira do jornal. Por aquela época, necessitava muito de acreditar um pouquinho em mim. Estava escrito que, anos mais tarde, deveria voltar à "Fôlha da Manhã", como redatora da coluna social. Entrei pela mão de meu particular amigo Rubens do Amaral. Há dois anos que, diariamente, alinhavo meus grifos.

— Prefere o jornalismo à literatura ou vice-versa?

— O jornalismo engole a literatura. Acho o jornalismo fascinante. Vivo dele, mais ou menos bem, ao passo que não poderia viver de literatura. Sinão, vejamos: ganho no jornal o suficiente para levar uma vida regular, sustentando os meus dois filhos. E o meu livro de contos, sabe quanto me deu? — Dois mil e quinhentos Cruzeiros! Óra, se continuasse, como poderia viver? Entretanto, tenho alguns projetos. Um futuro livro de contos, um romance, uma peça teatral já na altura do segundo ato.

— Pode dizer-nos, agora, o que pensa da literatura brasileira?

.. Em parte. Certo jornal do Rio fez, recentemente, uma "enquête" entre escritores, perguntando-lhes quais os livros que desejariam ter assinado. Não respondi a essa pergunta, porque não me formularam. Posso responder ao senhor?

— Claro que sim.

— Pois bem: daria tudo o que escrevi, tudo o que escrevo, tudo o que escreverei, para por a minha assinatura do final de dois livros: — o "Quincas Borba" e "Angustia". Escapa-me à análise esse poder que têm autores tão essencialmente frios como o são Machado de Assis e Graciliano Ramos de fazer desencadear a emoção. Talvez que o segundo adquira sua grandeza manejando com uma desgraça, por assim dizer, cem por cento brasileira. Quem é brasileiro sente roçar na carne os algodões hidrófilos de Graciliano, e aquelas feiuras de vidas paradas com halo de enxamear negrejante de moscas, aquelas mesmices dolorosas, repugnantes, aquele sofrer de amor humilhado, e aquelas molezas de ares pesando sobre corpos num achatamento total de paisagem interior...

Quanto a mestre Machado de Assis, ele já fez parte do inconsciente coletivo nacional e atua mais ou menos em todos nós que vivemos de nossos cotidianos rabiscos. "Quincas Borba" e "Dom Casmurro" andam por aí, camuflados em símbolos, nos tais fenômenos mediúnicos das criações literárias.

— E dos modernos, quais são os que mais admira?

— Vários, cujos nomes não citarei. Limitar-me-ei a falar somente de duas estreantes do ano passado que mais me impressionaram São elas: Ruth Guimarães e Maria Julieta Drummond de Andrade. E basta. O senhor é muito perguntador. Até parece cronista social...

Chamamos em seguida o fotógrafo das "Fôlhas", para documentar a entrevista. Ele nos acompanhou num passeio pela cidade e quase perdeu a vida ao bater a chapa, na rua, em frente à redação do citado matutino, quando passou um bonde. Tudo acidentado, como a própria entrevista, feita às pressas, jornalisticamente, só porque D. Helena anda muito atarefada, porque precisa ir a todas as festas, a todos os banquetes, a todas as comemorações, sinão as "Fôlhas" não terão nas suas colunas a crônica diária de "Helen"...



... "uma senhora alta, elegantemente vestida, de véu, olhos grandes e sonhadores"...



nos puxava o riso para fora, sem o quisermos. E depois, vê-lo beber já era um espetáculo. Bebia quanto lhe ofereciam, e de tudo, com uma alegria no olhar malicioso, uma alegria que provinha de seu duplo prazer, primeiro o prazer de regalar-se e depois o de juntar dinheiro ao mesmo tempo.

Os trocistas lhe perguntavam: — Por que não bebes o mar, tio Toine?

Ele respondia:

— Há duas coisas que me impedem: em primeiro lugar, porque é salgado, e, em segundo, porque seria preciso metê-lo em garrafas, pois eu não posso dobrar a pança para beber naquela taça!

Mas antes de mais nada era preciso vê-lo brigar com a mulher! Uma verdadeira comédia, que a gente era bem capaz de pagar entrada para assistir! Há trinta anos que estavam casados, sem deixarem de engalfinhar-se um único dia. Só que Toine se divertia imenso com a coisa, ao passo que a sua cara-metade se incomodava de-fato. Era uma comprida camponesa, que caminhava em grandes pernadas de avestruz e carregava no alto uma cabeça de coruja raivosa. Passava o tempo a criar galinhas num pequeno terreiro atrás da taverna, e era famosa pela maneira como sabia engordar a criação.

Quando os notáveis de Fécamp davam um banquete, era preciso, para o cardápio ser apreciado, que fôsem servidas algumas pensionárias da tia Toine.

Mas esta nascera de mau humor e continuara descontente de tudo. Queria mal o mundo inteiro e principalmente ao seu marido. Odiava-o por sua alegria, por sua fama, por sua saúde e bom aspecto. Tratava-o de imprestável, porque ele ganhava

dinheiro sem fazer nada, de porco, porque comia e bebia como dez homens comuns. E não passava um dia sem que ela declarasse com um ar exasperado:

— Num chiqueiro é que devias estar! Tôda essa graxa ainda te fará mal ao coração.

E gritava-lhe na cara:

— Espera, espera um pouco, e veremos o que acontece. Ainda arrebentarás como um saco cheio!

Toine ria de todo o coração, batendo na pança, e respondia:

— Ai, minha franguinha! Ai, meu espeto! Trata de engordar assim as tuas galinhas.

E arregaçando a manga sobre o braço enorme:

— Vê só que asinha, minha velha!

Os fregueses davam sôco na mesa, estorcendo-se de gozo, sapateavam no chão e cuspiam por terra, num delírio de alegria.

A velha, furiosa, continuava:

— Espere um pouco... Espere um pouco... E veremos o que acontece... Isto ainda arrebenta como um saco!

E retirava-se furiosa, sob as risadas dos bebedores.

Toine, com efeito, era espantoso de ver, de tal modo se tornara espesso e volumoso, vermelho e arquejante. Era uma dessas criaturas enormes, com quem a morte parece divertir-se, com picardias, simulações e perfídias, tornando irresistivelmente cômico o seu lento trabalho de

(Continúa na pág. 50)

Conto de
GUY DE MAUPASSANT

★

Ilustração de
ORLANDO MATTOS



O SÃO FRANCISCO

POR coincidência, acabada a celebração do centenário natalício de Castro Alves, o cantor da Cachoeira de Paulo Afonso, se começa a celebrar o Tocantins e o seu vale, por motivo de viagem de presidente da República àquela região sertaneja do nosso inaproveitado setentrão.

Oitenta e oito anos de diferença cronológica separam a excursão presidencial de 1947 de outra visita, esta imperial às paragens do São Francisco e à sua queda d'água de portentoso despenhar entre estrondos de écos na solidão.

Já tendo corrido províncias sulinas do Império, em 1859 dispôs-se D. Pedro II a ir ver e saber de províncias setentrionais da terra onde tivera berço carioca, sobre o qual, só um ano, rosto e carinho de mãe se haviam inclinado.

As viagens proporcionavam sempre ao imperador gozo de férias da política, de aculeo ao chefe do poder executivo.

Duas viagens foram penosas para D. Pedro II. Uma em 1865 de ida ao sítio de Uruguaiana, a segunda em 1887, de ida à Europa a tratamento de organismo gasto no serviço da nação.

Nas suas demais viagens, rosto risonho, maneiras expansivas, o imperador mostrava fruir alegria de viver.

A 2 de Outubro de 1859, D. Pedro II seguia satisfeito para o Norte, figurando em sua comitiva o ministro do Império; Almeida Pereira, ministro do recém-organizado gabinete Ferraz.

A imperatriz D. Teresa Cristina participava da excursão, para uns inopertuna, para outros de salutares efeitos. Vida humana e opiniões... Digam o resto as reticências.

O embarque dos imperantes, no Arsenal de Marinha, foi um desses dias cariocas de outrora nos quais o povo para ver e saudar apinhava-se nos mais diversos observatórios, ruas, praças, morros a cavaleiro da bahia, convez de embarcações a festivo frete. Os espectadores do alto só se dispersaram quando os quatro vapores da esquadra de acompanhamento imperial sumiram na linha do horizonte, tomando esquerda e subida da costa.

O programa da visita da nação abrangia seis províncias, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba, cada qual mais característica.

Não passaria D. Pedro II por Alagoas sem ver a cachoeira de Paulo Afonso, na sesmaria do padre Paulo de Viveiros Affonso, na qual abrangido o sítio de tanta fama. A carta de sesmaria dada ao sacerdote encontrou-a Wenceslão de Almeida, estudioso de saudosíssima memória, o documento fixando em 1725 a posse do sesmeiro.



Conselheiro Dantas, Presidente de Alagoas por ocasião da visita de D. Pedro II a Província. Retrato de 1859.

Por ocasião da visita imperial a Alagoas presidia a província o deputado Manoel Pinto de Souza Dantas. Dele partiria a ideia da ereção de monumento no local da cachoeira, atestada a visita de 20 de Novembro de 1859, à qual presentes Marques Lisboa e Barroso, os futuros Tamandaré e Amazonas.

Como é indispensável sempre increpar o próximo, foi costume increpar de D. Pedro II de perguntador, coisa bem compreensível em chefe de Estado querendo saber de ciência própria, tanto dele se acercam ocultadores da verdade.

Na Alagoas de 1859, por onde passou, D. Pedro II foi inquirindo e retendo na invejável memória da qual era dono para incomodo de muitos.

Prestou especial atenção a quanto dizia respeito ao São Francisco e ao seu curso tão assinalado pela Paulo Afonso, cujos rochedos o imperador transpôs sozinho "com a ligeireza de uma criança afeita a esses exercícios", conforme nota de correspondente de viagem por conta de jornal carioca.

No Império, o São Francisco e seu vale não ficariam apenas na lembrança da visita de 1859. Ao desaparecer a monarquia, trinta anos após aquela visita, entre as numerosas ferrovias brasileiras era contada a estrada de ferro Paulo Afonso, incluída na lista de vias de comunicação de paiz próspero.

Então uma autoridade em engenharia, a de Fernandes Pinheiro, estabelecia distinção entre os caminhos de ferro da velha Europa e os do jovem Brasil. Na Europa, dizia o engenheiro notável, o caminho de ferro vai ao encontro de tráfico assegurando-lhe desde logo. Caso os seus resultados não traduzam bons proventos torna-se a ferrovia empresa mesquinha ou mesmo ruinosa.

No Brasil, a estrada de ferro adianta-se como batadora, como valorisadora depois da descobridora de riqueza, encorajando a agricultura a produzir no abençoado sólo brasileiro, facilitando à indústria os meios de internar-se pelo paiz a dentro criando futuro.

Desde a lei de 26 de Junho de 1852 de base às concessões de ferrovias no Brasil, o Império foi mandando à "batadoras", aos mais diversos pontos do território nacional abundante em rincões.

Após exaustivo estudo documentado, o engenheiro Fernandes Pinheiro, incumbido de alta missão de sua especialidade na Europa, concluía em 1889, louvando a ação das ferrovias estabelecidas na pátria.

"O Brasil — declarava o técnico — entrou ousadamente na construção das estradas de ferro, sabendo com coragem desconfiar o futuro, este já lhe recompensando as esperanças.

Desenvolve-se a agricultura em prodigioso surto; a civilização e a cultura não mais apanhados das regiões marginais do litoral, o paiz em plena prosperidade, gosando crédito sólido, o seu próprio papel-moeda valendo tanto quanto o ouro".

Continuando a servir-nos da expressão de Fernandes Pinheiro, onde melhor podem ir "batadoras" do que a esses vales com os quais a natureza, na distribuição de seus favores, dotou o Brasil.

Neste instante, quando visita presidencial volve atenção pública para o São Francisco, prestigioso órgão da imprensa carioca, declara ao seu público e ao de toda a nação:

"Por iniciativa pessoal de Dom Pedro II e pelo venerando monarca financiada foi feita a exploração do curso do grande rio (o Tocantins) pelos engenheiros Halfeld".

Este nome, tão caro a Juiz de Fora, também o é ao Estado do Rio pela memória de medico niteroiense, o dr. Carlos Antonio Halfeld, cujas filhas constituem ornamento do magisterio público e particular fluminense.

A exemplo de D. Pedro II, apreciador dos Halfelds, bastante têm sido os nacionais e os alienígenas preocupados com o aproveitamento do "caminho andante" do São Francisco e dos recursos das suas terras marginais do rio reconhecido como único das nossas caudais, exclusivamente nacional, a correr vale de porção mineira, bahiana, pernambucana, alagoana.

Pela cachoeira de Paulo Afonso em Alagoas o São Francisco se firma mais potente, por força hidraulica incomparavel na sucessão de cachoeiras, cascatas de curso inteiro.

Ligar ferroviariamente a bacia do Tocantins à do São Francisco foi, em 1871, projeto de futuro ministro da Agricultura, Comercio e Obras Publicas, o engenheiro Manoel Buarque de Macedo, associado no tentame pelo barão do Livramento, depois visconde do título. Tal José Antonio de Araújo.

Não só a vitória corôa os intentos humanos uteis, aos precusores também cabe lembrança e gloria na justiça historica.

Do intento de Buarque de Macedo e Livramento ainda resultou o beneficio de estudos da ligação das bacias São Francisco — Tocantins, estudos feitos pelo engenheiro James Banlis por conta de companhia de Londres. Na época, a ligação São Francisco — Tocantins encontrou impediço, na inexistencia de navegação regular a vapor no curso dos dois grandes rios.

Substituído o Império pela Republica, em 1893, pela organização de duas companhias de navegação do São Francisco e do Tocantins foi julgado exequível o projeto Buarque de Macedo — Livramento, os planejadores de 1871.

Propuzeram-se, em 1893, Guilherme de Meirelles Vianna e o dr. Joviano Rodrigues de Moraes Jardim a retomar a idéa de 1871. Propondo-se a realizá-la por meio de concessão, dirigiram-se, em Junho de 1893, ao Congresso Nacional, atirando-se à solução do problema, valendo-se dos estudos de Banlis.

Alegaram os proponentes bastar simples golpe de vista sobre a carta do Brasil para reconhecer o imenso alcance da ligação das bacias São Francisco — Tocantins servidas por navegação e ferroviario.

Expondo o plano ligador das bacias São Francisco — Tocantins, de execução pela Public Works Company de Londres, os concessionários da empresa, Meirelles e Jardim, observaram que mudada a capital do Brasil para o planalto central, o sistema da ligação ferroviária — fluvial proposto completaria o plano de viação geral da Republica.

Tomando em consideração a proposta Meirelles — Jardim, a comissão de Obras Publicas e Colonização da Camara dos Deputados, redigiu em 1893, um projeto de lei do qual relator o deputado piauiense Nogueira Parangará.

Para ligação das bacias do São Francisco e do Tocantins, o projeto de 2 de Agosto de 1893 autorizava o governo a contratar construção de estrada de ferro de bitola estreita.

Muito se poderia dizer sobre o assunto, apenas, porém, em proposito nosso recordar o ontem da questão quando hoje o São Francisco tão lembrado.

Digamos contudo ainda, que a história patria principia pelo Selvícola, de representação no mais bello monumento do Rio de Janeiro, a estatua de D. Pedro I. Representando nela grandes rios nossos, grupos de selvagens ornem as faces da estatua. Numa face está o São Francisco na figura de um indio sentado, em attitude digna e viril. Ao lado do indio acham-se dois animais, os aborígenes vivendo muito de caça e pesca. Explicavel é pois ao lado do indio da imagem do São Francisco a presença de animais da nossa fauna, o tamanduá bandeira e a capivara nadadora.

MÚSICA

O TEXTO DAS ÓPERAS

TRECHOS ESCOLHIDOS DE ALGUNS LIBRETOS — UMA OPINIÃO DE MÁRIO DE ANDRADE — A CONVENÇÃO E O CENÁRIO... ESCRITO — UM REFRESCO E A HOSPEDARIA DE "MANON"

De ROBERTO LYRA FILHO

Especial para a REVISTA DA SEMANA

A esquerda: Verdi, que espichou um "adeus" longamente no "Rigoletto" e abusou, ainda, do "Madre infelice", em "O Trovador". A direita: Giacomo Puccini, que trabalhou a sua "Madame Butterfly" sobre um libreto cheio de "uffs!" e de expressões medíocres.



MARIO de Andrade é um dos que apontam a "contradição" fundamental do melodrama lírico. A seu ver, é insuportável ficar o espectador a ver homens e mulheres cantarem longos versos uns para os outros, quando poderiam exprimir sentimentos e ideias de maneira mais econômica e sobretudo "menos ridícula". Seguindo esse raciocínio, o musicólogo vai encontrar na "opera buffa" o único tipo aceitável pois, ali, a procura deliberada do efeito humorístico neutralizava o que pudesse haver de involuntariamente cômico na maneira de apresentar a fusão da partitura com o libreto.

Argumentando com brilho, Mário de Andrade cita frases como "Eu te amo!", "Adeus!" e "Como vai?" perguntando ao leitor se, de fato, não é inconcebível que, em vez de serem enunciadas, naturalmente, sejam emitidas com acento rítmico e presas a uma melodinha qualquer. Lembra aquele trecho do "Rigoletto" em que o Duque e Gilda ficam durante dez minutos a berrar "Adeus", quando perigo iminente, de acordo com o enredo, aconselharia fuga rápida. Poderia, também, lembrar que, artes de correr em socorro de sua mãe adotiva, o "Trovador" ainda encontra tempo para cantar a mais popular ária da ópera, apesar de saber que os minutos da "madre infelice" estavam contados. O triunfo dos superagudos representa, assim pelo atraso imposto ao herói, um testemunho eloquente de que ele dá mais importância à sua cantoria do que à vida da velhinha.

LIBRETOS...

Podemos citar mais exemplos. Deixando o bom Verdi em paz, vamos por na berlinda Puccini. A certa altura do primeiro ato de "Madame Butterfly", vem entrando em cena Sharpless, com muitos "Uffs!" pois, segundo a história, acaba de subir uma colina. O libreto, que música cobre, diz o seguinte:

"Pinkerton-Bemvindo!

Sharpless-Uff!

Pinkerton-Goro! Depressa! Traga um refresco!"

E, mais adiante, interrompe sua ária para perguntar, servindo o amigo:

"Pinkerton — Milk Punch ou Whisky?"

E Arrigo Boito? Vejam o que se diz no final do segundo ato de "Mefistófeles":

"Fausto — Margarida!

Margarida — Fujo!

Fausto — Fica! Fugiu... Rápida, rápida.

Mefistófeles (perseguido Marta) — Marta!

Marta — Adeus!

Margarida — Estou aqui.

Fausto — Estou cá.

Mefistófeles — Você está aí?

Fausto (agarrando Margarida, enquanto Mefistófeles segura Marta) — Você agora está presa!

Todos (rindo) — Ah! Ah! Ah!

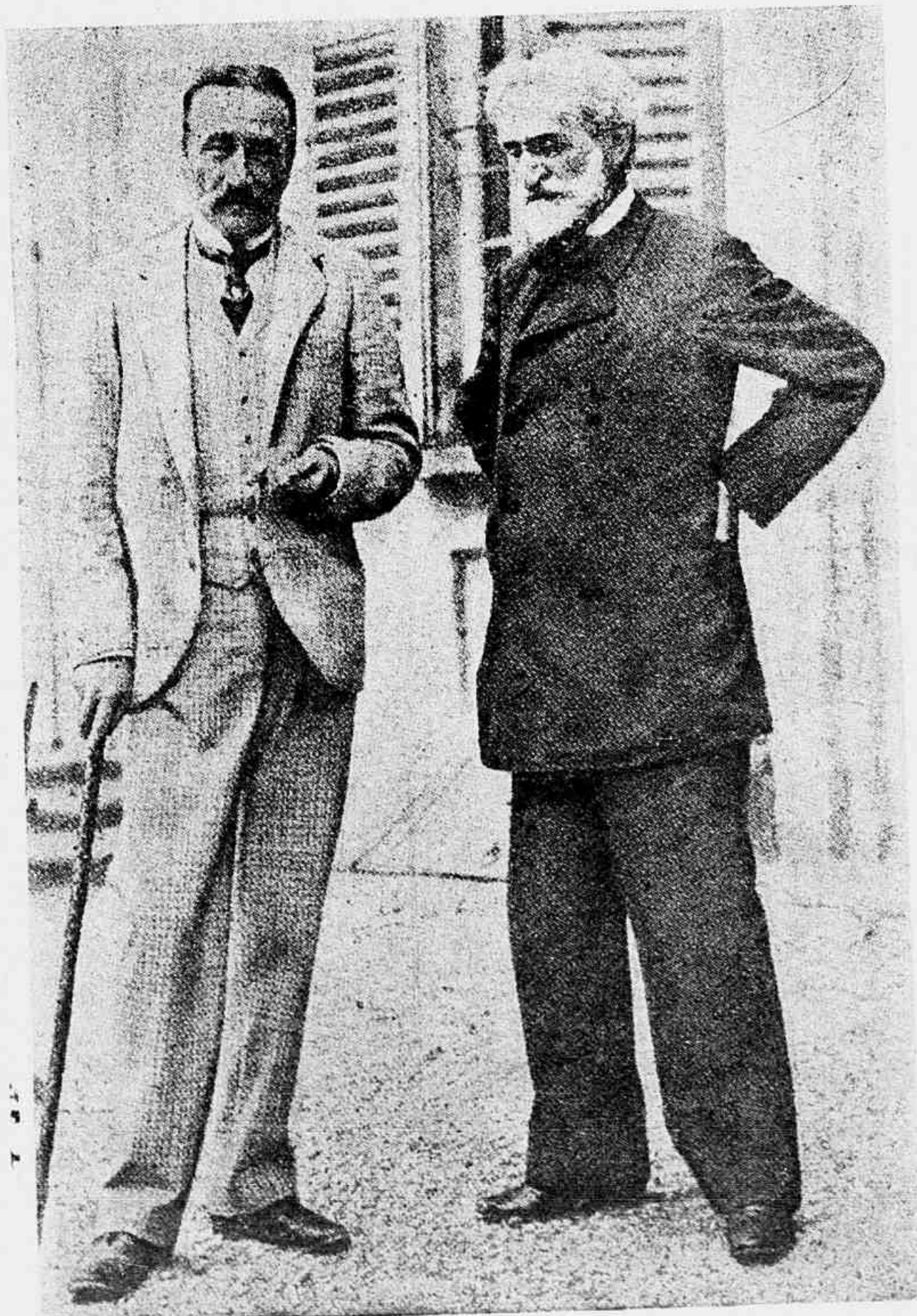
Margarida e Fausto — Amo-a! Amo-o! Pano".

Mas não são somente os italianos. Já repararam como começa a Manon?

"Guillot — Olá! Upa! Senhor Hospedeiro! Quanto tempo é preciso ficar aqui gritando antes que o senhor atenda?

Brétigny — Estamos com sede!

Verdi, uma vítima dos maus libretistas, — e talvez do seu próprio conceito operístico, — ao lado de seu colega mais jovem, "Arrigo Boito, autor de "Mefistófeles".



Jaquino — Vamos poder conversar calmamente. Eu quero dizer somente uma coisa, uma coisa...

Marcelina — Pode falar. Estou ouvindo".

E o rapaz, cheio de dengues, acaba confessando que quer casar-se com ela. Mas antes que a moça dê o contra, definitivamente, batem à porta e, então, ele exclama:

"Jaquino — Com todos os diabos! Batem a todo o instante!"

ONDE SHAKESPEARE ENTRA FM CENA

Depois desses "trechos escolhidos" parece definitivamente confirmada a tese de Mário de Andrade. Entretanto, há uma série de objeções à argumentação sem dúvida bastante hábil do musicólogo.

Em primeiro lugar, os trechos que citamos pertencem a curtos recitativos que, em certa época, nem mesmo eram acompanhados de orquestra, mas, sim, simplesmente, entoados, ao som de alguns acordes, conforme se ouve no "Barbeiro de Sevilha". Depois, gradualmente, à medida que o recitativo foi sendo absorvido pelo tecido da partitura, o libreto vai se modificando, passa a merecer maior cuidado, sob o ponto de vista literário — uma preocupação que atingiu o auge nas óperas de Wagner.

Isso, quanto aos libretos. Agora, a convenção fundamental da ópera, que Mário de Andrade ataca com tanta veemência, não deve parecer absurda, nem ridícula a quem se lembra por exemplo da convenção, do teatro elizabetano da Inglaterra. Em nada prejudicou ao vigor dos dramas de Shakespeare o fato de terem sido representados com cenários... escritos.

Pouco antes do início de uma cena, vinha um cavalheiro e colocava um cartaz no palco. "Isto aqui é uma colina". Na cena seguinte, o mesmo espaço era um palácio e, mais tarde, passava a ser uma cabana. E o público aceitava a convenção, sem que ela prejudicasse o interesse com que se acompanhava o desenrolar palpitante do conflito. Além disso, no final das cenas, a único recurso era fazer sair os personagens, pois não havia cortina.

Diante disso, a convenção da ópera é uma brincadeira... Porém chegando, mesmo, a tempos mais modernos, onde é que se encontra justificação, exceto como convenção, para homens e mulheres que pronunciam discursos como os que Eugene O'Neill põe, impunemente, na boca de um jardineiro, um estranho jardineiro carregado de profunda filosofia... E será lícito rir-se do "convencionalismo" da ópera, depois de assistir, sério, a um drama de O'Neill?

A VIDA DE SPENCER

HERBERT SPENCER — 1820 - 1903

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

EM idade avançada redigiu Spencer a sua autobiografia. Referindo-se aos seus ancestrais Quacres, observou, "Nunca demonstrei a diligência infalível que lhes era comum, e, nunca foi manifestada, por mim, soma tão grande de sentimento altruísta". Nesse livro recordou também a sua "juvenil indiferença pelo senso do dever" e o seu prematuro "divórcio da religião". Tudo isso, disse, parece demonstrar "que em meu cérebro o suprimento de sangue, quando não acrescentado pela comoção, tem sido abaixo do normal". Aqui fala o apologista da era "espiritualmente anêmica" do ceticismo científico.

As suas mãos, conta-nos Spencer, eram incomumente pequenas e bem feitas. E — sempre o evolucionista — acentua, orgulhosamente, tê-las herdado do pai e do avô, que "nada fizeram de mais árduo, cotidianamente, do que manejar a pena ou o lápis". A teoria dos caracteres hereditários espalhara-se pela Europa ao tempo de Spencer.

Refere-se, com orgulho, à sua precoce "libertação do temor moral". E, com malicioso deleite, cita a crítica de seu tio: "A grande deficiência do caráter natural de Herbert reside no princípio do Temor. Por temor quero dizer aquele "Temor de Deus" "que é o princípio da sabedoria". Essa "grande deficiência" era um motivo de orgulho para o filósofo que foi o interlocutor da era do agnosticismo.

E aqui fala o pensador original: "Herdei extraordinária capacidade para a intuição da causa. Sem instrução... atingi (como criança) um conhecimento mais verdadeiro das últimas relações dinâmicas do que (era o caso com) aqueles que eram muito mais velhos e tinham uma educação muito melhor... Aos treze anos pus em dúvida a doutrina da inércia apresentada na Física do doutor Arnott e defendida por meu tio, e persisti em minha discordância, mau grado essa combinada autoridade contra mim".

E, finalmente, fala aqui o homem da tragédia, com um corpo estropiado pelo excesso de trabalho, aos trinta e cinco anos de idade, uma ruína lastimável reduzido já, pela meia-idade, a usar "obstrutores" nos ouvidos para acalmar os nervos e a tomar à noite doses de ópio para poder dormir: "da distinção literária, como de tantas outras coisas que os homens perseguem, pode se dizer, verdadeiramente, que o jôgo não vale a candeia".

II

Era o mais velho de sete filhos e o único a sobreviver à infância. Adquiriu, sob a influência do pai e do tio, ambos professores e reformadores sociais, tinturas de ciência natural, física, química e anatomia. Mas não estudou latim nem grego, e não

recebeu instrução regular em sua língua nativa. Na verdade, gaba-se de não ter, praticamente, nenhum conhecimento da gramática inglesa. Até aos quarenta anos seus conhecimentos foram adquiridos atabalhoadamente. Nada formal — uma espécie de educação semelhante a um jantar apressado, num balcão. Não obstante, tornou-se mestre-escola assistente, em sua cidade natal de Derby, aos dezessete anos. Pouco tempo depois, encontrou uma forma de dar vazão aos seus talentos matemáticos como engenheiro civil na estrada de ferro de Londres e Birmingham. Foi, todavia, exonerado do cargo, quando os políticos favoreceram a construção ulterior de um ramal. "Fui despedido — estou muito satisfeito", observou ele.

Estava, agora, em condições de dedicar a si mesmo todo o seu tempo. Colecionou fósseis, estudou modelagem e frenologia, apresentou certo número de invenções, incluindo um alfinete de encadernação para ligar, uma às outras, as folhas soltas de um livro branco, e decidiu depois, ir para Londres, afim de iniciar uma carreira literária. Conse-

guiu o cargo de sub-diretor do *Economist*, entrando em contato com membros de elite intelectual, de Londres, tais como George Henry Lewes, Thomas Huxley e Marian Evans (que mais tarde se tornaria famoso como George Eliot). Mas era tanta a sua pobreza que pensou em emigrar para um outro país, onde encontrasse, porventura, "melhor sorte debaixo de céus mais justos". A escolha recaiu sobre a Nova Zelândia. Com científica meticulosidade anotou numa folha de papel a lista das relativas vantagens da vida nos dois países. Cada item valia um número determinado. A Inglaterra apresentava "maiores confortos domésticos", avaliados em dez pontos; "emoção literária", vinte pontos; "emoção científica", seis pontos. A Nova Zelândia, por outra parte, oferecia a oportunidade de melhor salário para viver e a perspectiva da "emoção matrimonial", avaliada em cem pontos.

Ao proceder ao cômputo final, a Nova Zelândia sobrepujava a Inglaterra numa proporção de quase três para um. Encontrou Spencer, porém, a analisar os seus planos com espírito crí-

tico e desistiu da idéia de emigrar — apesar do melhor ordenado, das oportunidades de casar e de todas as outras vantagens. Observou algum tempo depois, "parece provável que essa tendência normal para criticar tenha sido o principal fator na continuação da minha vida de celibatário".

A sua sorte financeira, entretanto, mudou. Morreu-lhe o tio deixando-lhe pequena herança. Desistiu do emprêgo no *Economist* e escreveu um livro sobre assuntos sociológicos e científicos. Herdara do pai a "tendência sintética" de teorizar cifras científicas em fatos sociológicos. E ansiava por poder apresentar ao mundo os seus descobrimentos.

Enquanto se ocupava em reunir os seus vários ensaios numa coleção para ser publicada, ocorreu-lhe a idéia de que esses ensaios poderiam servir de base a uma "nova filosofia científica" que revolucionasse o mundo.

III

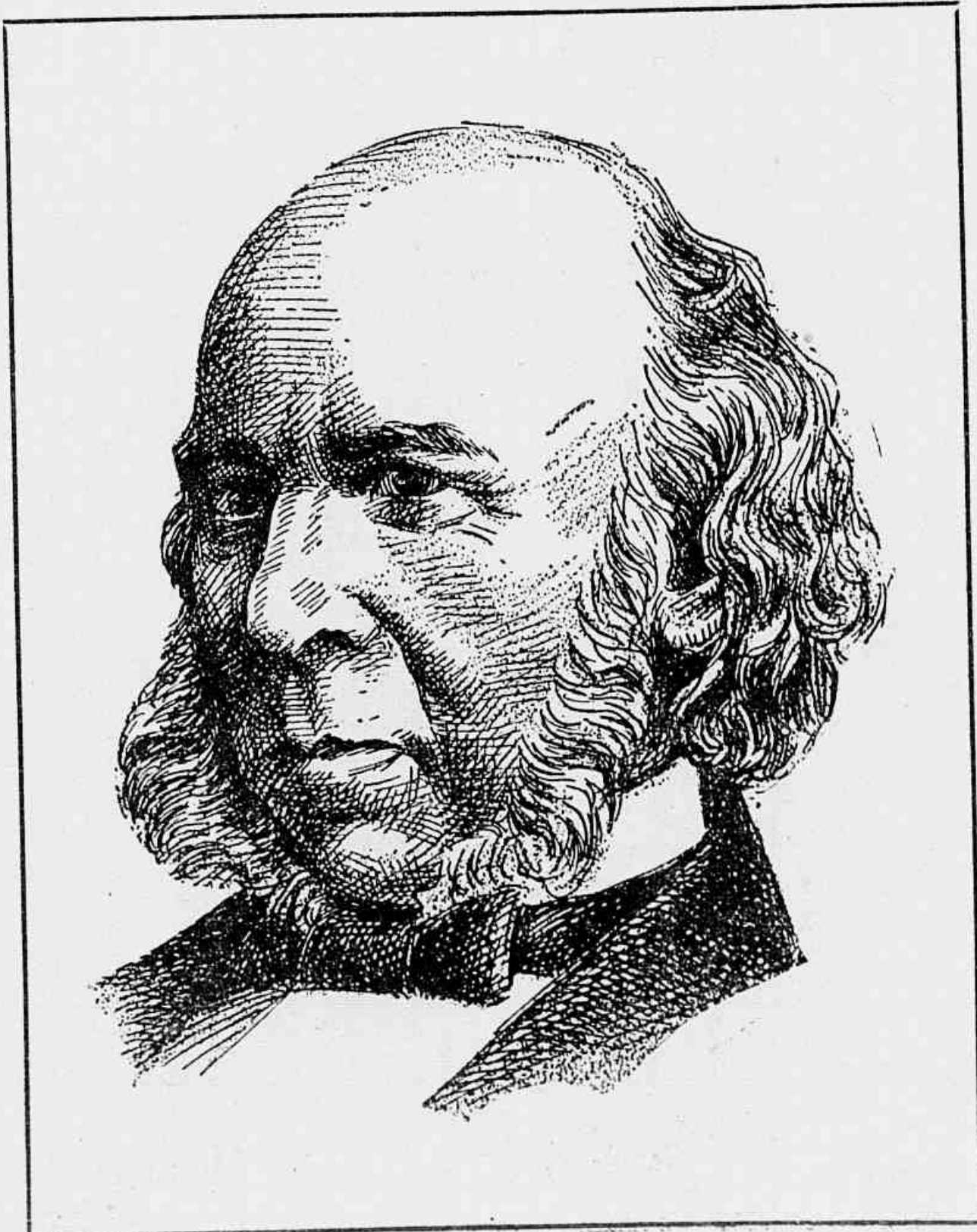
Sua filosofia científica ocupou tanto quanto dezoito volumes. Foi reconhecido como chefe em todas as controvérsias importantes sobre a evolução. Escreveu um dos textos mais consideráveis sobre psicologia no século XIX sem nenhum estudo das obras de seus predecessores nesse assunto. Preparou um livro sobre biologia, realizando uma única experiência de laboratório para demonstrar as suas teorias. E tornou-se um dos homens de maior renome na Inglaterra!

Durante esses anos produtivos de sua vida, variavam-lhe os interesses de uma "doutrina metafísica a um alfinete de encadernação; de uma classificação de todas as ciências ao aperfeiçoamento da juntura de uma vara de pescar; da lei geral da evolução, para uma melhor maneira de preparar iscas artificiais para pescas. Mas por mais que oscilasse dentro dos limites da ciência, não iam além os seus interesses. Era um dos espíritos mais dogmáticos de seu século. Obcecava-o de tal arte a tarefa de inventar fórmulas sintéticas para a vida que "ele cessou de viver".

Aos trinta e oito anos de idade traçara os tremendos lineamentos de sua "Filosofia Sintética", e os restantes quarenta e três de sua vida passou-os a completá-los.

A *Filosofia Sintética* de Spencer é o universo em miniatura. Trata da origem das estrelas, da evolução da terra, da vida do homem, do crescimento de seu intelecto e do progresso de seu espírito. E'-nos impossível, no espaço de umas poucas páginas, aproximarmo-nos de uma súmula adequada de obra tão vasta. Tentemos, sem embargo, sorver, de qualquer maneira, um dedal de conhecimento desse imenso oceano de especulação.

(Continúa na pág. 56)





C IDÁLIA MEIRELES, bonita jovem de vinte e dois anos, nascida na cidade do Porto, começou muito cedo a carreira artística, declamando versos de poetas portugueses e tomando parte em festivais de dança. As melodias lusas, porém, começaram a exercer enorme influência no seu espírito, levando-a a imiscuir-se na vida artística de Lisboa, centro de toda a atividade radiofônica. Como primeiro passo, Cidália deixou-se entusiasmar pela cançoneta, reunindo o que de mais interessante achou no gênero. Possuindo bonita voz e interpretando com sentimento os números do seu repertório, não lhe foi difícil vencer os obstáculos, nem tampouco firmar-se no conceito do público. Artista da Emissora Nacional de Lisboa, seu nome aliado ao de suas irmãs, chegou às terras de Espanha, o que lhe valeu excelente contrato para diversos recitais em Madrid, Barcelona e outras cidades. A seguir, esteve na Ilha da Madeira, e, ao regressar, surgiu-lhe a primeira oportunidade de enfrentar a câmera, através do filme "Aqui, Portugal". Meses após essa filmagem, surge a oportunidade de atravessar o Atlântico, para uma temporada ao microfone da Rádio Nacional, além de outras apresentações. Cidália, desejosa de conhecer o Brasil, não perde a chance, embarcando para o nosso país, em companhia de suas irmãs. Dizer de sua atuação isolada é repetir os elogios que outros já fizeram. Cantando com bastante personalidade, ela enquadra-se entre o que de melhor nos tem sido apresentado. No momento, além da PRE-8, ela atua numa "boite" e talvez apareça num filme brasileiro.

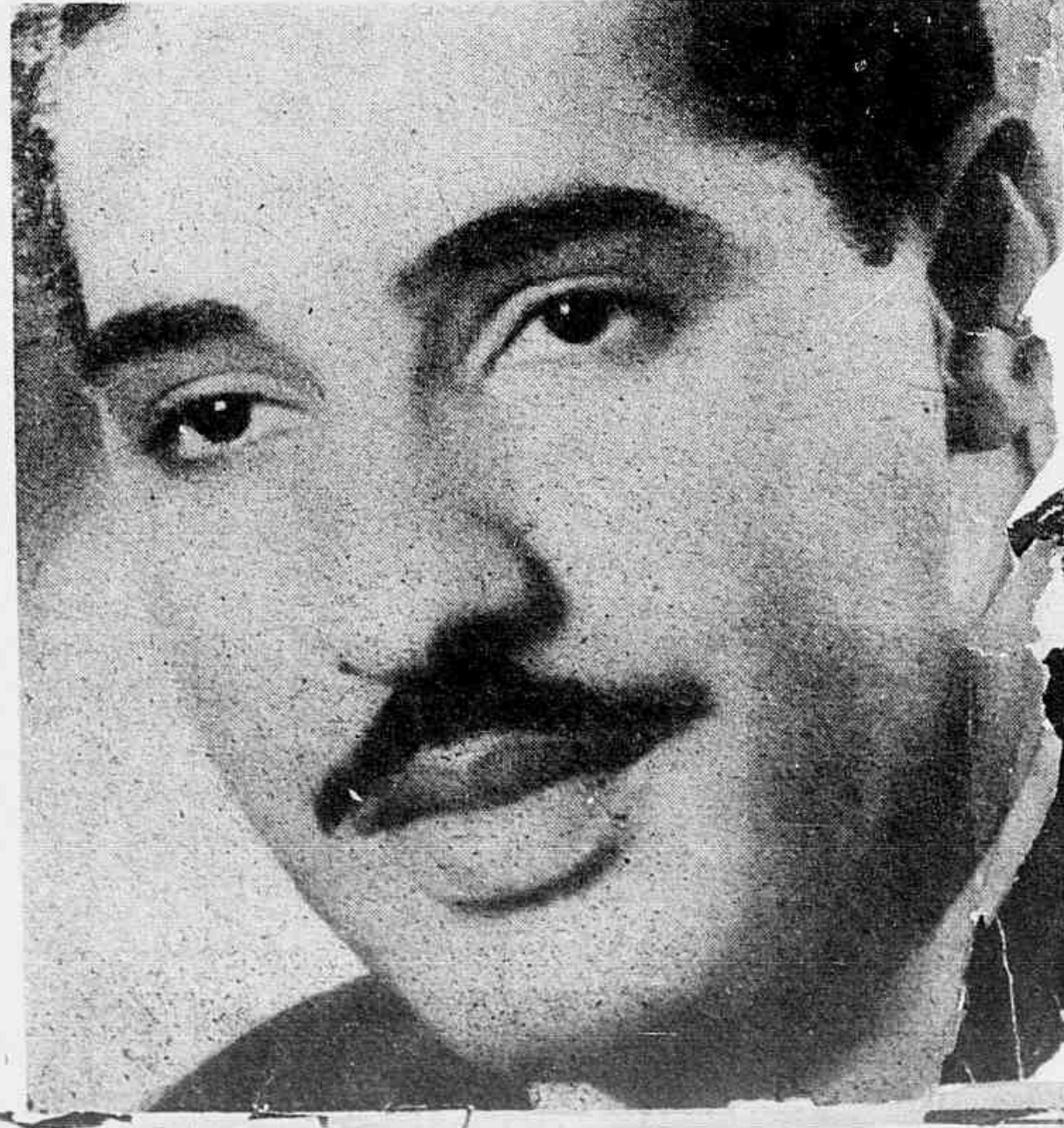


R OSÁLIA MEIRELES, é outra representante da música portuguesa. Nascida a onze de outubro de 1926, não fugiu a carreira abraçada por sua irmã, uma vez que sentiu a mesma atração. Dêse modo, já aos dezessete anos, cantava ao microfone da Emissora Nacional de Lisboa, não só composições de sua terra natal, como ainda agradáveis melodias internacionais. Desde o fox até o tango, ela interpretava na língua de origem, despertando o interesse de todos pela pronúncia correta do inglês, e do castelhano. Também gravou com suas manas, melodias brasileiras, inclusive "Aquarela do Brasil" de Ari Barroso. Tomou parte em diversos programas de estúdio das principais emissoras de Madrid e Barcelona. Na terra espanhola tomou parte na filmagem de "O diabo são elas", atraindo o interesse dos cineastas para sua pessoa. Mas, compromissos sérios com a estação lisboeta reclamavam sua presença, daí seu retorno a esta cidade, logo seguido de uma "tournee" à Madeira, e de duas importantes filmagens: "Os vizinhos do rez-do-chão" e "Aqui, Portugal". A seguir, rejeição de uma proposta para trabalhar num dos teatros brasileiros. Novo assédio dos empresários e Roália de malas prontas, contratada pela PRE-8 e por uma casa elegante do Rio de Janeiro. Sua apresentação ao público carioca, assim como a de suas irmãs, foi feita do palco do Teatro João Caetano, com a casa super-lotada. Seu contrato com a Rádio Nacional é de três meses, tudo fazendo crer que o mesmo seja prorrogado, em vista do sucesso alcançado.

GENTE DE RADIO DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

M ILITA MEIRELES, a caçula. Nasceu a vinte e cinco de setembro de 1928, contando dezenove anos incompletos... Jovem e graciosa, dotada de gênio alegre e expansivo, seu ingresso no "broadcasting" português, ocorreu por volta de 1942, na qualidade de intérprete das melodias típicas de sua terra. Meses depois, integrada no cenário radiofônico de Lisboa, passou a formar trio com Cidália e Rosália, com as quais excursionou à Espanha, aparecendo ao microfone de diversas emissoras e tomando parte em filmes espanhóis, como "O diabo são elas". Isto, depois de ter filmado "Um homem às direitas", dirigido por Brum do Canto e no qual revelou sua tendência para a sétima arte. Trabalhou ainda em "Os vizinhos do rez-do-chão" e "Aqui, Portugal", além de gravar diversas composições de autores portugueses e brasileiros. Filha da cidade do Porto, sua preferência pelos corridos e canções locais é muito forte, embora seu repertório inclua números internacionais, uma vez que ela também canta isoladamente. Seus recitais de canto na Rádio Nacional têm absorvido a atenção do público-ouvinte, sempre disposto a aplaudir artistas da qualidade e valor de Milita. Ao lado de suas irmãs, ela anima os "shows" de uma "boite" e já recebeu convite para aparecer numa produção cinematográfica, sendo possível sua aquiescência. Como parte do "Trio Irmãs Meireles", gravará algumas composições brasileiras, que deverão estar no mercado no próximo mês de agosto. Milita, Rosália e Cidália, constituem autênticas expressões artísticas do velho Portugal.

D ORIVAL CAIMI é um nome que valoriza o rádio brasileiro. Quer como cantor, quer como compositor, seu mérito é indiscutível. Nascido e criado na Bahia, onde desempenhou as mais disparatadas profissões radiofônicas, pois foi locutor, discotecário, cantor e violonista da principal emissora baiana, resolveu um dia tentar o rádio carioca. Foi felicíssimo no seu ato, sendo-lhe franqueado o "cast" da Mayrink Veiga, onde lançou com extraordinário sucesso, o samba "O que é que a baiana tem", então gravado por Barbosa Junior e Carmen Miranda. Nesse período veio a conhecer Stela Maris, intérprete de foxes, hoje sua dedicada esposa. Da PRA-9 foi para a PRE-8, conseguindo grande êxito com "O mar", bela canção praieira, que na interpretação do próprio autor, ganha muito de sua beleza musical. Dessa estação passou para a Tupi, mantendo-se até hoje no seu "cast". Numerosa é a bagagem musical de Caimi, sendo que cada ano que passa, um número de agrado geral se vem juntar à mesma, conforme esta acontecendo agora com o samba "Marina". Além de músico e cantor, o nosso biografado é artista plástico, possuindo vários quadros a óleo e craion. Também escreveu um livro sobre o folclore brasileiro, a ser editado pela Livraria Martins. Dorival Caimi, quando da passagem do aniversário de sua atuação na PRG-3, foi brindado com riquíssimo violão, autografado pelos maiores, do elenco da "emissora associada". No momento, ele acaba de ser convidado para visitar a França, a fim de exibir sua arte ao povo gaulês, mas nada decidiu ainda.



uma BOFETADA

Conto de HORACIO QUIROGA ★ Ilustração de ANA ZAGORSKA

COSTA o comissário do **Meteoro**, que subia o Alto Paraná de quinze em quinze dias, sabia muito bem que não há nada mais rápido, nem mesmo a corrente do próprio rio, do que a explosão que produz um garrafão de aguardente lançado entre o pessoal de uma obra. Sua aventura com Korner, portanto, podia acabar num terreno muito seu conhecido.

Em regra absoluta — com uma só exceção — que é lei no Alto Paraná, não se permite aguardente nos serviços. Nem os armazens a vendem, nem se tolera uma só garrafa, seja qual for sua origem. Há nos serviços ressentimentos e amarguras que não convem trazer à memória dos “mensús”. Cem gramas de álcool por cabeça dariam cabo em duas horas do serviço mais militarizado.

A Costa não convinha uma explosão dessa amplitude, e por isso sua astúcia se exercitava em pequenos contrabandos, calices despachados aos “mensús” no próprio vapor, à saída de cada pôrto. O capitão sabia disso, e, como ele, toda a gente da travessia, formada quase exclusivamente por donos e comissários de obras. Mas como o astuto correntino não passava de doses prudentes, tudo ia de mão beijada.

Ora bem, quis a desgraça que um dia, por insistência da turbulenta tropa de peões, Costa sentisse relaxar-se um pouco a rigidez de sua prudência. O resultado foi um regozijo tão profundo entre os “mensús” que se desencadeou uma vertiginosa dança de baús e de guitarras voando pelo ar.

O escândalo foi grande. Desceram o capitão e quase todos os passageiros, sendo mister uma nova dança, porém desta vez de rebenque, sobre as cabeças mais desvairadas. O processo era habitual, e o capitão tinha o golpe rápido e rijo. A tempestade cessou num momento. Não obstante, foi preciso amarrar de pé contra o mastro um “mensú” mais arrebitado do que os demais, e tudo voltou à normalidade.

qu
estã

Mas agora chegava a vez de Costa. Korner, o dono do serviço onde ficava o pôrto em que estava detido o vapor, investia contra ele:

— Você é unicamente você é que tem a culpa destas coisas! Por dez centavos miseráveis põe a perder aos peões e causa êstes reboliços!

O comissário, no seu jeito de mestiço, contemporizava.

— Cale-se e tenha vergonha! — prosseguia Korner. — Por dez centavos miseráveis... Mas lhe garanto que quando chegar a Posadas denunciarei essas safadezas a Mitain.

Mitain era o armador do **Meteoro**, o que deixava Costa sem maiores cuidados, mas acabou por fazê-lo perder a paciência.

— Afinal de contas — respondeu ele — você não tem nada que ver com isto... Se não lhe agrada, queixe-se a quem quiser... no meu posto eu faço o que quero.

— E' o que vamos vêr! — gritou Korner, dispondo-se a sair. Mas, na escada, viu por cima da amurada de bronze o “mensú” amarrado ao mastro. Havia ou não ironia no olhar do prisioneiro; Korner convenceu-se de que havia, ao reconhecer naquele indiozinho de olhos frios e bigodinho em ponta um peão com quem tivera algo que acertar, três meses antes.

Encaminhou-se ao mastro, mais vermelho ainda de raiva. O outro o viu aproximar-se, sem perder um instante o sorriso leve.

— Então é você! — disse-lhe Korner. — Hei de achá-lo sempre no meu caminho! Eu lhe havia proibido de pôr os pés no serviço e agora você está vindo de lá... Ordinário!

O mensú, como se não ouvisse nada, continuou a olhá-lo com o sorriso furtivo. Korner, então, cego de raiva, deu-lhe uma bofetada de revez.

— Toma... ordinário! Assim é que se deve tratar aos patifes como você!

O “mensú” ficou livido, e olhou fixamente para Korner, que ouviu algumas palavras:

— Um dia...

Korner sentiu novo impulso

de fazê-lo engulir a ameaça, mas conseguiu conter-se e subiu, lançando invectivas contra o comissário que trazia o inferno para as obras.

Mas, desta vez a ofensiva correspondia a Costa. Que fazer para atrapalhar profundamente Korner, com sua cara vermelha, sua língua comprida e seu maldito serviço?

Não tardou em achar o meio. Desde a próxima viagem de subida, cuidou bem de fornecer às escondidas um ou dois garrafões de aguardente aos trabalhadores que desciam em Pôrto Profundidade (o pôrto de Korner). Os “mensús”, mais turbulentos do que de costume, passavam o contrabando nos baús e nesse mesma noite estalou o incêndio na obra. Durante dois meses, cada vapor que descia o rio depois de ter subido o **Meteoro**, apanhava indefectivelmente em Pôrto Profundidade quatro ou cinco feridos. Korner, desesperado, não conseguia localizar o contrabandista de aguardente, o incendiário. Porém ao cabo desse tempo, Costa havia considerado prudente não alimentar mais o fogo e os facões deixaram de trabalhar. Bom negócio afinal de contas para o correntino, que havia concebido vingança e lucro, tudo sobre a própria cabeça pelada de Korner.

Passaram-se dois anos. O “mensú” esbofetado havia trabalhado em várias obras, sem lhe ser permitido uma vez sequer pôr os pés em Pôrto Profundidade. Já se vê: o antigo aborrecimento com Korner e o episódio do mastro grande haviam convertido o indiozinho em pessoa pouco grata à administração. O “mensú”, entretanto, invadido pela moleza aborigene, ficava longas temporadas em Posadas, vagabundo, vivendo do bigodinho em ponta, que acendia o coração das “mensualeras”. Seu corte de cabelo em melena curta, principalmente, muito pouco comum no extremo norte, encantava às raparigas com a sedução do óleo e das violentas loções.

Um belo dia, decidia-se a aceitar o primeiro contrato aparecido a jeito e subia o Paraná. Li-

quidava num relance o adiantamento recebido, pois tinha um braço magnífico; descia neste pôrto, naquele outro, sondava-os todos, procurando chegar onde queria. Mas era em vão: em todas as obras o aceitavam com prazer, menos em Profundidade; ali era de mais. Apanhava-o nova crise de desânimo e de cansaço, e tornava a passar meses inteiros em Posadas, o corpo enervado e o bigode saturado de essências.

Correram ainda três anos. Nesse tempo, o “mensú” subiu só uma vez ao Alto Paraná, acabando por achar seus meios de vida atuais muito menos fatigantes do que os da mata. E, embora o antigo e duro cansaço dos braços fosse agora substituído pela constante fadiga das pernas, achava aquilo de seu gosto.

Não conhecia — ou pelo menos não frequentava — de Posadas senão a Baixada e o pôrto. Não saía desse bairro dos “mensús”; passava do rancho duma “mensualera” a outro; depois ia a um boliche, logo mais ao pôrto, a festejar em coro de berros o embarque diário dos “mensús”, para acabar à noite nos bailes a cinco centavos por cabeça.

— Ché amigo! — gritavam-lhe os peões. — Não gostas mais do machado! Coisa boa a pandega, ché amigo!

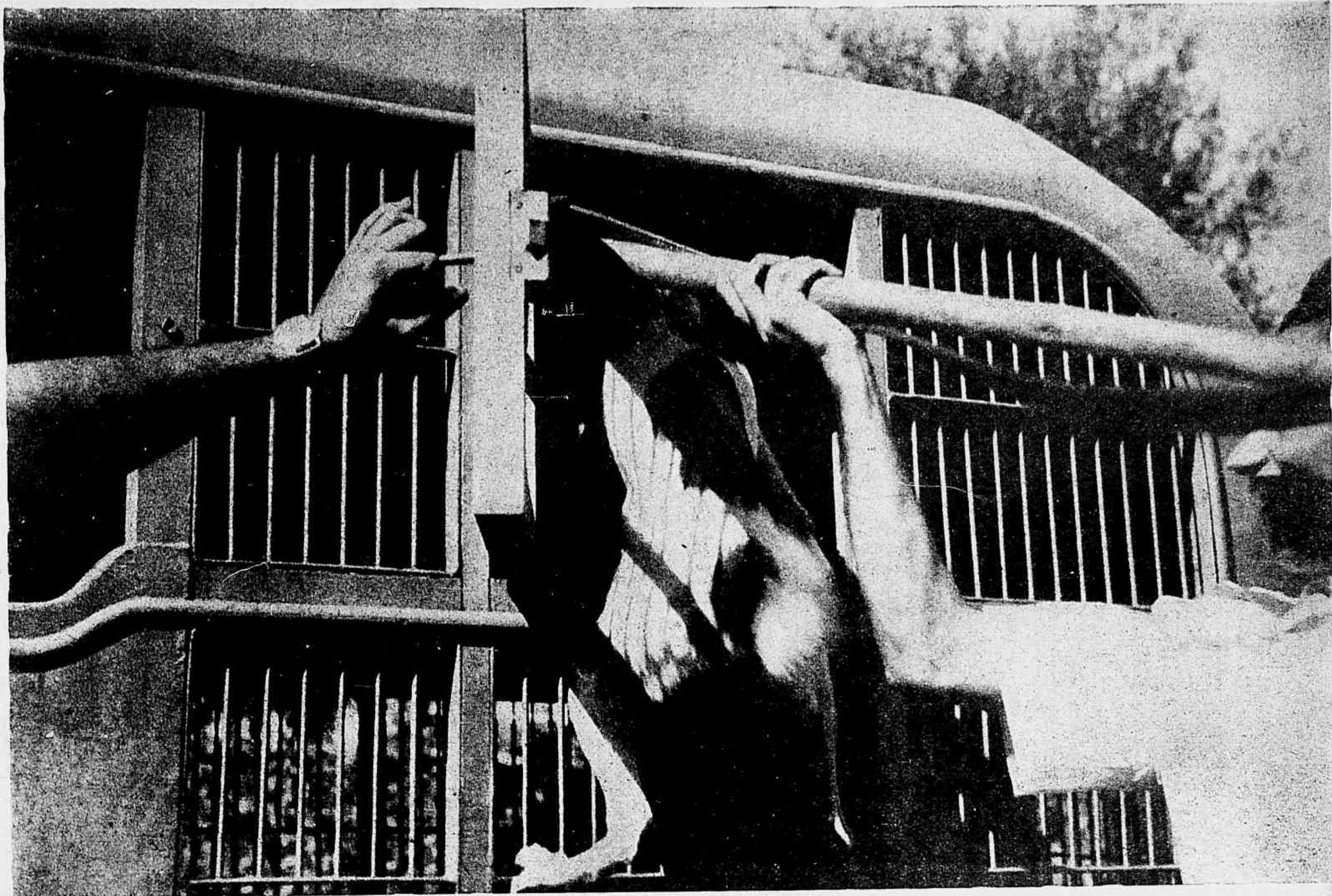
O indiozinho sorria, satisfeito com os bigodes e a melena lustrosa. Um dia, no entanto, levantou vivamente a cabeça e a voltou, todo ouvidos, para os conchavadores que ofereciam esplendidos adiantamentos a uma tropa de “mensús” recém-desembarcados. Tratava-se da empreitada de Pôrto Cabriuva, quase nos saltos do Guaira, pela empresa dirigida por Korner. Havia ali muita madeira nos barrancos

(Continúa na pág.57)









Na página ao lado e em cima: detalhes da apanha dos cães sem dono que perambulam pelas ruas da cidade. O Hospital Veterinário Municipal possui apenas duas caminhonetes para fazer a limpeza em todo o Rio de Janeiro. Duzentos mil cachorros, na maioria sem os cuidados necessários, constituem uma ameaça permanente à população. E a luta contra a hidrofia podia ser muito menor, se houvesse maior coordenação entre o povo e a Prefeitura.

A LUTA CONTRA A HIDROFOBIA PODIA SER MENOR..

SE O RIO DE JANEIRO NÃO FOSSE UMA CIDADE À MERCÊ DOS CÃES VADIOS — APENAS DUAS CARROCINHAS PARA APANHAR CACHORROS SEM DONO EM TODA A ÁREA DO DISTRITO FEDERAL... 4.000 PESSOAS MORTAS E VACINADAS POR ANO... TRABALHO EXAUSTIVO E ESTOURO DE VERBAS QUE PODIAM SER POUPADAS... INSTITUTO PASTEUR... — REPORTAGEM PARA O PREFEITO ÂNGELO MENDES DE MORAIS LER ANTES ALMOÇO...

Por NEY MACHADO

Especial para REVISTA DA SEMANA

Fotos de ARNALDO VIEIRA

O NÚMERO de pessoas mordidas por animais raivosos no ano passado foi sessenta por cento maior que no ano de 1945. Este ano, de acordo com os boletins mensais do Instituto Pasteur, o número de pacientes atendidos por esse Instituto será quase igual ao de 1946, isto é, de quatro mil pessoas, aproximadamente. Esta estatística é alarmante quando se sabe que o Hospital Veterinário Municipal, responsável pela apanha de cães vadios nas ruas da cidade, único meio eficiente de combate ao mal, tem a sua ação obstada pela ignorância de grande parte da população e desrespeitada por pessoas do tipo "você sabe com quem está falando", que chegam a ameaçar de morte os funcionários da "carrocinha", se estes ousarem fazer recolher àquele hospital veterinário especializado os seus cães vagabundos.

A SUIPA protesta contra o modo cruel da pega dos cachorros e gatos. O Hospital Veterinário declara: os nossos médicos, enfermeiros e auxiliares são os maiores amigos dos animais, mas acima destes está a espécie humana.



POR QUE NÃO DIMINUIR A RAIVA NO RIO?

Dois motivos principais tribuem para que não decresça o número de animais raivosos na cidade e, conseqüentemente, a ameaça da transmissão ao homem do vírus da hidrofia: a multiplicação das favelas que brotam de todos os lados e a obstinação do povo em não auxiliar o serviço do Hospital Veterinário. As favelas, morros e das planícies são verdadeiros repositórios de cães vadios ou, muito, apadrinhados por dúzias de faveleiros que não dão aos animais os cuidados necessários. Quanto maior o número de favelas, sempre abastecidas pelo Departamento de Assistência da Prefeitura, maior a ameaça da hidrofia. Outro lado quando a "carrocinha" recolhe nas ruas mais seculares o animal do "seu" fulano ou "doutor" beltrano, este é o fato de o dono não respeitar o Hospital Municipal, ou dando o





Na página ao lado: Quarenta e cinco cérebros e medulas de coelhos estão dentro do vaso. Vai começar a "batida" de cérebros raivosos. Nesta página, em cima: esta dezena de crianças estaria condenada à horrível morte pela hidrofobia se não existisse a maravilhosa vacina de Pasteur. A vacina do nosso Instituto Pasteur é considerada uma das melhores do mundo, graças aos testes de esterilidade e imunidade realizados periodicamente.

ou ameaçando de revolver em punho os funcionários que apanham os cães. Essas reclamações não são nossas. Elas nos foram feitas por funcionários e médicos do Instituto Pasteur e do Hospital Veterinário. É preciso que todos compreendam a necessidade do serviço de apreensão aos cães sem dono, ou mesmo áqueles cujos donos não cumpram as posturas municipais, que obrigam o uso da mordida nos caninos. Nas praias, onde a permanência de cachorros, sejam ou não de "pedigree",

foi proibida, a toda a hora pode-se testemunhar o desrespeito a tais determinações. Toda mordida de cão é perigosa, pois se o animal apresenta naquele momento saúde normal, pode daí a quinze dias ou mais vir a morrer raivoso. E a pessoa mordida, que não tomou precauções, confiando no aspecto sadio do animal, já estará com o vírus percorrendo os seus centros nervosos, em demanda do cérebro, e, repentinamente, o homem tornar-se-á hidrófobo, sem esperança de cura.

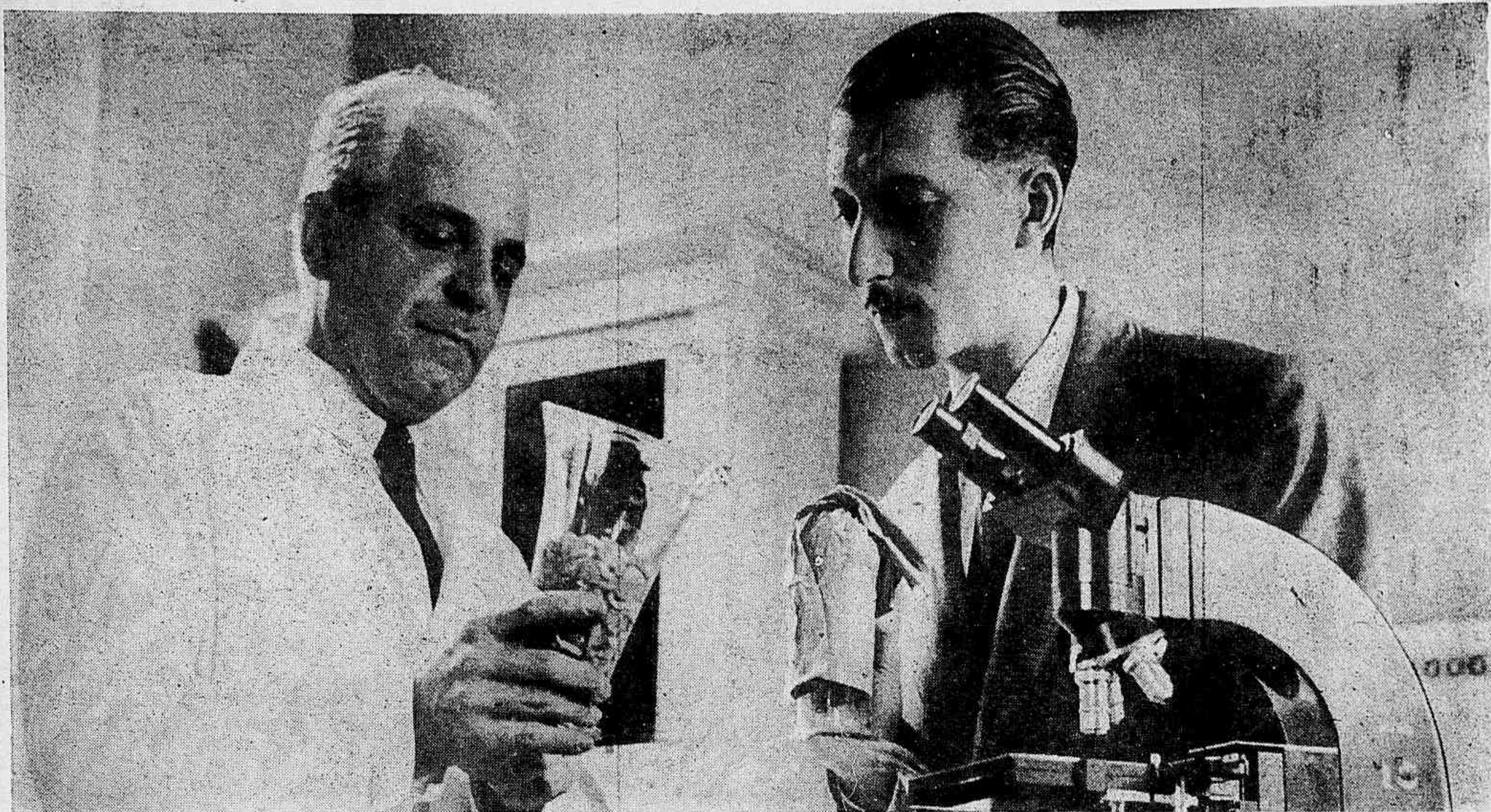
OS ANIMAIS QUE TRANSMITEM A RAIVA

Todos os mamíferos vertebrados, de sangue quente, transmitem ao homem o vírus da raiva, que neste se denomina hidrofobia. Muitas pessoas acreditam que apenas o cão a transmite e quando têm os seus filhos mordidos por um outro animal, doméstico ou não, deixam de tomar providências. As estatísticas acusam o cão como o principal propagador do mal. Logo em seguida vêm o gato (muito sus-

cetível de enraivecêr-se), o macaco, o cavalo, a cabra e o boi e, por fim, o rato. O rato, embora ocupe o último lugar na classificação, é perigosíssimo, pois nunca se poderá identificar a ratazana e saber se estará ou não raivosa. Por isso as crianças e adultos mordidos por esse roedor, mesmo quando levemente atingidas, devem ser levados imediatamente ao Instituto Pasteur, tomando ali a vacina preventiva. Demonstrando como todos esses animais estão frequentemente sujeitos à raiva,

Este menino foi mordido num lugar perigosíssimo, perto da cabeça. A última descoberta norte-americana para lavagem do local da mordida é com água de sabão. A lavagem, mesmo com ácidos, não impede a propagação do vírus. Procure sempre o Instituto Pasteur e siga os seus conselhos.





O Dr. Roberto Sousa Coelho, atual diretor do Instituto Pasteur explica ao reporter o processo da fabricação da vacina. O Instituto atendeu no ano passado a quatro mil pessoas mordidas por animais hidrófobos ou suspeitos. O macaco e o rato aparecem mensalmente nas estatísticas como responsáveis pela transmissão da hidrofobia. No Rio Grande do Sul a raiva bovina é transmitida pelo morcego chupador de sangue, chamado "morcego hematófago".

damos a estatística do mês de maio próximo passado do Instituto Pasteur, onde foram vacinadas 242 pessoas mordidas por cães, 26 mordidas por gatos, 4 mordidas por macacos, uma por um cabrito, outra por um cavalo e outra por um rato. O homem, quando hidrófobo, pode também transmitir a raiva aos seus semelhantes. Quando, na família, uma pessoa falece vítima da hidrofobia, é imprescindível que todos os que lidaram com o doente no seu período

agudo procurem vacinar-se incontinenti. Para a transmissão do vírus basta que a baba do doente tenha tocado pequeninos cortes na pele de outras pessoas — cortes, às vezes, invisíveis a olho nú.

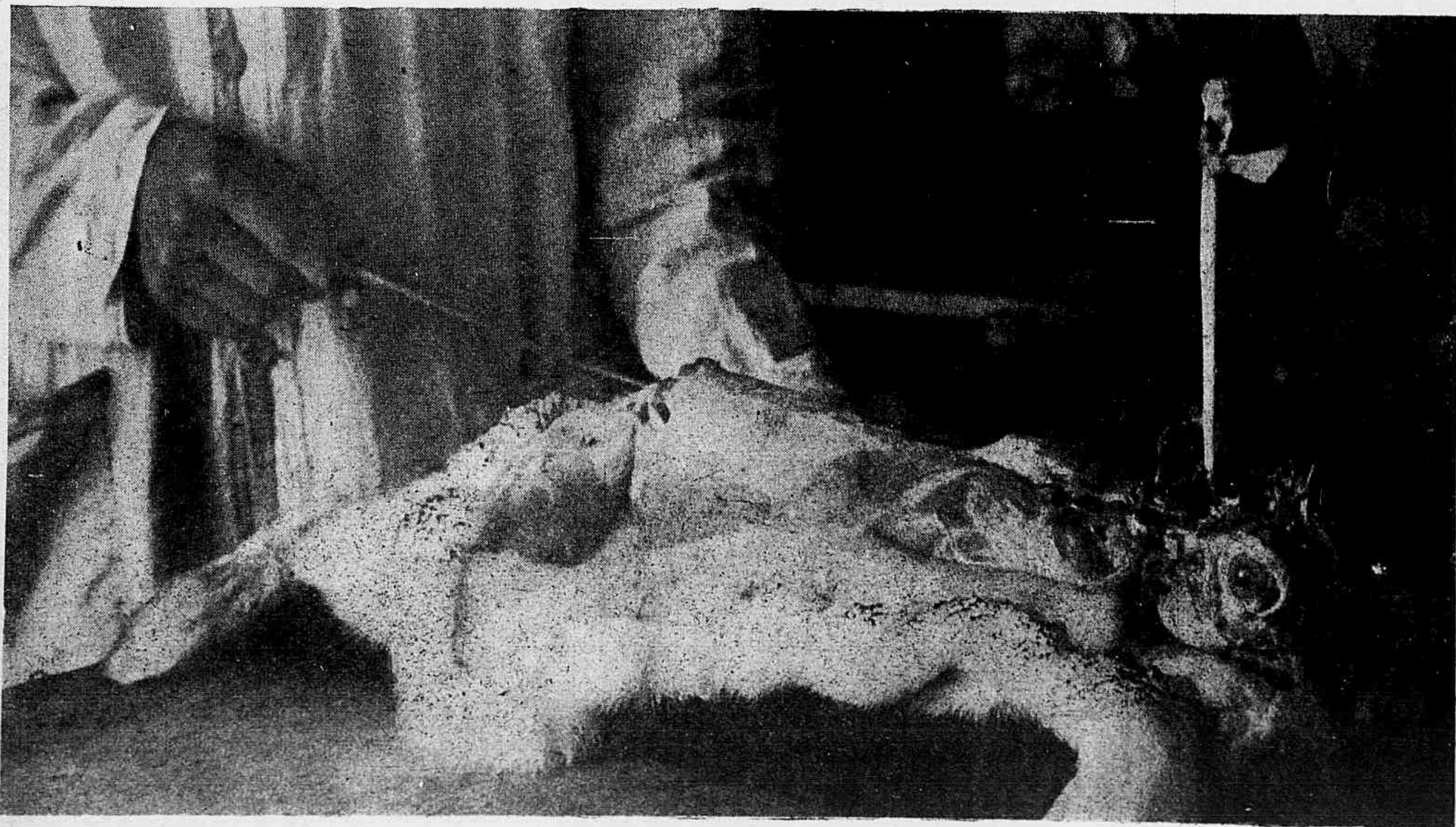
O QUE SE DEVE FAZER QUANDO MORDIDO

O ditado que aconselha "curar a mordida do cão com o pêlo do próprio cão", além de ser autêntico léro-léro, tem causado vá-

rias vítimas pela sua ineficiência. Desde que a criança ou o adulto é mordido por um cachorro, gato, rato ou qualquer outro mamífero vertebrado de sangue quente, o primeiro cuidado que se deve ter é cauterizar a ferida com um poderoso cautério, como o ácido fênico ou o iodo. No Instituto Pasteur chegam diariamente pessoas que trataram as feridas com as mais disparatadas mizinhas, como cebola picada, alho maceado, vinagre, enxofre e pêlo de

cão moido e queimado. Nada disso adianta. A própria cauterização pelo iodo ou pelo ácido fênico não corta o mal. Apenas diminui a virulência da infecção. Em seguida deve-se procurar o Instituto Pasteur ou qualquer dos outros postos onde se aplica a vacina anti-rábica. Se a mordida estiver localizada perto da cabeça — no rosto, orelhas, pescoço — esse Instituto, preventivamente, aplicará logo uma dose de vacinas ao paciente, pois como a infiltração alcançaria

Nesta página: Mensalmente quarenta coelhos são sacrificados para a extração do cérebro e medula e preparação da vacina. Se a Prefeitura não aparelhar convenientemente o Hospital Veterinário, o perigo da hidrofobia no Rio de Janeiro aumentará sempre. Na página ao lado: o menino Gilberto, quando tomava a última das vinte e cinco vacinas necessárias para a imunização. O tratamento no Instituto Pasteur é completamente gratuito.







O sargento Justino Alves de Araujo foi mordido duas vezes por cães suspeitos de hidrofóbia. Na última vez teve um dedo quase arrancado. A' direita: o português Joaquim Julião com um profundo e perigoso ferimento no nariz. Quando a mordida é acima do pescoço deve a pessoa iniciar logo o tratamento anti-rábico, pois o vírus alcançaria mais rapidamente o cérebro. Não há tempo para o cachorro ficar em observação.

mais depressa o cérebro, devido à proximidade da inoculação do vírus, não haverá tempo para se fazer observação do gato, cão ou outro animal que tenha mordido. Se a mordida tiver sido nos membros superiores ou inferiores e não houver no momento da mordida provas de que o animal esteja raivoso, aconselha-se que a pessoa mantenha o animal em observação durante dez a quinze dias. Se, no fim desse período, ele continuar de boa saúde, normal, comendo bem, fica afastada a hipótese de estar acometido de raiva. Mas se por acaso — e isso é importante — o animal desaparecer, deve-se correr imediatamente ao Instituto para iniciar o tratamento. Não sendo mais encontrado o animal pelo qual se foi mordido, o ca-

minho é um só: iniciar as aplicações da vacina, no Instituto Pasteur, à rua das Marrecas número 11. Existem também postos de vacinação anti-rábica nos Hospitais Carlos Chagas, Pedro II (Santa Cruz) Getúlio Vargas (Penha), Miguel Couto (Gávea) e também nos postos da Ilha do Governador Meier e Campo Grande.

UMA INSTITUIÇÃO QUE HONRA O BRASIL

O Instituto Pasteur do Rio de Janeiro é, em antiguidade, o segundo do mundo, tendo sido inaugurado quatro anos depois do Instituto Pasteur de Paris. Deve-se sua fundação ao espírito esclarecido de D. Pedro II, sempre pronto a auxiliar o progres-

so das ciências. Uma nota curiosa: desde a sua inauguração, em 24 de Fevereiro de 1888, até hoje, nunca as portas do Instituto se fecharam. Ali se atende a qualquer hora e a qualquer dia, inclusive aos domingos, feriados e dias santos. Nos últimos dez anos foram atendidas pelo seu reduzido corpo de auxiliares (médicos, laboratoristas, enfermeiros e funcionários) duzentas e cinquenta mil pessoas. Dessas, cento e cinquenta mil receberam o tratamento anti-rábico. O tratamento é completamente gratuito, variando o número de vacinas de vinte e cinco a trinta, aplicadas uma por dia. Quando a mordedura se localiza perto da cabeça, para onde se encaminha o vírus da raiva, as injeções são aplicadas duas vezes por dia.

O Instituto Pasteur, embora não pareça, é um departamento da Prefeitura. Não parece serviço público, porque ali não se espera para ser atendido, não existe ali a mínima burocracia, os médicos, enfermeiros, laboratoristas e funcionários são extremamente dedicados e, coisa rara, costuma haver saldo nas verbas que lhe são concedidas. Verbas mirradas, irrisórias, quando se sabe o amplo fim a que se destinam. Em 1946 a Prefeitura concedeu ao Instituto uma verba de Cr\$ 153.000,00. O diretor, Dr. Roberto de Sousa Coelho, conseguiu uma economia de perto de Cr\$ 40.000,00. A verba pedida pelo Instituto para o ano corrente foi de 137.000,00 e a

(Continua na pág. 56)

No coelho vivo e são faz uma trepanação e com uma agulha injeta-se perto das meninges algumas gotas de uma solução de cérebro raivoso. Daí a cinco dias este animal também estará raivoso. Na foto à direita: o resultado de oito litros de substância nervosa corresponde a esse montão de coelhos mortos: quarenta, aproximadamente.



Uma voz agradável, suave, de tonalidade um pouco grave, muito contribui para aumentar o encanto de uma pessoa.

E' realmente inegável a influência da voz. Vejam, por exemplo, que existem pessoas normais, inteligentes, de aspecto saudavel, que não toleramos, de maneira alguma, por causa da voz.

Uma voz estridente é qualquer coisa que não podemos suportar nem nos nossos bons momentos.

Existe um sem número de jovens que julgam se tornar mais interessantes falando em voz arrastada e "melôsa", uma voz de criança mimada, que absolutamente não causa o efeito desejado. E olhe que são muitas as que falam assim. A principio forçam um pouco, mas em seguida isto se vai tornando um habito e elas acabam atravessando o resto da vida com aquela voz monotona e sem expressão.

Pensam assim dar impressão de fragilidade ou feminilidade, mas se enganam redondamente, porque a mulher bem feminina, sabe que com essa vozinha falsa e enjoada, acabará por cansar aqueles que a ouvem. Outra classe de voz que desagrada, é a voz aspera e dura. Parece que a sua portadora está sempre mal humorada, apressada e impaciente. Tais pessoas acabam se tornando antipáticas, afastando de si quasi que todas as amizades.

E ha ainda a voz daquelas que "adoram" ter um sotaque estrangeiro; "carregam" nos "ss" e "rr", provocando uma reação muito contraria áquela que pretendem provocar.

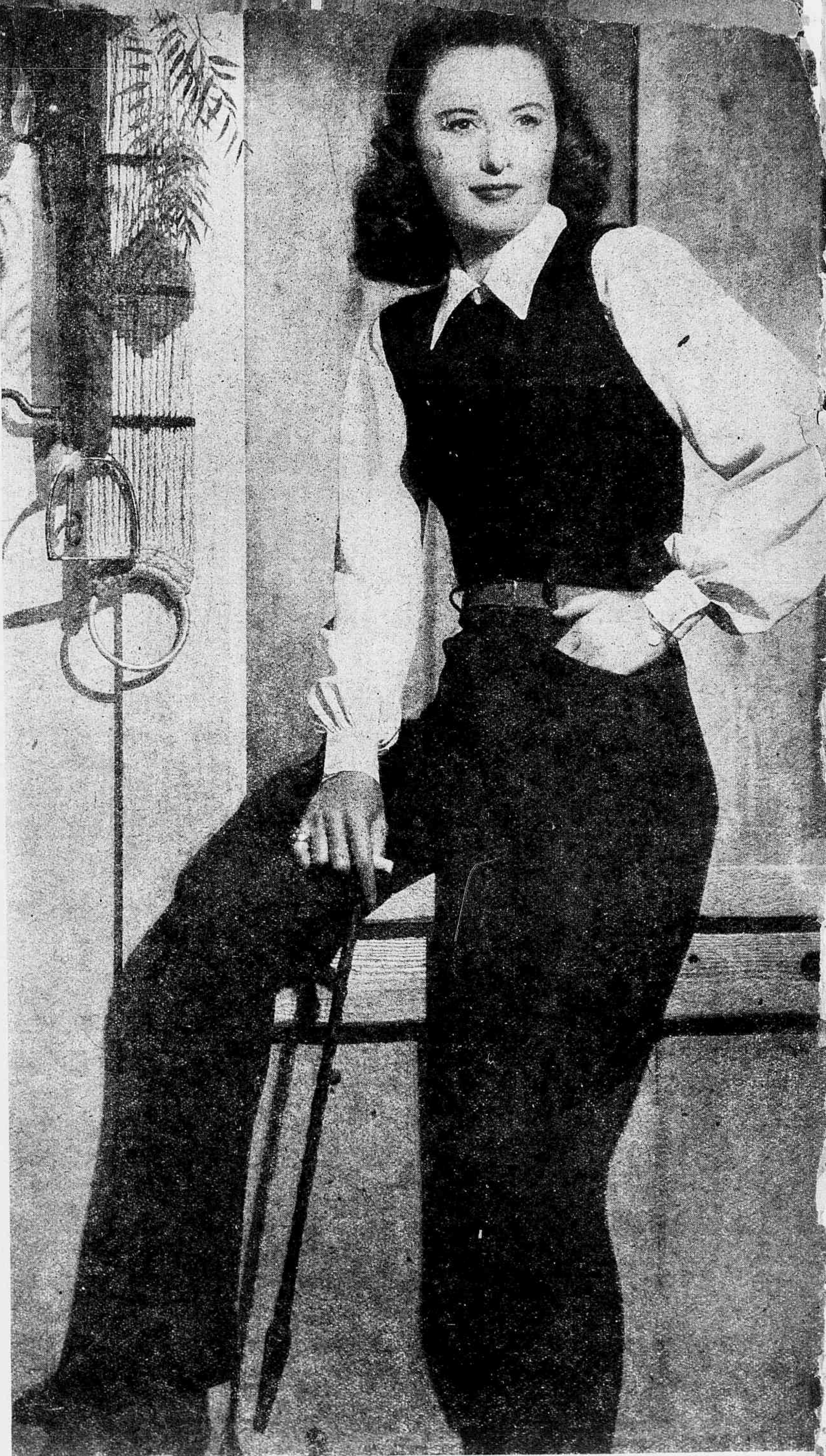
Existem ainda pessoas com uma tonalidade tão alta de voz, que quem as ouve pensa que estão brigando. Em geral são criaturas que gostam de chamar a atenção dos outros sobre a sua pessoa. Talvez por lhe faltarem outros predicados, recorrem a esse meio.

Tudo isso pode ser evitado desde que haja disposição para um treinamento constante.

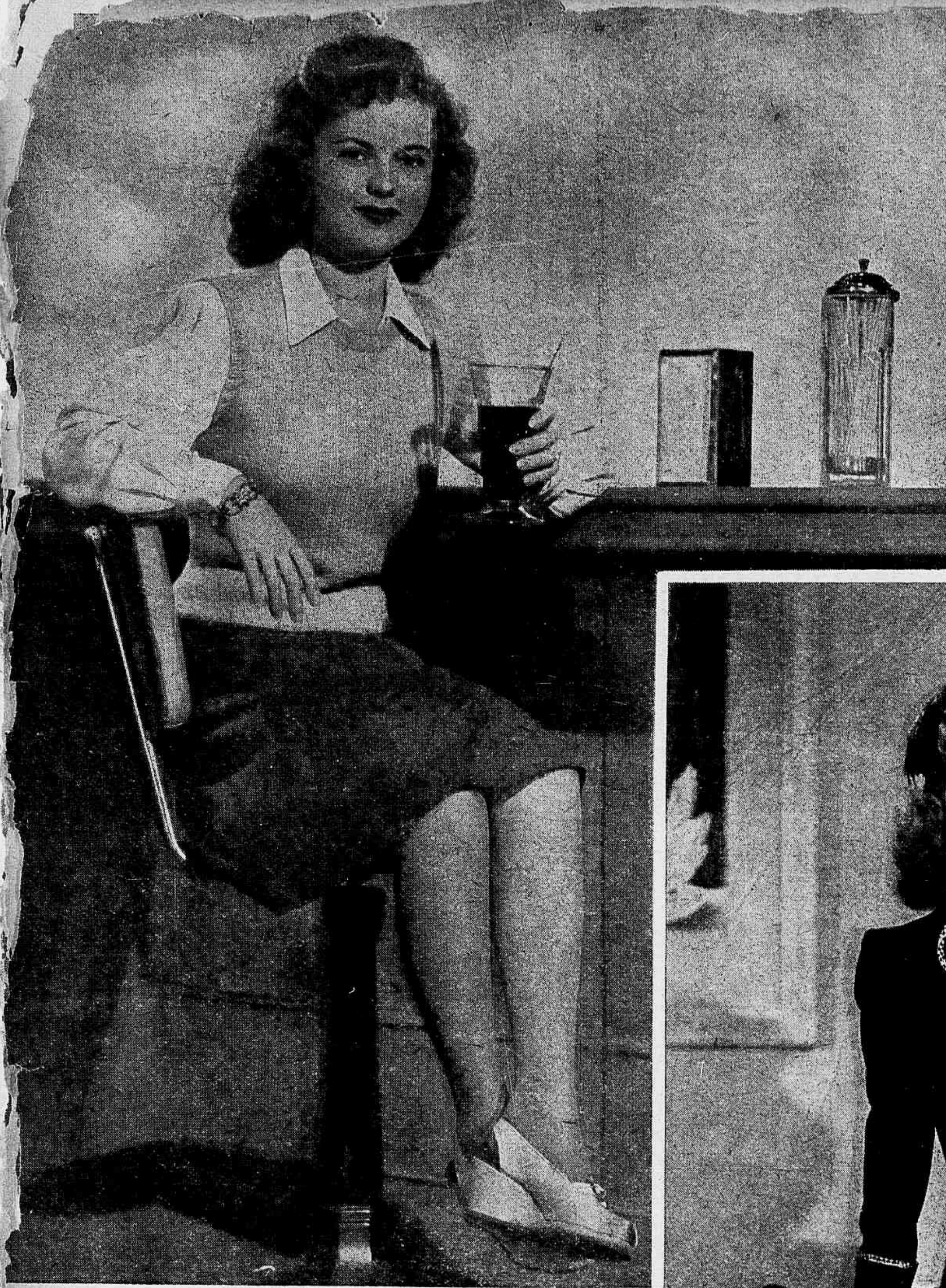
Si você sente que o seu "ponto fraco" está na voz, comece hoje mesmo a sua "re-educação". Sente-se diante do espelho e repita para si mesma algumas frases comuns. Seja sincera e procure ver onde está a falha. Sua voz é estridente? E' baixa? Muito alta? Arrastada? Monotona? Seja qual for a razão, passa a combatê-la. Fale sózinha, se preciso for, durante horas seguidas, mas procure dar uma entonação diferente á sua voz. Procure fazer com que ela venha mais diretamente do coração, que seja suave, baixa, as palavras ditas com clareza (sem comer as últimas sílabas) e, você estará dando um grande passo para se tornar uma criatura amavel e simpática.

★

Si você pratica a equitação, veja a "linha" do traje de Barbara Stanwyck, da Warner Bros, com a sua calça de gabardine havana, ela usa uma "sweater" de malha vermelha e blusa de seda branca.



NOS BASTIDORES FEMININOS



mente contratada pela RKO, Shirley vem fazendo papéis de acôrdo com a sua figurinha simpática. Os figurinistas daquele estúdio cuidam com carinho do seu guarda-roupa. Este é um modelo que usará no filme "Amor de Duas Vidas". A saia é verde, a blusa branca, presa à saia, com decorações de tecido escossês verde e branco. Muito graciosa ela está com a sua sainha azul com motivos pintados em cores vivas. A blusa é de cambrala branca, enfeitada com viéz vermelho e branco e babadinhos também de cambrala.



MODELOS DE SHIRLEY TEMPLE



SHIRLEY TEMPLE foi, na sua infância, o modelo de todas as meninas do mundo. As mães aguardavam ansiosas os seus filmes para copiar modelinhos para suas filhas. Hoje, Shirley é uma mocinha bonita e elegante e os seus modelos continuam sendo esperados pelas jovens da sua idade. Aqui estão os últimos modelos de Shirley Temple para as suas "fans" do Brasil. Vemos nestas páginas: Tipicamente colegial.

Com a sua saia marrom, sua blusa de seda branca e sua "sweater" de lã azul claro, Shirley representa o tipo da jovem estudante, da mocinha que iniciou a sua carreira no escritório, enfim, de todas as que ainda têm seus dezoito anos. Com este modelo, ela tenta conquistar Gary Grant em "Solteirão Cobiçado". É feito em lã azul marinho, blusa estampada azul marinho e branco. O bolero é mais comprido atrás do que na frente. Atual-

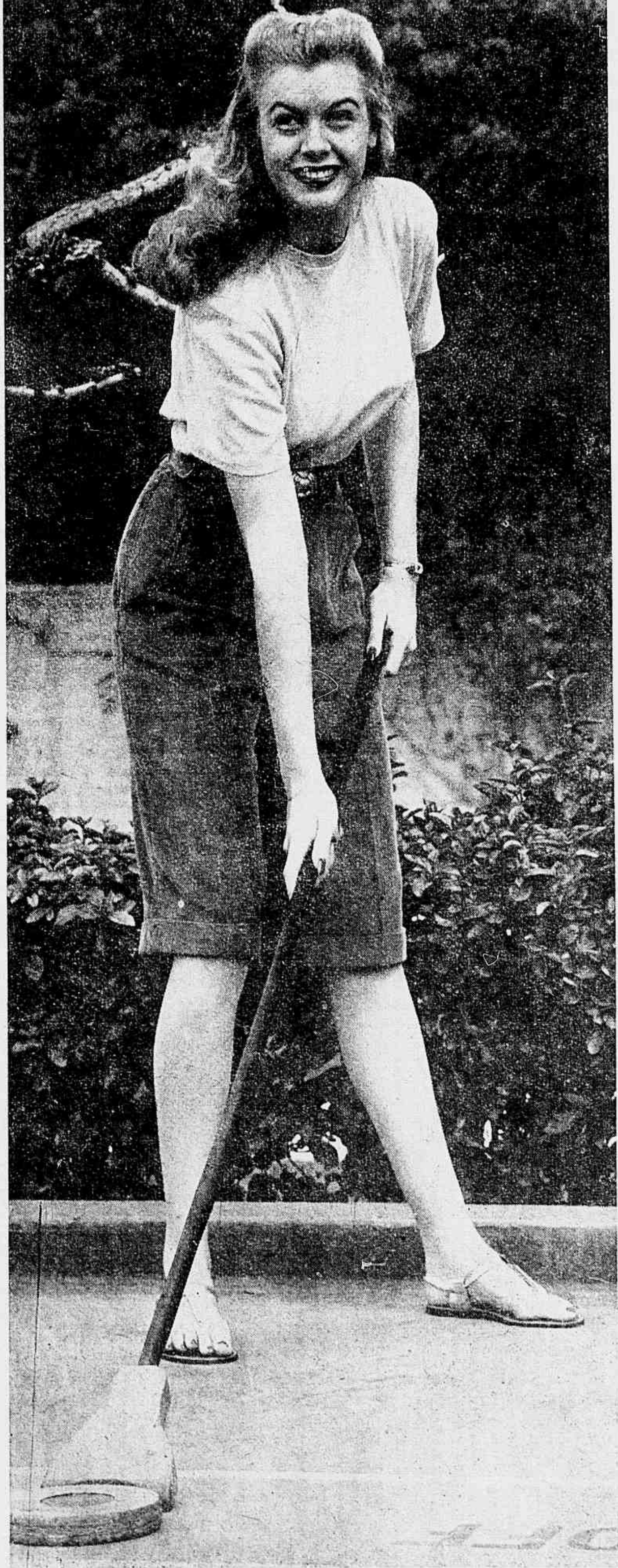




UMA BLUSA ORIGINAL

ANDREA King, belíssima com esta blusa que Lanz, figurinista da Warner Bros. desenhou especialmente para ela. Ao redor do grande decote, vemos corações no centro de círculos feitos com fôlhas. O mesmo desenho é reito nas mangas. O motivo é pintado à mão.





PARA essas manhãs de nevoeiro que são as manhãs frias da carloca, Janis Carter, a graciosa "estrelinha" da Columbia Pictures, usa esse traje esportivo bastante elegante, composto de slacks de flanela branca, "sweater" de malha também branca, largo cinturão de couro vermelho e casaco de flanela listrada branco, azul claro e vermelho.

Para jogos esportivos, Nancy Sanders, encantadora "estrêla" da Columbia, prefere esta calça azul marinho de veludo "cordonnê", com blusa de lã azul claro. Cinto de couro vermelho com grande fivela dourada.

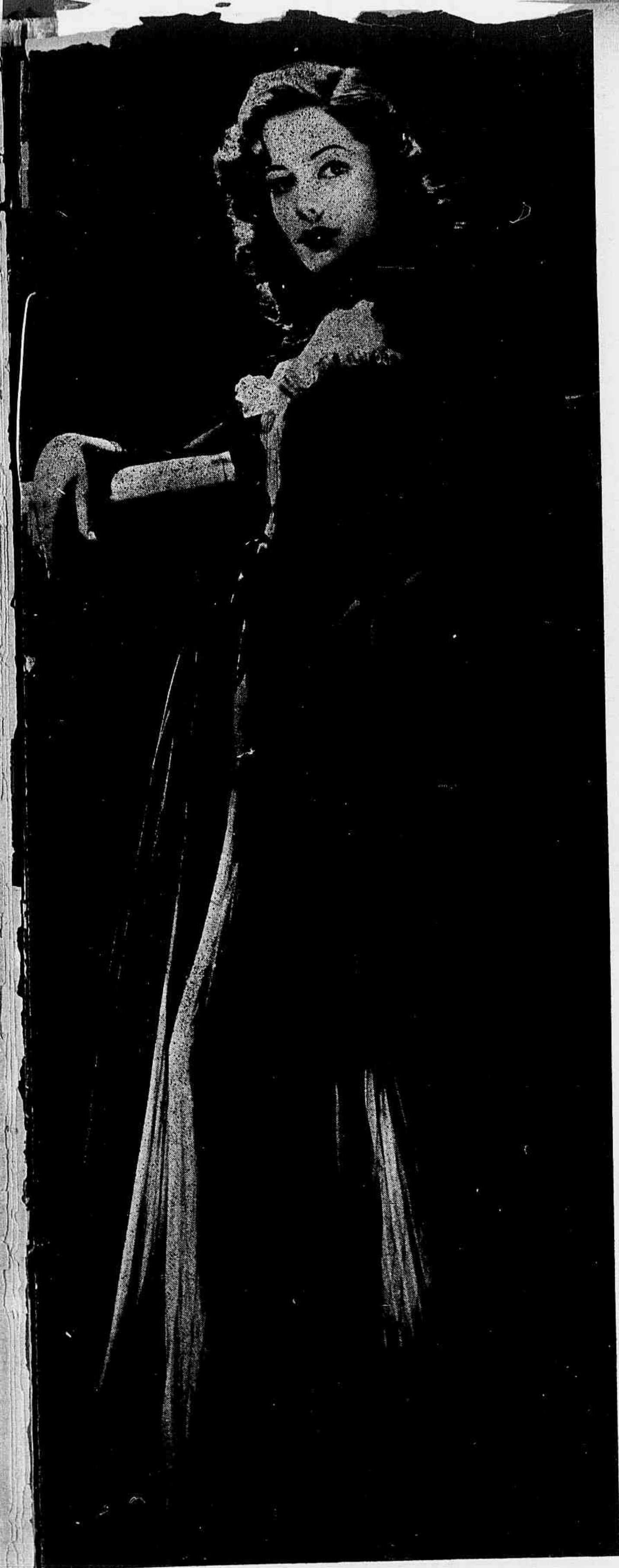


Modelos esportivos



INTIMIDADE

É nessas horas íntimas que a beleza feminina aparece em todo o seu esplendor... Gazes... rendas... "tulles"... tecidos leves e femininos fabricados para encantamento de todas as mulheres... Da esquerda para a direita, temos: Jane Greer, essa "estrêla" sugestiva da RKO, aparece numa deslumbrante camisola de noite, executada em crêpe romano rosa seco. O decote é alto na frente, formando profundo "V" nas costas. Mangas bastante largas, saia com



amplo "godet". Cordão do mesmo tecido com fio de ouro entrelaçado, é preso à cintura, terminando em laço na frente. Esta é Adele Jerges, da Columbia, num luxuoso "negligée" de gaze branca, com incrustações de rendas pretas, acompanhando a camisola que tem a parte superior em renda preta e a saia em romano branco. As mangas do "negligée" são muito fartas, terminando com punhos de rendas. E novamente



Jane Greer, com um "negligée" que usa no seu filme "Rua das Almas Perdidas". É feito em "chiffon preto, com rendas também pretas. A saia é toda plissada. O decôte bem pronunciado, com apenas uma tira presa na garganta. Ela o usa sobre uma camisola de gaze branca, toda plissada. A morena Jane Greer, num robe de "chartreuse" azul com fios dourados. Um grosso cordão arremata a gola e a cintura.



PELES...

NÃO há coisa que dê maior "chic" à mulher, do que peles... E hoje, as grandes peleterias não se firmam apenas num modelo de casaco, mas criam, dia a dia, as mais extraordinárias variações em torno desse assunto tão feminino: peles... Da esquerda para a direita: Myrna Loy, por exemplo, nos oferece este maravilhoso casaco, de feltro originalíssimo, com duas partes soltas na frente, podendo o restante ser dobrado para



dentro, dando idéia de mangas. Jane Greer, "star" da RKO, usa, para as noites de gala, esta luxuosa capa, de feitiço muito original. Linda Sterling, da Republic, escolheu, para usar durante o dia este casaco alinhadíssimo, com mangas muito largas, dando idéia de capa. Nada mais "rafinée" do que esse casaco de arminho branco, ligeiramente "godet" atrás, que Linda Sterling usa para as noites de gala.



Se
trás
pa-
vite



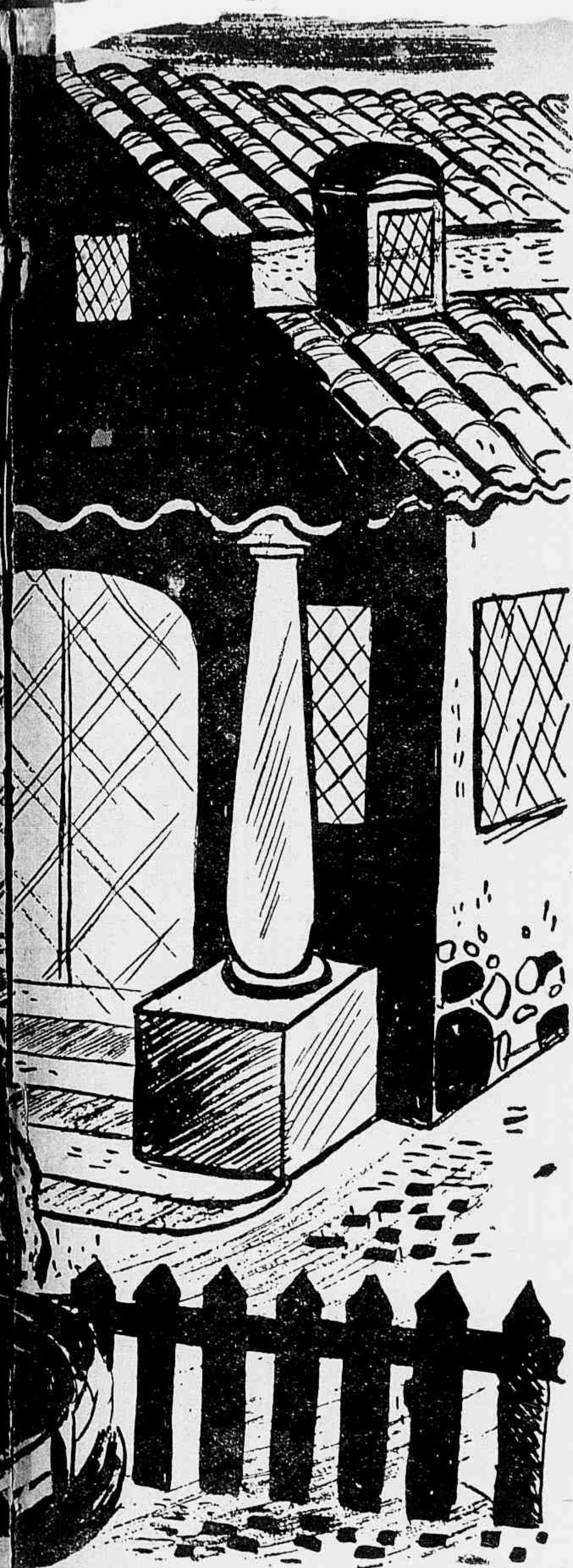
ARMANDO
MOURA

AUTO PROFECIA

Saíra do consultório cansado e ansioso por chegar em casa quando avistei aquela casa toda iluminada. Espantei-me. Apressai o passo e parei do lado oposto. Era realmente a casa de Segismundo; e justamente por ser a casa de Segismundo é que parei espantado. Que mistério se escondia por detrás daquelas luzes? Segismundo patrocinando festas em sua casa? Não era possível! Aquêlê velho moribundo não acenderia sua mansão por coisa alguma dêse mundo. Um garoto passou equilibrando-se no trilho do bonde. Perguntei se ôle sabia porque estava aquela casa acesa. Ohou para mim e seguiu seu caminho sem responder. Certamente pensara ser eu um louco; perguntar porque estava uma casa acesa, parecia mesmo pergunta de louco ou idiota. Atravessai a rua e procurei avistar o interior da casa por intermédio de uma janela em

CONTO DE AMELIO JOSE' DA FONSECA LES

Ilustração de ARMANDO MOURA



e um; e ainda mais o medo da morte. Tinha medo de morrer e esse medo se positivava em agosto, porque estava possuído da firme convicção de que esse seria o mês de seu falecimento. A noite não conseguia dormir esperando pela morte; de dia corria ao meu consultório para que eu o salvasse das garras que o perseguiam. Mandei-o a um neuro-psiquiatra. Não quis ir. Só confiava em mim. Contava-me que aquele medo do mês de agosto tinha um fundamento sólido, era hereditário. Desde os mais remotos antepassados trazia ele alguma desgraça a um membro da família. Seu bisavô, que era possuído também do medo de morrer naquele mês, veio finalmente a ser atingido pela morte justamente no dia trinta e um do mês fatídico. Um irmão de seu avô nascera e morrera no mês de agosto. Um primo de seu pai fora atingido por uma bala em agosto — dia primeiro, vindo a falecer no dia seguinte. Seu irmão falecera em outubro, devido porém a um desgosto ocorrido no sinistro mês — sua noiva traía-o com outro num dia desse mês, deixando-lhe o coração despedaçado. Sua bisavó levava um tombo da escada no mês de agosto, ficando com ligeiro defeito na perna direita por toda a vida. Era verdade que falecera em dezembro. Entretanto, (fazia questão de frisar) sua moléstia tivera início em agosto, quando tomara um golpe de ar, predispondo-a à moléstia... E ia assim enumerando uma centena de casos, justificando com eles seu temor por aquele oitavo mês do ano. Ele próprio, Segismundo, já estava assinalado pelo mês fatídico. Quando criança levava uma pedrada na testa, que o deixara marcado para o resto da vida; a pedra ferira-o numa tarde de um dia do mês de agosto e nunca pôde saber donde ela surgira. Diante de um caso de tal natureza o mais que se pode fazer é procurar tirar da cabeça do examinado todas aquelas fantasias, aconselhando-o com a máxima prudência. Foi o que fiz. Empreguei todos os recursos à mão. Confesso que fracassei. Foi nulo todo o meu insano trabalho. O temor pelo mês de agosto continuava tão grande quanto no primeiro dia de consulta. Os sintomas eram os mesmos; as cefaléias, os suores noturnos e a sensação de morte, o gosto da morte levando-o quase à loucura. Percebi que eram mesmo inúteis todos os meus esforços. Um dia morreria e a "causa-mortis" seria infalivelmente: morte por medo de morrer. O seu maior temor, porém, era morrer antes que o filho se formasse em medicina. Tinha um filho estudando na Faculdade de Medicina, especializando-se em psiquiatria. Segismundo dizia sempre que só se conformaria com a morte após a formatura do filho. Dedicava-lhe verdadeira paixão. Com a formatura do filho, em agosto (!) do ano passado, desaparecera do meu consultório. Perdera, assim, há um ano, o curioso cliente. Tinha, agora, certamente, um bom médico em casa. Não precisava mais de meus poucos serviços. De boa vontade entreguei-o (embora sem ser consultado, ou mesmo merecer alguma consideração) aos cuidados do filho. Talvez fosse mais bem sucedido.

vidraçada. Suspendendo o corpo nas pontas dos pés pude perceber a sala profusamente iluminada. A posição era bem ridícula para um velho, bem sei, mas estava interessado em saber o que ocorria e já explico a razão pela qual estava tão curioso.

Um dia, um velho de cabeça lisa, "facies" enrugada e espinha dorsal curvada, quase formando angulo reto com a linha do diafragma, entrou em meu consultório. Examinei-o detidamente e constatei um caso de esquizofrenia. Tinha a doença do mês de agosto". Em uma de suas visitas posteriores confessou: era-lhe um martírio viver o mês de agosto. Quando chegava o dia primeiro desse mês tinham início as cefaléias, os suores noturnos, as pontadas no coração e mais uma série de sintomas que permaneciam mais ou menos intensamente até a meia-noite do dia trinta

sempre tive nas lentes do meus óculos, talvez saís descredito do que vira. Segismundo em pé no meu sala conversando com outros senhores. Até aí nada de importância, porém o que me chamou particularmente atenção foi a excelente disposição do antigo cliente. O vidro da janela impedia que eu ouvisse qualquer coisa mas pela expressão de rosto pude perceber que ele ria bem rir. As olheiras já não estavam tão marcadas; e quase incredulamente que percebi que sua espinha dorsal não estava tão curvada. O angulo reto não existia mais. Milagre! O velho tinha até remojado. Só por milagre! A porta da casa abriu-se por um momento e um garoto saltou apressado. Chamei-o e perguntei o que comemoravam lá dentro. Não obstante achar-se sob a impressão daquele velho trepado em uma pedra olhando por uma vidraça de uma casa estranha, conseguiu dizer gaguejando que "o moço faz anos e tem um ano que se formou". Mal acabara de responder continuou a caminhada interrompida, sempre olhando para trás, fixo em mim. Aquela rápida explicação clareou um pouco o horizonte, mas deixou-me mais apalermado ainda. Então estávamos no mês de agosto e dia trinta e um!... E o velho firme, tomando vinho, sem as cefaléias, sem as caimbras, sem as pontadas, sem lembrança atroz do mês fatídico!

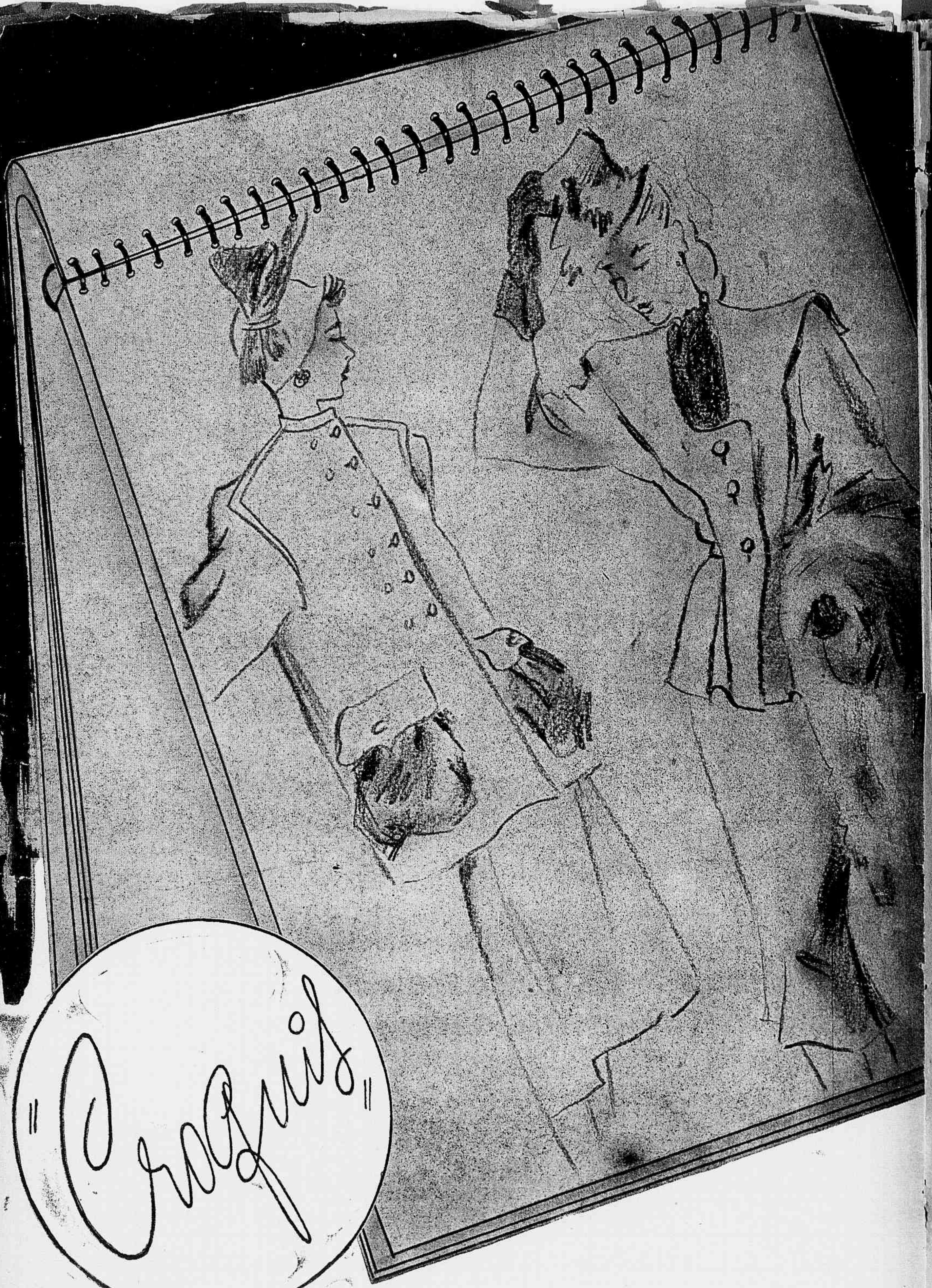
Lá dentro a comemoração continuava como se nada houvesse, como se nunca houvesse ocorrido qualquer imprevisto para a família no mês de agosto, justamente o mês de aniversário do filho de Segismundo. A casa era pequena para conter o número de jovens que iam buscar convívio do aniversariante. O vinho enchia rapidamente os cálices de ora em ora, e o velho Segismundo parecia um forte rapazola. Onde estava aquele velho dos suores noturnos, do medo das garras da morte, do medo do mês de agosto?

Quando tive a lembrança de olhar para trás, vi uma multidão embasbacada com minha incômoda e grotesca posição. Sai contrafeito e fui dormir impressionado com os festejos naquela casa que nunca se acendera até então. Sonhei com um naufrágio. Eu e Segismundo agarrados pelos braços e dentes em um pequeno barco, tentando vencer as ondas revoltas. A escuridão era quase completa, o frio intenso e as ondas envolviam-nos em sua fúria. Um dado momento, senti que não aguentava mais, os músculos se relaxaram e larguei a borda do barco. Gritei. Quando estava na ânsia de segurar-me novamente ouvi Segismundo gritar com voz natural em falsete: "Não, doutor, o senhor não... estamos no mês de agosto... chegou a minha vez". Senti então uma mão puxando-me com inaudita força, tentando salvar-me. Outra onda cobriu-nos. Umhas pernas cabeludas, esqueléticas, passaram rentes ao meu rosto e desapareceram nas águas turbulentas. Acordei lívido.

No dia seguinte os jornais anunciavam a morte de Segismundo. Pude saber mais tarde que ele morrera exatamente à meia-noite. O desenlace fora inesperado. Tinha conversado animadamente quando caiu para trás fulminado, após gritar pelo meu nome. No relógio da parede acabavam de soar as últimas badaladas da meia-noite daquele mês de agosto. Consumara-se a auto-profecia.

Como não visse bem o interior da sala, embora nas pontas dos pés, arranjei uma pedra e trepado nela consegui presenciar toda a cena. Se não fosse a fé inabalável que

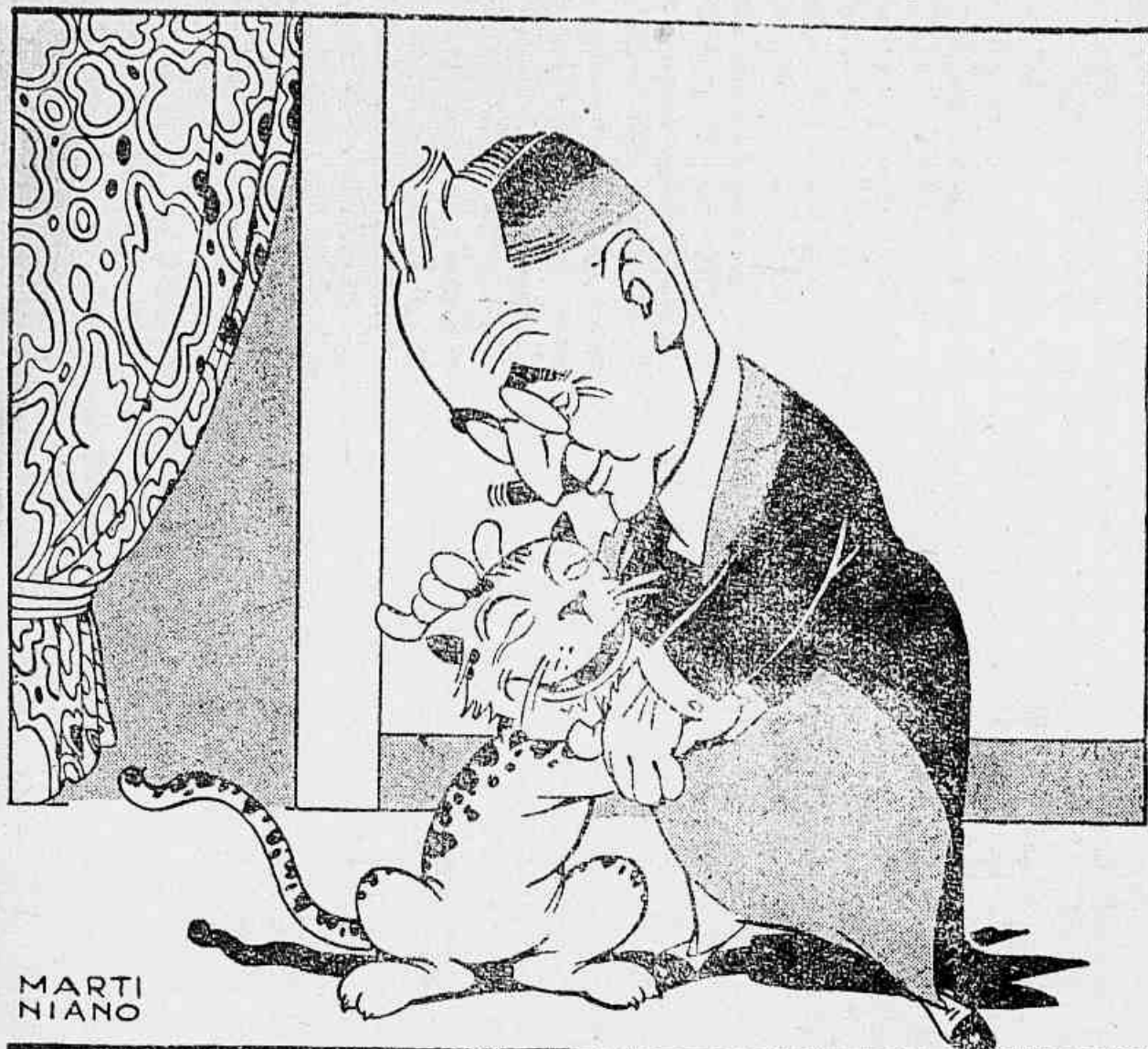
"Candid"





Da esquerda para a direita: Casaco muito em voga, grandes bolsos guardados com peles. Gola estilo russo. Costume de inverno, em casemira, casaco com gola "marinheira" estilizada. Manteau: de lã cinza esportivo e muito elegante. Interessante modelo impermeável, para dias de chuva. Capucho preso ao casaco por uma gola estilo chale.

AMIGO DA ONÇA



MARTIANO

Ja e tempo de acabar-se com a lenda que, trombeteada pelos quatro cantos do Brasil, aponta o sr. Getulio Vargas como o grande amigo n.º 1 dos trabalhadores. O que ele é, de fato e sem contestação, para o trabalhador — isso sim — é o amigo da onça. E a prova disso aqui está, simples, expressiva, neste trecho da carta que a 20 de maio do corrente o engenheiro Geraldo Rocha enviou ao ex-ditador:

“Quando v. exa. se apoderou do Governo, em 1930, um operário ganhava no Rio um salario diario de dez cruzeiros, com tal importancia, ele podia adquirir 10 quilos de carne seca ou 33 quilos de feijão, cinco galinhas, 6 quilos de carne verde, doze duzias de ovos ou 14 litros de leite; com a legislação de v. exa. este mesmo homem ganha hoje trinta cruzeiros, mas só pode adquirir com o salário de um dia 3 quilos de charque ou 2 quilos de carne, 6 de feijão e não pode comprar uma galinha nem duas duzias de ovos. V. exa. legislou contra os proprietários, impôs aos construtores 30 por cento sobre o custo das obras, com encargos sociais e assim o operário que se pretendia proteger se encontra esmagado, sem poder sustentar a prole ou encontrar teto em que se possa abrigar.

Tudo isto decorre do erro de v. exa. acreditando ser possível elevar o nível da vida encarecendo a produção e esmagando o produtor, onerando-o com encargos, sem equilibrar a situação, introduzindo o uso da máquina, barateando os juros do capital e facilitando os transportes. V. exa. tem assim todo o direito de ser considerado o autor exclusivo desta crise que nos esmaga, o inimigo da pobreza a quem retendeu amparar e o pai dos ricos surgidos inexplicavelmente entre os que souberam “monetizar” a confiança que v. exa. lhes delegou.

Lendo e anotando estas verdades, os trabalhadores bem poderão julgar dos sentimentos paternos do seu grande “amigo da onça”.

(Transcrito de O JORNAL de 3-5-947). ★★★



DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569

Toine

(Continuação da pág. 23)

destruição. Em vez de mostrar-se como faz com os outros, a onça, de mostrar-se pelos cabelos brancos, pela magreza, pelas rugas, na prostração crescente que nos faz dizer com um arremedo: “Puxa! como ele mudou!” Ela apazia-se em engordá-lo, o torná-lo monstruoso e engrandado, em colorí-lo de vermelho e azul, em assoprá-lo, em dar-lhe a aparência de uma saúde sobre-humana; e as deformações que ela inflige a tôdas as criaturas tornavam-se nele risíveis, grotescas, divertidas, em vez de sinistra e lamentáveis.

— Espera um pouco, repetia a Toine, e veremos o que acontece.

II

Aconteceu que Toine teve um ataque e ficou paralítico. Deitou aquele colosso no pequeno quarto atrás da divisão do bar, fim de que ele pudesse ouvir o que diziam ao lado e conversar com os amigos, pois a sua cabeça e os braços permaneciam livres, enquanto o corpo, um corpo enorme, impossível de mover, de levantar, jazia em completa imobilidade. Esperava-se, nos primeiros tempos, que as suas grossas pernas recuperariam alguma energia, mas essa esperança logo desapareceu. E Toine-da-Boa passou os dias e as noites na cama, que só faziam uma vez por semana, com o auxílio de quatro vizinhos, que seguravam o taverneiro pelos quatro membros, enquanto lhe viavam o colchão.

Continuava alegre, no entanto, mas de uma alegria diferente, mais tímida, mais humilde, com amores de criança diante da sua mulher que se esganiçava toda o dia:

— Vejam só esse porco, esse imprestável, esse vagabundo! Muito bonito, muito bonito!

Ele não respondia mais. Apenas piscava o olho nas costas da velha e voltava-se a meio em seu leito, único movimento que lhe era possível. Chamava a esse exercício fazer uma “virada ao norte”, ou “uma virada ao sul”.

A sua grande distração agora era escutar as conversas do bar e dialogar através do tabique quando reconhecia as vozes dos amigos. Gritava:

— Olá, meu genro, és tu, Célestin?

E Célestin Maloisel respondia:

— Sou eu mesmo, tio Toine. Como vai essa força?

— Quanto à força, não é para que se diga... Mas emagrecer, não emagreci. O barco é bom.

Em breve, entravam os mais íntimos no quarto, para lhe fazer companhia, embora Toine se desolasse ao ver que bebiam sem ele. E repetia:

— Isto é que me dói, meu genro, não provar da minha boa! O

resto não me importa. Mas, não beber, que suplicio!

E a cabeça de coruja da velha Toine aparecia à janela. E gritava:

— Vejam só esse vagabundo, que é preciso sustentar, lavar e limpar como um porco!

E, depois que a velha desaparecia, um galo de plumas vermelhas saltava às vezes para a janela, olhava com o seu olho redondo e curioso para dentro do quarto, e depois soltava o seu canto sonoro. E por vezes, também, uma ou duas galinhas voavam até os pés do leito, procurando migalhas no solo.

Os amigos de Toine-da-Boa, desertaram em breve do balcão, para virem, tôdas as tardes, prostrar-se em torno do leito. Mesmo como estava, aquele farçante do Toine ainda os divertia. Seria capaz de fazer rir ao diabo. Havia três que nunca faltavam: Célestin Maloisel, magro e meio torcido como um tronco de madeira; Prosper Horslaville, um magrinho com nariz de furão e malicioso como uma raposa, e Césaire Paumelle, que não falava nunca, mas assim mesmo divertia-se a valer.

Traziam uma tábua do pátio, pousavam-na à borda do leito e jogavam dominó, entusiásticas partidas que duravam das duas às seis.

Mas a velha Toine em breve se tornou insuportável. Não podia tolerar que o vadio do seu homem continuasse a distrair-se, jogando dominó na cama; e cada vez que via uma partida iniciada, arremessava-se com furor, derrubava a tábua, agarrava as pedras, levava-as para o bar e declarava que era demais ter de alimentar aquele sebo inútil e ainda por cima vê-lo a divertir-se como para zombar da pobre gente que trabalhava o dia inteiro.

Célestin Maloisel e Césaire Paumelle curvavam a cabeça, mas Prosper Horslaville aticava a velha, mofada de sua cólera.

Vendo-a um dia mais frenética do que nunca, ele lhe disse:

— Comadre! Você sabe o que é que eu faria, se fôsse você?

Ela esperou que o homem se explicasse, fixando nele os seus olhos de coruja.

Prosper continuou:

— Ele é quente como um forno. Esse seu homem que não sai da cama. Pois bem, comadre, eu o faria chocar ovos.

A velha ficou estupefata, pensando que zombavam dela, a considerar a cara fria e velhaca do camponês, que prosseguiu:

— Eu deitaria cinco sob um braço e cinco sob o outro, no mesmo dia em que daria a ninhada a uma galinha. E, quando descansassem, eu levaria à sua galinha os pintinhos do seu homem, para que ela os criasse. E que criação você teria, hein, comadre!

A velha, confusa, perguntou:

— Mas como pode ser?

O homem continuou:

— Ora se pode! Por que não poderia ser? Já que a gente deita ovos num caixão quente, bem poderia deitá-los numa cama.

Ela se impressionou com êsse raciocínio e retirou-se, pensativa e tranquilizada.

Oito dias mais tarde entrou no quarto de Toine com o avental cheio de ovos. E disse-lhe:

— Acabo de pôr a amarela no ninho com dez ovos. Aqui estão dez para ti. Trata de não quebrá-los.

Toine, desconcertado, indagou:

— Mas que é que tu queres?

— Eu quero que tu os choques, se impréstável.

A princípio Toine riu. Depois, como ela insistisse, ele irritou-se, resistiu, recusou-se decididamente a deixar meterem-lhe sob os grossos braços aqueles germes de aves que o seu calor faria desenvolver.

Mas a velha, furiosa, declarou:

— Se não ficares com os ovos, não ganharás comida. Veremos o que acontece.

Toine, inquieto, não respondeu nada.

Quando ouviu bater meio-dia, chamou:

— Olá velha! Já está pronta a sopa?

A velha gritou da cozinha:

— Não há sopa para ti, seu vagabundo.

Ele supôs que ela gracejava e esperou, depois pediu, suplicou, praguejou, fez desesperadas "viradas ao norte e viradas ao sul", deu sócos na parede, mas teve de resignar-se a deixar meter cinco ovos contra o seu flanco esquerdo. Ganhou, então, a sua sopa.

Quando os amigos chegaram, supuseram que ele estivesse muito mal, tão esquisito e acalorado parecia.

Depois jogaram a partida de todos os dias. Mas Toine parecia não sentir prazer nenhum naquilo e só avançava a mão com um vagar e cuidado infinitos.

— Estás com o braço amarrado, homem? — perguntava Hors-laville.

— É' que eu estou sentindo um peso no ombro.

De súbito, ouviu-se entrar gente no bar, e os jogadores calaram-se.

Era o prefeito com o adjunto. Pediram dois tragos da boa e puseram-se a conversar em voz baixa. Toine Quentão quis colocar o ouvido à parede e, esquecendo os ovos, fez um brusco "vira ao norte" que o deitou sobre uma omelette.

A praga que ele soltou ocorreu a velha Toine e, adivinhando o desastre, puxou-lhe as cobertas de um repelão. Ficou a princípio imóvel, indignada, muito sufocada para falar, ante o cataplasma amarelo colocado ao flanco do seu homem.

Depois, fremente de furor, arremessou-se sobre o paralítico e pôs-se a desfechar-lhe grandes golpes sobre o ventre, como quando lavava a sua roupa à beira d'água. Suas mãos tombavam

uma após outra, com um ruído surdo, rápidas como as patas desses coelhos mecânicos que batem tambor.

Os três amigos de Toine riam até afogar-se, tossindo, fungando, soltando guinchos, e o pobre homem aparava com toda a prudência os golpes da mulher, para não quebrar os restantes cinco ovos que tinha do outro lado.

III

Toine foi vencido. Teve de chocar, teve de renunciar às partidas de dominó, renunciar a qualquer movimento, pois a velha o privava ferozmente de comida, cada vez que ele quebrava um ovo.

Ele permanecia de costas, de olhos no teto, imóvel, com os braços soerguidos como asas, aquecendo contra si os embriões encerrados nas cascas brancas.

Não falava senão em voz baixa, como se temesse tanto o ruído como o movimento, e inquietava-se com o galinha amarela que desempenhava no terreiro a mesma tarefa que ele.

Perguntava à mulher:

— A amarela comeu esta noite?

E a velha ia das suas galinhas ao seu homem e do seu homem às suas galinhas, obsedada, possuída pela preocupação das criaturas que se desenvolviam no leito e no ninho.

Os habitantes da região que conheciam a história vinham, curiosos e sérios, saber notícias de Toine. Entravam na ponta dos pés, como se entra na casa dos doentes, e perguntavam com interesse:

— E então, como vai a coisa?

E Toine prestava informações.

Ora, certa manhã, sua mulher entrou muito aforismada e anunciou:

— A amarela descascou sete. Três goraram.

Toine sentiu bater-lhe o coração. Quantos descascaria ele?

E perguntou:

— Será para breve? — com uma angústia de mulher que vai tornar-se mãe.

A velha respondeu com um ar furioso, torturada pelo temor de um insucesso:

— Não acredito!

Esperaram. Os amigos, prevenidos de que se aproximava a época, logo chegaram, também inquietos.

Em cada casa falavam sobre aquilo. Iam pedir informações à porta das vizinhas.

Pelas três horas Toine adormeceu. Dormia agora metade do dia. Foi despertado de súbito por uma cócega insólita sob o braço direito. Levou ao soco a mão esquerda e apanhou um animalzinho coberto de penugem amarela, que palpitava entre os seus dedos.

Tal foi a sua emoção, que se pôs a soltar gritos, largando o pinto, que lhe correu sobre o peito. O bar estava repleto. Os fre-

(Continua na pág. 53)

Nem se pergunta*



Só uso Kolynos! diz Belita

famosa estrela da MONOGRAM PICTURES que aparece em "SUSPENSE"

Milhares e milhares de pessoas dizem o mesmo! É que o poder de limpeza do creme dental Kolynos — concentrado e suave — revela a beleza natural dos dentes e deixa na boca uma sensação incomparável de saúde e frescor. As mais lindas estrelas do cinema preferem Kolynos porque...

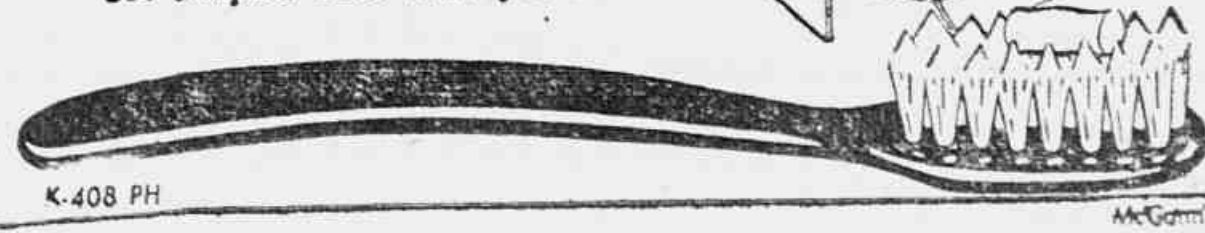
limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista, mostrando dentes divinos, não se esqueça do dentista, nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia



K-408 PH

McGraw



O dia estava correndo trivial, com a mesma chapa de sol e gente, até o momento em que, ao dobrar a esquina, esbarrei com Jovelinda. O caso é que Jovelinda me abriu um sorriso de mudar a cor do mundo, despregando do olhar um sentimento de adesão mais convincente do que a certeza. Foi aí que o sol deixou de queimar dentro da hora quente do verão e o céu, atrás daquele azul sem nuvens, tratava-me por "tu". A dois passos, o poste de cimento armado ficou histórico. Que poste simpático!... Tive a impressão de que o corpo perdia peso: sentia-me cada vez mais leve, a querer sorrir e voar, sobretudo voar. E' desse estado aéreo de euforia, fui caindo num raciocínio otimista: Não há mais sombra de dúvida. E' de mim que ela gosta. Aquêl sorriso... e desenhava-se-me no ar a fita branca dos dentes entre as curvas rosadas dos lábios; aquêl olhar... e vinha-me a maciez dos olhos a emergir de dentro do ar na esquina do encontro.

E' de mim, sim, está mais do que provado, e não do Inacinho; pobre do Inacinho. Apáixonado, solta aos quatro ventos que namora Jovelinda e Jovelinda nem lhe faz conta. Cita-lhe declarações de amor, mas o que ela faz é debicá-lo. Bôbo de Inacinho que não se domina e, o

que me irrita, so trata Jovelinda na frente de toda gente e, especialmente, em minha presença, de "meu bem", "meu amor", "minha flor querida", e outros quindins. E' ridículo, é idiota. Dá raiva. Só por ser Inacinho, o meu maior amigo, eu ainda não emendei namoro com Jovelinda. Chega, porém, de tanta asnice. Inacinho mesmo sabe que é voz corrente a inclinação da garota para o meu lado. Mas Inacinho é o meu maior amigo e Jovelinda... aquêl sorriso... aquêl olhar... E' ridículo, é idiota. Dá raiva. E eu?! Leveza de pluma, a voar, a voar, debaixo de um sol que não queima e perto do poste da "Light", mais amigo que eu conheci.

No dia seguinte, Domingo, haveria baile no Penha Clube. Jovelinda lá estaria e Inacinho também, na certa, para atrapalhar. Estou firmemente decidido a estragar de vez a minha maior amizade; não tolero mais nem o meu próprio heroísmo.

E eram nove horas, aproximadamente, quando o salão do Penha Clube começou a enfeitar-se de moças. Que Jazz do outro mundo! Agora, um fox, Mestre Ferraz, o "Cry, Baby Cry". Não, "Baby Cry", não. "Boo-Hoo", ou "Caravan". Nada disso, seu Ferraz, toque o "Tico-tico no Fubá". Ferraz tocou-o a pedido de Jovelinda, que en-

Conto de **J. GUILHERME DE ARAGÃO**
Ilustração de **ABELARDO ZALUAR**

★

chia o salão de sorrisos e olhares, derivados daquele sorriso e daquele olhar...

Foi comigo que Jovelinda dansou o Tito-tico no Fubá. Todo o mundo se comprimiu entre mim e ela. Para maior ventura, Inacinho não viera. Até que enfim. Não há dúvida de que o meu maior amigo deve ter compreendido a situação. Pobre Inacinho. Amanhã, eu mesmo lhe falarei com franqueza e o consolarei, se estiver amargurado. Mas ele ainda poderá vir. Ah! não virá! Aquêl sorriso, aquêl olhar, esta dança não podem ser mais destruídos pela presença de Inacinho. D-me vontade até de citar Homero em meio deste salão. Para que e porque, não sei. A verdade é que tenho vontade disto e de muitas outras coisas, a ponto de não saber mesmo o que deva querer. Não quero nada, e tenho tudo. Que sorte! Sou uma pessoa satisfeita até com o diabo, com Jovelinda, ali, a dar-me atenções e o braço para dançar.

Nove horas, dez, onze e Inacinho nada. Tudo ótimo. Não havia mais nada a temer, quando dei pela falta de Jovelinda. Deve ter ido ao "toilette" e virá logo. Para ganhar tempo, danço "La Cumparsita" com Dalva. O tango termina e Jovelinda nada. Mais outra dança e nada de Jovelinda. Que terá havido? Nada também de Inacinho. Por onde andarão aquêl sorriso, aquele olhar e o

(Continua na pág. 54)

ROMANCE EM TRÊS TEMPOS

Toine

(Continuação da pág. 51)

gueses precipitaram-se, invadiram o quarto, formaram círculo como em torno de um saltimbanco. E a velha, que também acorrera, colheu com precaução o pintinho aconchegado sob a barba do marido.

Ninguém falava mais. Era um morno dia de abril. Ouvia-se pela janela aberta a galinha amarela que chamava os seus filhotes.

Toine, que suava de emoção, de angústia, de inquietude, murmurou:

— Tenho mais um debaixo do braço esquerdo, agora.

A mulher mergulhou no leito a sua magra e comprida mão e retirou um segundo pinto, com cautelosos movimentos de parteira. Os vizinhos quiseram vê-lo. Passaram-no de mão em mão, observando atentamente, como se fôsse um fenômeno.

Durante vinte minutos não nasceu mais nenhum, depois quatro descascaram ao mesmo tempo.

Houve um grande rumor de vozes entre a assistência. E Toine sorriu, satisfeito com o seu sucesso, começando a orgulhar-se daquela singular paternidade. A-pesar-de tudo, não havia ninguém como ele. Era um grande sujeito, na verdade!

Ele declarou:

— Com êste são seis. Imaginem que batizado, hein!

E um grande riso se elevou no público. Outras pessoas enchiam o bar. Outras aguardavam à porta. Perguntavam:

— Quantos há?

— Seis

A velha Toine levava para a galinha aquela família nova, e a galinha cacarejava, estufava as penas, abria as asas o mais possível, para abrigar o bando crescente de seus filhos.

— Mais um! — gritou Toine.

Puro engano seu: eram três. Foi um triunfo!

O último descascou às sete da noite. Todos os ovos eram bons! E Toine, louco de alegria, livre, beijou no dorso o fragil animalzinho, quase esmagando-o com os seus lábios. Quis conservar no leito aquele último, até o dia seguinte, tomado de uma ternura de mãe por aquele ser tão pequenitinho a que dera vida. Mas a velha o carregou, como aos outros, sem atender às súplicas do seu homem.

Os assistentes, encantados retiraram-se a comentar o acontecimento, e Horslaville, que ficara por último, perguntou:

— E então, meu velho, não vais me convidar para grelhar o primeiro?

A esta idéia de grelhar, o rosto de Toine iluminou-se, e o homenzarrão respondeu:

— Certamente que eu te convidado, meu genro!

A vida de Spencer

(Cont. da pág. 26)

Baseou Spencer todo o seu sistema de pensamento sobre a teoria da evolução. Expressara a idéia da evolução num ensaio, alguns anos antes da publicação da *Origem das espécies* de Darwin. E estendia, agora, os princípios da evolução da terra para os céus. Toda a natureza, dizia, é progressiva e regressivamente rítmica. Toda a vida é uma integração de matéria e uma dissipação concomitante de forças. A matéria passa de uma "homogeneidade indefinida e incoerente" — para uma "heterogeneidade definida e coerente" e depois volta de novo para uma "homogeneidade indefinida e incoerente". Traduzido em linguagem cotidiana, quer isto dizer que, o destino do universo impele-o do caos para a criação e desta, para o caos. O poema épico da vida e da morte — a ascensão e a queda dos planetas, das nações e dos homens. Todas as coisas — a cultura e a moral, a arte, a ciência e a religião — nascem do embrião, passam pela mocidade, pela idade adulta e pela velhice e finalmente se esboroam. Que é a biologia senão "a vida, o ajustamento contínuo das relações internas às relações externas". Que é a psicologia senão uma evolução contínua "da nebulosa para o espírito" — um desenvolvimento da consciência através das fases das respostas simples e complexas, instinto, memória, imaginação, para o intelecto e a razão. A sociedade também é uma estrutura que evolui tendo órgãos de nutrição, circulação, coordenação e reprodução. As famílias desenvolvem-se em clans; os clans em estados; e algum dia, esperemos, os estados se desenvolverão no super-estado federado do mundo. Mas no fim, tudo se dissolverá no nada do qual veio. A vida do homem, a vida do mundo, é um sonho intermitente entre um sono e outro sono.

Nenhum homem do século empreendera tão monumental tarefa. A obra de Spencer foi apresentada sob a forma de um diagrama geométrico. O seu espírito, observou William James, "não tinha as luzes e as sombras de um estilo comum: era por toda a parte, desapiedado resplendor". Os amigos e críticos ao observarem o iconoclasta a ditar suas idéias a um certo número de secretários, dia após dia, por quase meio século, abanavam a cabeça e murmuravam "E" cérebro apenas; não tem coração".

IV

Eram, os seus escritos, imenso monumento de egotismo. O seu espírito era totalmente destituído de receptividade para qualquer idéia que não fôsse sua. Como filósofo, tinha uma estima singularmente pequena por Pla-

De MULHER para MULHER sobre a MULHER

UM LIVRO REVELADOR

Para que a mulher desfrute da vida normal e sadia, da felicidade completa, é preciso que mantenha o seu encanto, asseio e sedução. Como conseguir, eis o objetivo do livro *"Higiene Pessoal da Mulher"* — onde são encontradas explicações claras, simples e detalhadas sobre tão delicado assunto. Trata-se dum manual moderno e científico, aprovado pela classe médica norte-americana, escrito pela esposa de um médico, e vivamente recomendado às mulheres que desejam preservar ou recuperar seus encantos naturais.



A VIDA ÍNTIMA DA MULHER

"Higiene Pessoal da Mulher" contém cerca de 200 páginas e mais de 40 sugestivas ilustrações. Os 14 capítulos do livro versam sobre temas de importância vital, como sejam: os órgãos femininos; as moléstias venéreas; higiene íntima; funções normais; ensinamentos e conselhos úteis sobre práticas errôneas; processos infecciosos e equipamentos mais adequados; e muitos outros temas da maior importância.

DESRUTE A ALEGRIA DE VIVER!

"Higiene Pessoal da Mulher" ensina a mulher a conhecer-se, pois acompanha sua vida íntima desde a puberdade até o casamento e a maternidade, oferecendo respostas para todas as perguntas e sugestões para todas as circunstâncias difíceis da vida feminina. Peça um exemplar nas livrarias ou pelo reembolso postal.



Edição da
LIVRARIA
DO GLOBO
CR\$ 25,00

Prezadas Senhoras: Queiram viria pelo reembolso postal, um exemplar do livro

HIGIENE PESSOAL DA MULHER
PELA DRA. LEONA W. CHALMERS

Nome

1.º endereço

Localidade

Estado

Agência no Rio de Janeiro
Rua Alexandre Mackenzie n. 127-B

NA PRÓXIMA SEMANA, FINALMENTE...

estará em suas mãos o NÚMERO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO da mais antiga publicação ilustrada do Rio de Janeiro, a

REVISTA DA SEMANA

CONTENDO:

— 20 páginas de modas, com desenhos e fotos exclusivos

— Colaboração especial de Viriato Correia, Luis Edmundo, Ondina Ferreira, Lucia Benedetti, R. Magalhães Júnior, Escragnolle Doria, Roberto Lyra Filho.

— Contos de Guy de Maupassant, A. Coêlho, Euclides Marques de Andrade, Eduardo de Campos, Machado de Assis, etc..

— Reportagens de Ney Machado, Nelson Vainer, Raymond Mauffrais, John Clay, Mary-Evans Jones, George Vago, etc.

— Ilustrações de Armando Pacheco, Orlando Mattos, Armando Moura.

Reserve desde já um exemplar com o seu jornal. PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR\$ 5,00.



ORQUESTRADORES

QUEM se der ao trabalho de comparar a parte de piano e uma das nossas melodias populares, depois de ouvi-la na execução de uma das magníficas orquestras das nossas grandes emissoras, como a Nacional, a Tupi e a Globo, há de extrinchar que se trate realmente da mesma música e sentirá saudades dos velhos tempos em que imperavam os conjuntos regionais porque, lá no seu entender, pelo menos os regionais apenas se limitavam aos acompanhamentos da melodia interpretada pelos cantores. O público, entretanto, foi se tornando dia a dia mais exigente porque, através dos programas das grandes emissoras norte-americanas e outras, transmitidos pela onda curta, das músicas dos filmes e das excelentes gravações estrangeiras, ele foi criando uma consciência mais musical e assim, aos seus ouvidos, já não mais satisfazia o "dengo-dengo" dos nossos regionais. Ao mesmo tempo, com o progresso vertiginoso do nosso rádio, nesse curto período de quinze anos, os patrocinadores de programas deixaram de ser menos comerciantes e passaram a fazer também as suas exigências quanto ao tratamento musical dos números incluídos em tais programas. Tiveram, então, as emissoras de enfrentar e resolver o problema do orquestrador, esse ilustre desconhecido cujo trabalho se resume, apenas, em vestir as nossas melodias com roupagens que condigam com a harmonia perfeita de suas formas e lhes realce, ainda mais, a sua beleza inata. E, assim, se constitui essa equipe valorosa, entre a qual cumpre destacar os seguintes nomes: Lirio Panicali, Radamés Gnattali, Leo Feracchi, Carioca, Guerra Peixe, Lazzoli, Pixinguinha, a quem devemos trabalhos requintados de orquestração e que, se não fôra a curta visão dos nossos fabricantes de discos, estariam já conquistando a admiração de todo o mundo.

F. CORRÊA DA SILVA

THAT'S HOW MUCH I LOVE YOU

Fox de Eddy Arnold, Wally Fowler e J. Grayden Hall

If I had a nickel,
I know what I would do
I'd spend it all for candy,
And give it all to you
I'd spend it all for candy,
And give it all to you
'Cause that's how much I love you,
baby

That's how much I love you.

If you were a picture,
I'd hang you on the wall
Sit back where I could see you
And never move at all
Sit back where I could see you
And never move at all
'Cause that's how much I love you,
baby,

That's how much I love you.

If you were a kitten,
With pretty glossy fur
I'd take you up and stroke you,
And listen to you purr
I'd take you up and stroke you,
And listen to you purr
'Cause that's how much I love you,
baby,

That's how much I love you.

IF I HAD MY LIFE TO LIVE OVER

Fox de Larry Vincent, Henry Tobias e Moe Jaffe

If I had my life to live over
I'd do the same things again
I'd still want to be in
Near the place we called home
Where my happiness never would end
I'd meet you when school days were over
And walk thru the lines that we knew
If I had my life to live over
I'd still fall in love with you.

BEIJANDO AS SUAS MÃOS

Valsa de Gastão Lameunier e Mario Rossi

Beijando as suas mãos fideias
Seus lábios divinos fitei...
Depois eu quise saber
Quem era o seu amor
E ela respondeu: "não sei!"

Eu sorri
em querer
com aquela resposta mordaz
E senti
o prazer
que o sorriso mais triste nos traz.
Disse adeus e partí.

mas voltei poucos dias depois.

E o silêncio falou por nós dois.
Sentindo o seu olhar maguado
Beijando suas mãos fiquei...
Depois eu quise saber
quem foi que a fez chorar
e ela respondeu: "não sei!"

EN MI PASADO

Tango de Enrique Cadícamo e Juan Carlos Cobian

I
Separámonos sin llantos
y esta escena no alberguemos
Es preciso que "cortemos"
mas... te quiero tanto y tanto!
Nuestras almas se entendían
y ahora... adonde... adonde
iremos?

Donde quiero sufrirnos
porque ya no volveremos
a vernos más...

REFRAIN:

Hoy... vas a entrar en mi pasado
en... el pasado de mi vida...
Tres cosas lleva mi alma herida:
Amor... Pesar... Dolor...
Hoy, vas a entrar en mi pasado
y hoy, nuevas sendas temeremos...
Qué grande ha sido nuestro amor...
Y sin embargo, mira lo que queda...

I (BIS)

Sufriremos algún tiempo
y después vendrá el olvido...
Tú serás la que antes fui yo...
Yo seré el que antes he sido...

Hoy de haberte mis amigos
y al contarme que me nombra
con el alma envuelta en congo
"Como está mi amor de entonces..."
Preguntaré...

NO HAGAS CASO

Belero de Arturo Dias Rivero

No hagas caso
si te dicen que es mentira
que te adoro
como nunca yo adoré.
No hagas caso
porque siempre el que murmura
no ha podido
conservar un gran amor.
No hagas caso
porque tu eres alma mía
lo que en su fin
tanto y tanto yo anhelo.
Tu te puedes convencer
cuando me oyes explicar
porque yo no he podido
en esta vida.

tão. Tentou, por várias vezes, ler os diálogos e, a cada tentativa sucessiva, punha-os de parte, exasperado. "Há mais propriedade dramática na conversação dos nossos romancistas de terceira ordem" dizia. Menosprezava as belas-arts. Atribuía tal sentimento ao seu hábito de análise que o tornava propenso a insistir "sobre defeitos" e que lhe diminuía a "apreciação das belezas... O mesmo se dá também com a minha (falta de) apreciação da literatura — principalmente da poesia".

Ele parecia ter tanto espírito quanto uma máquina de somar. "Os lábios finos, sem paixão, falavam de uma ausência total de sensualidade, e os olhos claros traíam uma ausência de profundidade emocional", observou um de seus secretários. Quando jovem, conta-nos Spencer em seu diário, foi apresentado a uma moça excepcionalmente bela de rosto e de corpo. Após o encontro perguntaram-lhe os amigos o que achara dela. "Qualquer outro sujeito", escreve ele, "pôr-se-ia a fazer descomedidos elogios. Respondi, porém: Não gosto da forma de sua cabeça — referindo-me naturalmente, ao meu diagnóstico frenológico". Ele gostava de fazer medições mentais dos crânios das pessoas que lhe eram apresentadas e de se utilizar dessas medições como base para o juízo que lhes fazia do caráter. Enquanto rapaz fôra

amiciíssimo de Marian Evans. Epencer e a senhorita Evans eram vistos constantemente juntos. Toda a gente principiava a fantasiar um romance em torno deles. Esperou-se até por um noivado. Mas a única coisa que resultou do "romance" deles foi a seguinte observação sobre Marian Evans na auto-biografia de Spencer: "As cabeças têm geralmente, aqui e ali, lugares achatados ou pequeninas reentrâncias, mas a cabeça dela era convexa em todos os pontos".

Vivia, ele, a corrigir-se ao falar, a fim de lograr maior precisão em suas observações mais casuais. E a sua linguagem, com o seu espírito, eram totalmente destituídos de estética. Quando de sua primeira viagem à América, tudo quanto pôde dizer acerca da majestade de uma viagem marítima pelo Atlântico, foi esta passagem em seu diário: "Terríveis perturbações provenientes dos apitos na neblina. Estou ficando fastidiado". Ele não podia contemplar um pôr de sol sem pensar na velocidade do movimento da terra através do espaço. Perguntando, ao voltar para a Inglaterra após a sua visita à América, sobre o que achara das pessoas do Novo Mundo, replicou que estas não lhe haviam causado impressão alguma. "Sou mau observador da humanidade no concreto, sendo muito dado a discorrer no abstrato". Contém, o seu diário,

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



TRANSPIROL

constantes referências ao tamanho e à população das cidades americanas e aos últimos melhoramentos de seus hotéis. Toda observação casual, é por ele transformada em assunto para um ensaio científico. Referindo-se, por exemplo, ao hábito americano de beber água gelada nos restaurantes, observa: "Não resta dúvida de que esse hábito seja nocivo... o líquido frio pode, por reação, estimular a circulação gástrica, mas, pelo fato de excitar, perpétuamente, os vasos sanguíneos, produz, inevitavelmente... um estado anormal, que resulta numa circulação, cronicamente deficiente".

Ao chegar às Cataratas do Niágara — esse paraíso dos recém-casados — ditou-lhe, a ins-

piração, a seguinte descrição de sua grandiosidade:

"A queda tem cento e sessenta pés de altura; e calcula-se que mova cem milhões de toneladas de água por hora, ou seja, mais que vinte e sete mil toneladas por segundo... Essa massa de água, ao despenhar-se, tem, provavelmente, uns vinte pés de espessura... No fundo está sujeita a uma pressão lateral de, digamos, quinze libras por polegada quadrada... portanto, as rochas sobre as quais se precipita têm de suportar um golpe de, digamos, vinte mil toneladas por segundo, movendo-se com velocidade superior a cem pés por segundo". E assim por diante!

Confessava possuir uma única emoção — o orgulho de sua incapacidade emotiva. Gloriava-se

de lhe haver passado pelos lábios, até aos trinta e cinco anos de idade, uma única imprecação — numa ocasião em que se lhe enroscara no braço, um anzol de pesca.

Ele seria um sujeito muito melhor, "observou seu amigo Tyndall, "se, de quando em vez, soltasse uma boa praga".

V

Um dia, viajando Spencer numa carruagem, sentou-se de frente de um pobre lavrador ocupado com o seu almoço. "O seu modo de comer era tão grosseiro que atraiu a minha atenção e encheu-me de aborrecimento: um aborrecimento muito próximo da cólera". Mas, depois de algum tempo, terminada a

refeição, imobilizou-se o lavrador. "Impressionou-me, então, a abatida expressão de seu rosto. Anos de sofrimento estavam nele registrados e, ao passo que eu lhe observava os olhos tristes e as rugas fundamente marcadas, comecei a compreender a vida de miséria pela qual ele passara".

Assim escreveu o velho filósofo em sua Auto-biografia. Reconhecera, por fim, a verdade a respeito de si mesmo — a verdade das emoções realmente profundas que jaziam dentro de si. Os amigos de Spencer tinham errado ao fazer dele a sua estimativa. Cada um de nós é um composto de duas personalidades — o homem exterior e o homem interior. O homem exterior, em Spencer, era o cientista rabugen-

FEMININAS

CREME DE AMÊNDOAS

Conteúdo: 800 gramas de açúcar; 200 gramas de amêndoas descascadas; 2 litros de leite; 12 ovos; 1 colher, das de sopa, de essência de baunilha.

Preparação: Pelam-se as amêndoas, socam-se e põem-se de infusão em um litro de leite durante uma hora. Feito isto, leva-se o outro litro de leite ao fogo para ferver. A parte, latem-se muito bem as gemas com açúcar e, em seguida junta-se-lhes aos poucos o leite a ferver; adicionam-se-lhes o leite das amêndoas e a essência de baunilha. Mistura-se tudo muito bem, passa-se em uma peneira e deixa-se esfriar.

Acrescentam-se depois as claras em neve, despeja-se na sorveteria e congela-se, segundo a indicação já feita.

CREME DE NOZES

Conteúdo: 300 gramas de açúcar; 200 gramas de nozes descascadas; 2 litros de leite; 12 ovos; 1 colher, das de sopa, de essência de baunilha.

Preparação: É a mesma da receita do Creme de Amêndoas.

CREME DE AVELÂS

Conteúdo: 800 gramas de açúcar; 200 gramas de avelãs descascadas; 2 litros de leite; 12 ovos; 1 colher, das de sopa, de essência de baunilha.

Preparação: Torram-se as amêndoas no forno e depois segue-se a mesma indicação da receita do Creme de amêndoas.

CREME DE PISTACHE

Conteúdo: 800 gramas de açúcar; 250 gramas de amêndoas; 60 gramas de pistache; 2 litros de leite; 12 ovos; 1 colher, das de sopa, de essência de baunilha; 1 pedacinho de "colortabs" verde.

Preparação: É a mesma da receita do Creme de Amêndoas, acrescentando-se apenas o pistache e o colortabs, dissolvidos em um pouco de água.



...e "veja" os olhos de seus filhos!

Eles se iluminarão de alegria... E, assim, a senhora encontra a forma mais agradável de enriquecer a alimentação de seus filhos. Está comprovado! Vale a pena fazer bolos! E se pode ser a todo o momento, por que deixar somente para as grandes datas o prazer de proporcionar mais alegria aos seus filhinhos? Para garantia do êxito, utilize sempre o "Livro de Receitas Royal", usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

• a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

BÓLO RUBRO

5	colhs. (sopa) manteiga	4	colhs. (chá) Royal
2	chics. farinha peneirada	1	chics. açúcar
1	colh. (chá) sal	3/4	chic. cacau em pó
1 1/2	colhs. (chá) bicarbonato	1 1/4	chics. leite
		3	ovos
		1	colh. (chá) baunilha

Misture bem a manteiga com 1 chic. da farinha. Peneire 6 a 8 vezes o resto da farinha com os demais ingredientes secos. Junte-os aos poucos à primeira mistura, alternadamente com 1/2 chic. do leite e os ovos, um a um, batendo muito bem, depois o resto do leite e a baunilha. Ficará um tanto rala. Use formas rasas untadas. Forno regular, uns 30 minutos. Quando frio, aplique o seguinte recheio e glacê: sobre fogo baixo, dissolva 1 chic. açúcar em 1/2 chic. água. Deixe cozinhar lentamente até ponto de fio. Bata 1 clara em neve e derrame a calda devagar sobre a clara, batendo sempre. Junte 1/2 colh. (chá) Royal, 1/2 colh. (chá) essência e 1 chic. coco ralado; bata até ter consistência para ser espalhado. Cubra com coco ralado.



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3215, — Rio de Janeiro.

Mitigal



CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Ginosedol



O "REMÉDIO DAS SENHORAS"

to, sensato e vitoriano; o homem interior era o humanitário compassivo, de coração terno e imparcial. Se a sua vida não foi um poema épico, foi ao menos, um ensaio profundo.

Profundo e trágico, porque nenhum homem foi, jamais, tão mal aparelhado, fisicamente, para a tarefa mental que tinha à mão. Aos trinta e cinco anos principiou a experimentar peculiares sensações na cabeça e a sofrer de insônia crônica. Foram, esses sintomas, prelúdio de um colapso nervoso geral, de que nunca sarou. Um ano depois tornou-se-lhe tão patética a situação que o médico lhe aconselhou a não viver só, mas a morar com outras pessoas que pudessem tomar conta dele. Foi nessas desvantajosas condições que preparou o primeiro bosquejo de sua **Filosofia Sintética**. Assim que ficaram prontos os seus lineamentos, ocuparam-se, os amigos, em conseguir assinaturas adiantadas. Spencer planejava publicar o seu trabalho em edições trimestrais. Seiscentas pessoas concordaram em subcrever a aventura, e o filósofo pareceu seguro de conseguir obter, assim, rendimento suficiente para conservar em paz, o espírito.

Ao surgirem, todavia, as primeiras edições, com as suas doutrinas fortemente anti-religiosas, muitos dos assinantes retiraram o seu apoio. Reiteradamente, precisou Spencer de valer-se de sua pequena herança a fim de prosseguir em seu trabalho. Por fim exauriram-se-lhe os fundos e ele se viu à beira do desespero. Como quer que fosse, porém, seus amigos lograram obter assinaturas suficientes para que ele pudesse continuar a trabalhar.

E Spencer, com o corpo atormentado pela dor e o espírito abatido pela preocupação, pôs-se a jornadear de uma pensão para outra, qual nômade irrequieto. Tão enfraquecido estava, fisicamente, que só lhe era possível ditar algumas poucas horas de cada vez. Socorreu-se de todas as espécies de métodos a fim de prevenir a congestão cerebral. Escreveu os capítulos iniciais dos **Primeiros Princípios** num barco, em St. Regent's Park. Remava cinco minutos e ditava, depois, quinze. Conseguia, assim, aliviar a sua terrível dor de cabeça.

Nessas condições, progredia-lhe o trabalho a passo de caracol. Depois, como se lhe não bastassem tantas dificuldades, os seus impressores sofreram uma quebra financeira. Os amigos ofereceram-lhe donativos para que ele pudesse continuar, mas Spencer recusou-se, obstinadamente, a aceitá-los. Publicou um anúncio, dizendo que, em virtude de imprevistas dificuldades, não lhe seria possível terminar o manuscrito. Diante disso, vários dos principais filósofos e cientistas — e entre eles John Stuart Mill, o seu maior rival

profissional — empregaram, generosa e anonimamente, sete mil dólares na publicação ulterior de seu trabalho. Simularam, os amigos, que nova quantidade de assinaturas aparecera.

(Conclue no próximo número)

Uma bofetada

(Cont. da pág. 29)

e precisavam de gente. Bom salário — e um pouco de aguardente, já se sabe.

Três dias depois, aqueles mesmos "mensús", que acabavam de descer extenuados por nove meses de trabalho, tornavam a subir, depois de haver desbaratado fanática e brutalmente em quarenta e oito horas duzentos pesos de adiantamento.

Não foi pouca a surpresa dos peões ao verem o camarada entre eles.

— Adeus festas, **ché** amigo! gritavam-lhe. — Outra vez o machado, **añã-mb!**...

Chegaram a Porto Cabriuva, e nessa mesma tarde a quadilha dos "mensús" foi despachada para as jangadas.

Passou por conseguinte dois meses trabalhando sob um sol de fogo, derrubando vigas do alto da barranca dentro do rio, a ponta de estaca, em esforços congestivos que distendiam como arames os tendões do pescoço dos sete "mensús" enfileirados.

Depois, o trabalho no rio, a nado, com vinte braços dagua debaixo dos pés, juntando os troncos, rebocando-os, imobilizados nos cabeçalhos das vigas horas inteiras, com os ombros e os braços unicamente fora dagua. Ao cabo de quatro, de seis horas, o homem sobe à jangada, dizendo melhor, é içado, pois está gelado. Não é assim estranho que a administração tenha sempre reservado um pouco de aguardente para estes casos, os únicos em que se infringe a lei. O homem toma um calice e volta de novo à água.

O "mensú" teve sua parte nessa rude tarefa e desceu com a imensa balsa até Porto Profundidade. Nosso homem havia contado com isso, para que lhe permitissem descer no porto. Com efeito, na Comissaria do serviço ou não o reconheceram ou fizeram vista grossa, em virtude da urgência do trabalho. O certo é que, recebida a jangada, encarregaram o "mensú", juntamente com outros três peões, da condução duma recua de mulas à Carriera, várias leguas para o interior. Não pedia outra coisa o "mensú", que saiu na manhã seguinte, arriando a tropilha pela picada real.

Fazia nesse dia muito calor. Entre a dupla muralha do bosque, o caminho vermelho deslumbrava de sol. O silêncio da selva nessa hora parecia aumentar a estonteante vibração do ar sobre a areia vulcanica. Nem um sopro de ar, nem um pio de

passaro. Sob o sol a pino que emudecia as cigarras, a tropilha aureolada de mosquitos avançava monotonamente pela picada, cabisbaixa de modorra e de luz.

A uma da tarde, os peões fizeram alto, para tomarem mate. Um momento depois divisavam o patrão que avançava para eles pela vereda. Vinha só, a cavalo, com o seu grande capacete de cortiça. Korner deteve-se, fez duas ou três perguntas ao peão mais próximo, e só então reconheceu o indiozinho, curvado sobre a chaleira dagua.

O rosto suarento de Korner avermelhou um ponto mais e ele se ergueu nos estribos.

— Eh, você! Que está fazendo aqui? — gritou-lhe furioso.

O indiozinho endireitou-se sem pressa.

— Parece que não sabe cumprimentar a gente — respondeu avançando devagar para o patrão.

Korner puxou o revolver e fez fogo. O tiro teve tempo de sair, mas sem alvo: um golpe de facção havia lançado ao ar o revolver, com o indicador agarrado ao gatilho. Um instante depois, Korner estava por terra, com o indiozinho em cima.

Os peões haviam ficado imóveis, ostensivamente vencidos pela audácia do companheiro.

— Sigam vocês! — gritou-lhes este, com voz sufocada, sem voltar a cabeça. Os outros prosseguiram na obrigação, que era para eles arriar as mulas, segundo a ordem, e a tropilha se perdeu na picada.

O "mensú" então, sempre contendo Korner contra o solo, atirou longe o punhal deste e de um salto se pôs de pé. Tinha na mão o rebenque do patrão, um rebenque de couro de anta.

— Levante-se — disse-lhe.

Korner se levantou, empapado de sangue e de insultos, e tentou uma investida. Mas, o látigo lhe caiu tão violentamente na cara que o atirou por terra.

— Levante — repetiu o "mensú".

Korner tornou a levantar-se.

— Agora, marche.

E como Korner, louco de indignação, iniciasse outro ataque, o rebenque, com um golpe seco e terrível, caiu-lhe sobre a espada.

— Marche.

Korner caminhou. Sua humilhação, quase apoplética, a mão sangrando-lhe, a fadiga, o haviam vencido, e caminhava. Em certos momentos, no entanto, a intensidade da afronta o detinha com um furacão de ameaças. Porém o "mensú" não parecia escurar. O chicote caía de novo, terrível, sobre a nuca.

— Marche.

Iam sozinhos pela vereda, no rumo do rio, em silenciosa parelha, o "mensú" um pouco atrás. O sol queimava a cabeça, as botas, os pés. Silêncio igual ao da manhã, diluído no mesmo vago zumbido da selva adormentada. Só de vez em quando soa-

va o estalo do rebenque sobre o ombro de Korner.

— Marche.

Durante cinco horas, quilômetro após quilômetro, Korner sorveu até as fezes a humilhação e a dor de sua situação. Ferido, sufocado, com fugitivos golpes de apoplexia, em vão tentou várias vezes deter-se. O "mensú" não dizia uma palavra, mas o chicote caía de novo e Korner prosseguia.

Ao entrar o sol, e para evitar a Comissaria, a parelha abandonou a picada real por uma vereda que levava também ao Paraná. Korner, perdida, com essa mudança de rumo, a última possibilidade de auxílio, estendeu-se no chão, disposto a não dar um passo mais. Porém o rebenque, com golpes de braço acostumado ao machado, começou a cair.

— Marche.

A quinta chicotada Korner endireitou-se, e no quarto de hora final as rebencadas caíram a cada vinte passos, com força incansável, sobre o ombro e a nuca de Korner, que cambaleava como um sonambulo.

Por fim chegaram ao rio, cuja costa bordearam até a jangada. Korner teve de subir para a jangada, teve de caminhar como lhe foi possível até a extremidade oposta, e aí, no limite das forças, desabou de bruços, a cabeça entre os braços.

O "mensú" aproximou-se.

— Agora — falou por fim — isto é para que cumprimentes a gente... E isto, para que não esbofeteies a gente...

E o rebenque, com terrível e monotona violência, caiu sem tregua sobre a cabeça e a nuca de Korner, arrancando-lhe troços sanguinolentos de couro. Korner não se movia mais. O "mensú" cortou então as amarras da jangada, e subindo na canôa, amarrou um cabo à pôpa da balsa e remou vigorosamente.

Por leve que fosse a tração sobre a imensa mole de vigas, o esforço inicial bastou. A jangada virou insensivelmente, entrou na corrente, e o homem cortou então o cabo.

O sol já se havia posto há pedaço. O ambiente, calcinado duas horas antes, tinha agora uma mescura e uma quietação funebres. Sob um céu ainda verde, a jangada derivava girando, entrava na sombra transparente da costa paraguaia, para ressurgir de novo à distância, como uma linha já negra.

O "mensú" derivava também, obliquamente, para o Brasil, onde deveria permanecer até o fim dos seus dias.

— Vou perder a bandeira — murmurava enquanto amarrava um cordão no punho fatigado. E com um olhar frio para a jangada que seguia para o desastre inevitável, concluiu entre dentes:

— Mas aquele não vai mais dar bofetada em ninguém, gringo de um año menbui!

A LUTA CONTRA A HIDROFOBIA PODIA SER MENOR...

(Cont. da pág. 36)

Prefeitura embora sabendo que há necessidade de renovar parte do material, concedeu-lhe uma verba ainda menor, de apenas Cr\$ 116.500,00. Se faltar dinheiro para comprar os coelhos necessários, que os médicos dali se arranjam. Façam como um deles certa vez teve que fazer: adquiriu com dinheiro do seu bolso alguns coelhos para que não viesse a faltar a vacina anti-rábica.

PORQUE ESSE INSTITUTO NÃO FAZ PESQUISAS

O ideal seria que o Instituto Pasteur aliasse à sua função salvadora a de laboratório de pesquisas no setor de sua especialização. O Dr. Agnelo Alves, médico especialista do Instituto, já comprovou o efeito calmante que a vacina anti-rábica produz em algumas formas de epilepsia. Por outro lado há epiléticos que pioram dos espasmos quando em tratamento. Essa divergência da reação orgânica e a influência da vacina em outros estados patológicos criam um campo imenso de estudos. Há nessa instituição médicos dedicados que desejam estudar o assunto pormenorizadamente. Mas como fazê-lo com a exiguidade atual das verbas? Todo o dinheiro é aplicado na compra dos coelhos, dos quais se extrairão a medula e o cérebro, e na compra da alimentação necessária a esses animais. O ano passado gastaram quarenta e dois mil cruzeiros na compra de coelhos e dezesseis mil cruzeiros na alimentação deles. Os coelhos, fornecidos por uma determinada firma, estão saindo a quase quarenta cruzeiros por cabeça. Se deram liberdade ao seu atual diretor, que é um homem íntegro e econômico, poderá ser feita nova concorrência e os coelhos serão adquiridos mais baratos. Quanto maior liberdade de ação for dada ao Instituto, tanto maiores serão os benefícios que poderá prestar.

COMO SE FAZ A VACINA

Acompanhamos durante uma semana toda a fase de preparo da vacina de Pasteur, desde a inoculação do vírus no encéfalo do coelho, até a embalagem da vacina nas ampolas, para a remessa aos postos de saúde e hospitais da cidade. Depois que ali recebem os coelhos, estes ficam durante três dias em repouso, com uma boa alimentação de legumes. Esta dieta é necessária para que os seus organismos se fortaleçam e suportem o desenvolvimento da doença. No fim de três dias o laboratorista faz uma carequinha na cabeça do coelho e com uma agulha apropriada fura a tampa craniana, injetando junto das

meninges uma emulsão de cérebro de coelho, macerado, contendo um "vírus fixo", isto é, cuja virulência é conhecida. Este vírus adaptado, que é o mais virulento para essa espécie de roedor, mata-o em cinco dias. Após três dias da inoculação o animal fica triste, no quarto começa a paralisia e, no quinto, é sacrificado. Os que não resistem à infiltração do vírus e morrem, não serão aproveitados, pois a medula e o cérebro decompõem-se horas depois do falecimento.

"BATIDA" DE CÉREBRO RÁBICO

O laboratório Hernani Leal, com seus doze anos de tarimba, pratica a trepanação no coelho, extraíndo depois o cérebro e a medula, em menos de um minuto. São mortos por semana uns quarenta coelhos. Os cérebros e as medulas se vão amontoando num vaso de laboratório. O total dos cérebros e medulas de quarenta coelhos fornece, em média, oito litros de vacina. Essa massa vermelho-amerelada é lavada em soro fisiológico (água e sal de cozinha) e depois mergulhada em glicerina aquosa para a conservação do vírus vivo, naquele macerado. Diluindo-se depois de três dias numa solução fenicada, leva-se a massa, de mistura com a água acidulada, para uma batedeira. A matéria nervosa entra numa proporção de cinco por cento. O resultado, depois de passar pela batedeira elétrica, é semelhante a uma espécie de batida de côco. Está pronta a vacina injetável. O Instituto realiza rigorosos exames da esterilidade da vacina, para se garantir da sua eficácia, semeando-a em meios de cultura microbiana. Periodicamente realizam testes de imunidade em camundongos especiais, verificando a potência do vírus. A nossa vacina é a mais perfeita do mundo se considerarmos que, das pessoas medicadas pelo Instituto Pasteur — que se tem elevado a quatro mil por ano! — apenas uma pequena percentagem — 0,02% — sucumbe vítima da hidrofbia. Quer dizer: em dez mil casos tratados pela sua vacina, apenas dois se perdem. E muitas vezes por fatores estranhos, como sejam: abandono do tratamento, em meio ao alcoolismo ou debilidade geral do organismo. O Dr. Pasteur-Valery, neto do grande Pasteur, visitando o Instituto em 1929, consignou no livro de ouro do estabelecimento impressões cheias de entusiasmo.

ATENÇÃO, SENHORES ALCOOLATRAS!

Muitos paus-d'água dizem que nenhum veneno os atinge, porque têm o corpo "conservado em alcool". Isso é, apenas, desculpa. Nada mais. No caso, por

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

HEMORRÓIDAS
E VARIZES
Hemo-Virtus
USE A POMADA NO LOCAL E
BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Agência Zambardino

Rua Capitão Salomão, 67

Distribuidora desta revista

na capital de São Paulo

Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA

MME. ZULEIDA GUERRA
PARTEIRA

Diplomada pela Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro

R. S. Francisco Xavier, 258 - Fone: 28-0430

exemplo da hidrofobia, o indivíduo habituado aos excessos alcoólicos, fica com a sua capacidade de imunização — ou da criação de anti-corpos, como dizem os médicos — muito diminuída. A vacina de Pasteur, que nada mais faz no organismo do que ativar a fabricação dos anticorpos específicos para o combate ao vírus da raiva, tem sua ação enfraquecida e, às vezes, anulada pela presença do álcool no organismo. Aqui fica o aviso aos adeptos das libações. Quando forem mordidos por qualquer dos animais possíveis transmissores da raiva, porem imediatamente com as bebedeiras e procurem o Instituto Pasteur. Durante a vacinação, a enfermeira recomenda abstinência completa do álcool. Siga o seu conselho, do contrário você acabará morrendo de uma doença cuja principal característica é o horror pela água, de onde vem o seu nome: "hidrofobia". Quanto mais o organismo estiver, tanto mais facilmente ajudará a ação da vacina na fabricação dos anticorpos. Não há contra indicação no seu tratamento. Podem ser vacinados os recém-nascidos e os anciãos. No Instituto Pasteur, à rua das Marrecas, entrou, certa vez, em tratamento um bebê de doze dias, que fôra mordido na orelha por um rato. Resistiu muito bem às injeções e nada lhe aconteceu. O Instituto fornece, também gratuitamente — quando pode obter, é claro — injeções de cálcio, e vitaminas, que não só aumentam a resistência orgânica, como auxiliam (no caso do cálcio) o poder hemostático. O Instituto aplicou no ano passado sessenta e seis mil e duzentas e treze injeções, equivalente a um total de duzentos e trinta e quatro litros. Por esse pequeno detalhe se pode avaliar o valor dessa instituição nesta cidade, onde infelizmente o perigo da hidrofobia não decresce.

O AUXÍLIO DO HOSPITAL VETERINÁRIO

O Hospital Veterinário da Prefeitura, à rua Bartolomeu de Gusmão, tem a função — no to-

cante ao auxílio ao Instituto Pasteur — de polícia sanitária. Saem dali os carros que defendem a população carioca do ataque de animais hidrófobos, apanhando os cães e gatos abandonados nas ruas e atendendo ao chamado para buscar os animais domésticos enraivecidos. No Hospital Veterinário ficam em observação os animais suspeitos de raiva. Os cães e gatos sem dono ali permanecem quinze dias. Se, no fim desse tempo, não aparecem os seus donos, são eletrocutados. É preciso que se olhe os médicos, enfermeiros e funcionários desses estabelecimentos como nossos verdadeiros amigos, pois o que fazem e preservam nossa saúde. A ignorância de muitos chega a ponto de apedrejá-los quando eles estão entregues ao seu humanitário mistério. Um dos médicos desse hospital já foi mordido cinco vezes por cães raivosos durante o seu trabalho ali. Isto quer dizer: cinco longos tratamentos preventivos, cinco vezes ameaçado de apanhar o mal. A vacinação e registro dos cães nos hospitais veterinários da Prefeitura é completamente gratuita, e quase ninguém disso se aproveita. A obrigação da mordida nos animais levados à rua a passeio não é cumprida. E quando os auxiliares do serviço veterinário iniciam a apanha de cães vadios — possíveis focos de propagação da raiva, é bom que se repita — os incivilizados e ignorantes apedrejam os laçadores. Um jornal chegou até a dizer que o Hospital Veterinário estava apanhando cães e gatos para servir de repasto às feras do jardim zoológico! Talvez esse jornal não soubesse que existe no próprio hospital um cemitério de cães, onde esses animais são enterrados.

O MORCEGO, CHUPADOR DE SANGUE

O Dr. Teixeira Godoy, médico veterinário desse hospital há vinte anos, é um profundo conhecedor da raiva nos animais. Em certo ponto de nossa conversa ele nos esclareceu:

— Também o morcego — pois está incluído entre os mamíferos vertebrados de sangue quente — pode transmitir a raiva, ao homem ou aos outros animais. É bem verdade que só uma determinada espécie de morcego, o hematófago, isto é, o que se alimenta com sangue. Os que se alimentam com insetos, frutas ou peixes não a transmitem. O Ministério da Agricultura há vinte anos luta acirradamente contra os morcegos hematófagos do Sul, responsáveis pela transmissão da raiva nas boiadas rio-grandenses.

— Os casos de transmissão da raiva ao homem, pelos morcegos, são frequentes?

— No Rio, parece-me, ainda não se registrou nenhum caso dessa espécie. Mas no interior, nas fazendas, a chupada do morcego hematófago é frequente.

CUIDADO COM OS CURANDEIROS

Antes de terminarmos a presente reportagem queremos apelar para aqueles que nos lêem, afim de que transmitam as pessoas de instrução inferior e aos analfabetos quais devem ser os primeiros cuidados no tratamento da mordida dos animais, estejam ou não raivosos. E se querem ajudar a acabar com a raiva nesta cidade, não estorvem a ação dos enfermeiros e médicos sanitaristas do Hospital Veterinário Municipal, na limpeza das nossas ruas de cães vagabundos, sem donos, ou que estejam desprovidos da mordida, obrigatória por lei. Lembrem-se que a vida de uma criança, que venha a morrer de hidrofobia, devido ao perigo permanente que oferecem os cães e gatos abandonados — vale mais, muito mais, do que toda a população canina e felina do mundo.

CORTAR O MAL PELA RAIZ

O que se deduz do trabalho ininterrupto e em volume cada vez maior do Instituto Pasteur é que este, isoladamente, nada pode fazer para diminuir o número de pessoas ameaçadas de hidrofobia no Rio. Somente uma

ação enérgica e constante do Hospital Veterinário pode diminuir e mesmo extinguir os animais raivosos. Na Inglaterra esta polícia sanitária foi aplicada com tamanha eficiência que, há muitos anos, não se registra, naquele país, um só caso de raiva ou hidrofobia. Caso único no mundo, conseguido com a obrigatoriedade da vacinação anual dos caninos e felinos. Esta vacinação no Rio é gratuita, mas quase ninguém a aproveita. Por outro lado, o Hospital Veterinário possui apenas dois carros para a apanha de cães e gatos vagabundos. Isto, numa cidade com a área do Rio de Janeiro e com uma população canina e felina estimada em quatrocentos mil animais, é mais do que insuficiente, é ridículo. E note-se que os dois carros fazem um grande serviço, pois recolhem mensalmente nada menos de oitocentos cães e gatos abandonados. Se o novo prefeito da cidade quiser exterminar para sempre o perigo de animais raivosos no Rio, deve aparelhar o Hospital Veterinário com mais auxiliares e maior número de caminhonetes. Quando isso acontecer, o número de pessoas que procuram o Instituto Pasteur diminuirá imediatamente e o aumento de verba dispendido com o hospital será compensado com a economia que se fará refletir no Instituto. Este número fantástico de quatro mil pessoas ameaçadas todos os anos de hidrofobia pode diminuir e desaparecer, se o senhor prefeito assim o entender. Ou então estará duplicado — como nos asseverou um médico do Instituto — se as coisas continuarem como estão no Hospital Veterinário. O total cada vez maior de pacientes atendidos atesta a imprevidência dos poderes municipais, que ainda não quiseram ou não souberam cortar o mal pela raiz. Pode o sr. Angelo Mendes de Moraes tornar-se um emulo de Oswaldo Cruz, extinguindo esse perigo constante que ameaça a população da nossa já tão sacrificada cidade.

Romance em 3 tempos

(Continuação da pág. 52)

dansa recentíssima. Rondo, discreto, pelos recantos e pelas adjacências do salão. A varanda está formigando de pares e de esperas. Jovelinda não está aí. Dou a volta para entrar pelo corredor interno do prédio do Penha-Clube. Justamente à entrada do corredor, que dá para a varanda, atrás do edifício encontrei, à meia luz, dois namorados com os olhos fixos um no outro, num enlevo que parecia ter parado o tempo; Eram Jovelinda e Inacinho...

★

Só sei dizer que, de volta do baile, não preguei mais os olhos durante a noite. E no dia seguinte, segunda-feira,

AGÊNCIA ZAMBARDINO

Rua Capitão Salomão, 67

Distribuidora desta revista na capital de São Paulo.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório de GUARAMIDINA

Às nove horas, ao iniciar minha aula de "latim", no Ginásio Italiano, não eram meninos o que eu via em frente: eram bandidos, bandidos da Calábria. Esbravejei pelo espaço de quarenta minutos. E ao fim da aula, não conformado com a desordem que eu descobria no meio da classe, passei de castigo, a mais de quinze dos "banditi", escreverem quatrocentas vezes o "At regina, gravi jamdudum saucia cura..." Bagunceiros!...

Entre os condenados, estava até o seráfico Giovanni Vico que hoje, passados anos, homem feito, sempre que me encontra, diz, entre recordações outras do Ginásio Italiano:

— "Mas... nunca pude compreender, professor, o motivo por que fui castigado naquela dia do "At regina..."

Neste mês vai sofrer outra vez?

Esta pergunta dirigimo-la a você, prezada leitora. A você que, como mulher, está sujeita todos os meses aos terríveis males resultantes do mau funcionamento de seus órgãos femininos. Terríveis males sim, porque, além de transformarem a sua existência num verdadeiro martírio, esgotam com rapidez a sua saúde, a sua mocidade, a sua beleza. Ponha um ponto final neste capítulo de amarguras. Não sofra mais neste mês e em nenhum outro mês de sua vida. O Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2, conforme o caso — afastará definitivamente os seus males, restituindo-lhe a saúde e com ela a beleza, a mocidade, a boa disposição física e moral. O Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes — o N.º 1 e o N.º 2 — de acordo com as naturezas diferentes dos males femininos. O N.º 1 se aplica nas regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fadiga, etc. O N.º 2 se aplica na falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc. O Regulador Xavier lhe dará saúde todos os dias do mês e todos os meses do ano.



PARA SUA CASA DE CAMPO

APRESENTAMOS HOJE AOS NOSSOS LEITORES UM SUGESTIVO MODELO DE "LIVING-ROOM", PROPRIO PARA UMA CASA DE CAMPO. O MOBILIÁRIO É COMPOSTO DE POLTRONAS FORRADAS EM LINDO DAMASCO DE ALGODÃO, UMA PEQUENA MESINHA E ESTANTES LAQUEADAS DE CÔR BRANCA. AO FUNDO UMA AMPLA LAREIRA. AS PAREDES DEVERÃO SER BRANCAS. CORTINAS DO MESMO DAMASCO DAS POLTRONAS E UM TAPETE DE LÃ BEIJE COMPLETAM A DECORAÇÃO DO AMBIENTE.

MOBILIARIOS — TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

ORÇAMENTOS GRATIS



65 .. RUA DA CARIOCA .. 67 .. RIO



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz

